

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS – CCHB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADE – DGTH**

Elisa de Paula Gonçalves

O Turismo Diaspórico como Prática de Aquilombamento

Sorocaba

2025

FOLHA DE ROSTO

Elisa de Paula Gonçalves

O Turismo Diaspórico como Prática de Aquilombamento

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado(a) ao Curso para obtenção do
título de Bacharel em Turismo da
Universidade Federal de São Carlos. Área de
concentração:

Orientação: Prof. Dr. Cesar Alves Ferragi

Sorocaba

2025

Paula Gonçalves, Elisa de
O Turismo Diaspórico como Prática de
Aquilombamento / Elisa de Paula Gonçalves --
2025. 102f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Cesar Alves Ferragi
Banca Examinadora: Viviane Melo de Mendonça,
Vanda Aparecida da Silva
Bibliografia

1. Turismo Diaspórico. 2. Identidade Negra. 3.
Aquilombamento. I. Paula Gonçalves, Elisa de. II.
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes
Mariano CRB/8 6979

FOLHA DE APROVAÇÃO

Elisa de Paula Gonçalves

Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos em formato de artigo: uma contribuição

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado(a) ao Curso para obtenção do título de Bacharel em Turismo da Universidade Federal de São Carlos. Área de concentração. Sorocaba, de de 2025.

Orientador(a)

Dr. Cesar Alves Ferragi

Universidade Federal de São Carlos

Examinador(a)

Dr. (a) Viviane Melo de Mendonça

Universidade Federal de São Carlos

Examinador(a)

Dr.(a) Vanda Aparecida da Silva

Universidade Federal de São Carlos

A todas as pessoas negras que esperam ser curadas das feridas do racismo. Que um dia a sociedade não nos separe pela cor da pele.

AGRADECIMENTO

Tenho muito pelo que agradecer.

Agradeço aos meus pais por todo incentivo ao estudo. Por todo suporte e liberdade que me deram para seguir minhas vontades e desejos. Espero que se orgulhem da filha que criaram para o mundo.

Agradeço ao meu irmão, que sempre me auxiliou na vida, seja acadêmica ou não. Que também me incentivou e teve paciência para lidar comigo. Motivo de orgulho e de inspiração, a primeira pessoa que sempre corro por auxílio em momentos de dúvidas e aflições.

Agradeço aos meus amigos, que me acompanharam por toda minha trajetória na universidade e apoiaram todas as escolhas que fiz para mim. Vocês tornaram essa caminhada muito mais tranquila de ser realizada, nos vemos juntos do outro lado.

Agradeço a UFSCar e ao curso de Turismo, por me dar a oportunidade de conhecer o que realmente é o turismo, e de crescer como pessoa e profissional. É deslumbrante ver o mundo de uma forma que nunca imaginei enxergar.

Agradeço ao meu orientador, que incentivou minha procura por um tema que fosse profundo e especial. Que aceitou este tema e esta orientanda e os tratou com tanto carinho e zelo. Obrigada por todos os momentos e incentivos durante a graduação.

E agradeço a mim, por nunca desistir do que acredito, por lutar pelo meu espaço no mundo. Por chorar, sorrir, amar e se dedicar a ser a pessoa que sou. Essa é para a pequena eu, que nunca imaginou estar aqui, mas que sempre sentiu que precisava dizer ao mundo como se sente.

Kuá cua toc nguê suba ná cá sobe lá béfá.
“O que é nosso não será tomado pela chuva.”
Provérbio tradicional de São Tomé e Príncipe.

RESUMO

Este estudo explora o turismo diaspórico como prática de aquilombamento, analisando seu impacto na reafirmação da identidade de pessoas negras. A partir de uma abordagem qualitativa, com entrevistas realizadas com brasileiros negros, investigamos como essas vivências promovem vínculos culturais e emocionais com a ancestralidade, fortalecem a autoaceitação e contribuem para a resistência frente ao racismo estrutural. O turismo diaspórico, enquanto prática de conexão com as raízes e comunidades da diáspora, revela-se uma estratégia transformadora para a saúde mental e a valorização da cultura afrodescendente. A pesquisa busca ampliar a compreensão sobre o papel do turismo na emancipação e pertencimento das comunidades negras.

Palavras-chave: turismo diaspórico, aquilombamento, identidade negra, saúde mental, resistência cultural.

ABSTRACT

This study explores diasporic tourism as a practice of "*aquilombamento*," analyzing its impact on affirming the identity of Black individuals. Using a qualitative approach, interviews with Black Brazilians were conducted to investigate how these experiences foster cultural and emotional ties to ancestry, enhance self-acceptance, and contribute to resistance against structural racism. Diasporic tourism, as a practice of connecting with roots and diaspora communities, emerges as a transformative strategy for mental health and the appreciation of Afro-descendant culture. This research seeks to expand the understanding of tourism's role in the resilience and belonging of Black communities.

Keywords: diasporic tourism, *aquilombamento*, Black identity, mental health, cultural resistance.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos entrevistados	31
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MTur Ministério do Turismo

OMT Organização Mundial do Turismo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
1. INTRODUÇÃO.....	14
2. METODOLOGIA.....	16
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
3.1. TURISMO DIASPÓRICO.....	19
3.2. SAÚDE MENTAL DE PESSOAS NEGRAS.....	23
3.3. AQUILOMBAMENTO.....	27
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	31
4.1. PERTENCIMENTO E AQUILOMBAMENTO.....	32
4.2. IDENTIDADE NEGRA.....	34
4.3. VIAGENS DE TURISMO DIASPÓRICO/AFRO-CENTRADAS.....	37
4.4. RACISMO.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS.....	46
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 1.....	48
APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 2.....	65
APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 3.....	76
APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 4.....	85
APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 5.....	98

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como tema compreender como o turismo pode ser utilizado para o fortalecimento da identidade de pessoas negras, por meio da valorização de sua história e do contato com as localidades de onde advieram seus antepassados. A escolha deste tema surgiu a partir de um sentimento pessoal de desconexão com a cor da pele.

Apesar de crescer em um ambiente com a presença de pessoas negras, havia uma ruptura na conexão com a cultura afro-brasileira, em razão do ambiente católico e da miscigenação, com a presença constante de pessoas brancas no círculo familiar e acadêmico. A ausência de amigos negros e o contato com a narrativa da falsa benevolência dos brancos ao levar "avanço tecnológico" para as tribos do continente africano contribuíram para a construção de um sentimento de não identificação com a cor da pele e para a falta de compreensão da própria história.

No entanto, como descobrir a história de origem da própria família quando ela é marcada pela escravidão e pela perda de informações sobre suas raízes? Esse questionamento se aprofundou após assistir ao filme *A Mulher Rei*, protagonizado pela atriz Viola Davis, que retrata a história de um grupo de mulheres do reino de Dahomey (atual Benin) em sua resistência contra os colonizadores portugueses. A partir da narrativa do filme, surgiu o interesse em conhecer mais sobre este porto de onde os escravizados eram levados do continente africano, o que despertou novas perguntas: "Será que outras pessoas negras também têm curiosidade em descobrir suas origens ancestrais?", "Será que outras pessoas negras também enfrentam dificuldades para se afirmarem como negras?", "Será que o turismo pode ajudar a criar um sentimento de conexão com suas raízes?".

Com essas inquietações em mente, definiu-se o tema deste trabalho de conclusão de curso, que busca investigar até que ponto o turismo pode ser um instrumento para valorizar questões étnico-raciais. Procurando salientar dúvidas pessoais e de outras pessoas negras que compartilham esse sentimento de desconexão e desejo de compreender suas origens.

1. INTRODUÇÃO

O turismo, segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), é definido como um conjunto de atividades realizadas por pessoas durante suas viagens e estadas em lugares distintos do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com fins de lazer, negócios ou outros propósitos. No entanto, para além da perspectiva econômica e recreativa, o turismo também assume um papel cultural e identitário fundamental, sobretudo para grupos historicamente marginalizados, como a população negra no Brasil e na diáspora.

O Brasil, um dos países com maior população negra fora da África, carrega as marcas profundas da escravidão e do racismo estrutural, que impactam diretamente a forma como a identidade negra é vivenciada e valorizada. O racismo, institucionalizado e reproduzido em diversas esferas da sociedade, reflete-se também nas experiências de viagem, na construção da memória coletiva e nas oportunidades de conexão com a ancestralidade.

Nesse contexto, o turismo diaspórico surge como uma ferramenta de resistência e ressignificação da identidade negra. A busca por espaços de memória, territórios quilombolas e comunidades afro-diaspóricas proporciona não apenas um reencontro com as raízes, mas também um fortalecimento coletivo baseado no reconhecimento histórico e na troca de experiências.

O conceito de aquilombamento, historicamente associado às comunidades formadas por pessoas negras fugidas da escravidão, transcende o aspecto territorial para se tornar uma prática social e política de fortalecimento. Como demonstrado por diversos estudos, aquilombar-se é criar redes de segurança, de pertencimento e de resistência frente às violências cotidianas impostas pelo racismo.

Através das entrevistas realizadas nesta pesquisa, observou-se que a experiência de viajar para lugares marcados pela história da diáspora africana provoca impactos profundos na autoestima, na percepção de pertencimento e na construção de uma identidade positiva. O contato com espaços onde a população negra é majoritária e protagonista cria uma nova dimensão de existência, permitindo que viajantes negros ressignifiquem sua própria história e seu lugar no mundo.

Ademais, relatos de discriminação e racismo vividos durante viagens, seja no Brasil ou no exterior, revelam a persistência de barreiras estruturais que limitam o acesso pleno da população negra às experiências turísticas. Episódios de exclusão, vigilância excessiva e questionamentos sobre pertencimento reforçam a necessidade de um olhar atento sobre como o turismo pode ser, ao mesmo tempo, um espaço de acolhimento e de enfrentamento ao racismo.

Dessa forma, este trabalho se justifica como uma contribuição acadêmica para a temática de turismo diaspórico e aquilombamento no Brasil, assim como se pauta nas experiências pessoais da autora, que enfrenta o processo de alienação, descrito na revisão de literatura, como uma das consequências do racismo estrutural no Brasil e que está ligado à negação da identidade e das raízes africanas, o que contribui para a desvalorização da autoestima e para o sofrimento psíquico.

Portanto, o estudo tem como objetivo central examinar o turismo diaspórico como prática de aquilombamento e seu impacto na reafirmação da identidade de pessoas negras, buscando, a partir desse ponto, entender como as vivências de turismo diaspórico facilitam a criação de vínculos culturais e emocionais com a ancestralidade, auxiliam na autoaceitação, no orgulho e na valorização da história e cultura negras, e como servem de resposta aos efeitos do racismo estrutural, bem como compreender como o contato com os lugares e as comunidades da diáspora funciona como prática de aquilombamento.

Através do diálogo com experiências reais e com referências teóricas, propõe-se uma reflexão sobre o papel do turismo como ferramenta de resistência, pertencimento e afirmação histórica para a população negra.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa tem caráter exploratório e qualitativo, com estudos direcionados ao fenômeno do turismo diaspórico, mais especificamente na perspectiva de brasileiros e brasileiras negras que visitam África ou lugares da diáspora africana, sobre a ótica do aquilombamento. São priorizadas em nossa referência bibliográfica autores negros, bem como outros autores de interesse.

A primeira parte da pesquisa busca introduzir termos comumente vistos no conceito de Turismo Diaspórico, com vistas a entender suas nuances. A seguir, é explorado o conceito de aquilombamento e do racismo, a partir da introdução dessas definições, o presente trabalho co-relaciona esses conceitos.

A segunda etapa consiste em entrevistas com indivíduos brasileiros negros e negras que realizaram o afro-turismo, seja dentro do Brasil ou em países africanos. Foram realizadas cinco entrevistas em janeiro de 2025. A seleção dos entrevistados ocorreu por meio de contatos do professor orientador, sendo alguns deles amigos e outros voluntários que se ofereceram para participar após um pedido em um grupo de viagens voltado para pessoas negras. Eles pertencem a uma classe social diferente daquela à qual a maior parte da população afro-brasileira pertence, trazendo a reflexão sobre onde estão os pretos e quais são suas oportunidades de praticar o turismo diaspórico.

A terceira etapa se resume em comparar os resultados das entrevistas com o referencial teórico levantado, com vista a elucidar uma perspectiva brasileira sobre diáspora africana no Brasil, suas intersecções com o turismo e o aquilombamento.

Por fim, levantamos considerações finais sobre as intersecções entre turismo diaspórico e aquilombamento, sobretudo em relação à conscientização e necessidade de políticas públicas nessa área, sobretudo considerando-se aspectos do racismo estrutural no Brasil e seus impactos na saúde mental de homens e mulheres negros.

Este trabalho foi inteiramente elaborado pela autora, mas contou com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial generativa. ChatGPT (versão 4o) foi usado entre outubro de 2024 e janeiro de 2025 para gerar ideias, propor referências bibliográficas, fazer resumos de anotações humanas e para a revisão textual. A ferramenta Read.IA (versão gratuita) foi utilizada para gravar reuniões de orientações, gerando resumos e sugerindo tarefas. E a ferramenta TurboScribe (versão limitada) foi usada para transcrever as entrevistas, tendo uma

revisão feita pela autora para correção de possíveis erros. Após o uso destas ferramentas, a autora e o orientador revisaram e editaram o conteúdo em conformidade com o método científico e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico desta pesquisa será constituído por artigos que discutem a questão do aquilombamento, bem como a saúde mental de pessoas negras e como afeta sua identidade, focando essencialmente em como a prática do turismo diaspórico para pessoas negras se torna uma forma de aquilombar-se, auxiliando em sua autoaceitação e valorização.

Começamos definindo o que é turismo. O turismo é uma atividade gerada pelo deslocamento de pessoas, voluntário e temporário, para fora dos limites de sua residência fixa, por qualquer motivo, exceto exercer atividade remunerada no local que visita (Glossário do Turismo, Dados e Fatos). É uma abrangência das ciências sociais, além dos aspectos históricos, econômicos, psicológicos, sociológicos, antropológicos e jurídicos.

Dada a sua amplitude, o turismo pode ser dividido em segmentações turísticas, que segundo o Ministério do Turismo do Brasil (MTur) entende-se “como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e também das características e variáveis da demanda” (p. 3, 2010a).

Os segmentos considerados pelo MTur são: Ecoturismo; Turismo Cultural; Turismo de Estudos e Intercâmbio; Turismo de Esportes; Turismo de Pesca; Turismo Náutico; Turismo de Aventura; Turismo de Sol e Praia; Turismo de Negócios e Eventos; Turismo Rural; Turismo Gastronômico; Turismo Religioso; e Turismo de Saúde. Cada um com suas ramificações.

Para o presente estudo, o segmento de turismo focado será o Turismo Cultural, que engloba as atividades que se relacionam com a vivência de elementos que são importantes para o patrimônio histórico e cultural, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura (MTur, p. 13) e que pode ser definido por Silberberg (1995, p. 361), em “*Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites*”, como a visita de pessoas externas à comunidade anfitriã, motivadas total ou parcialmente pelo interesse em aspectos históricos, artísticos, científicos, culturais, de estilo de vida e de herança proporcionados por uma comunidade, região, grupo ou instituição. Este segmento pode ser subdividido em outras ramificações, como o Turismo Étnico, que se constitui da experiência em contato direto com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos, buscando

estabelecer contato com a comunidade anfitriã, essas atividades podem também se mostrarem como uma busca pelas próprias origens do turista, em retorno às tradições de seus antepassados (MTur, p. 17-18). Essa busca pelas origens pode ser dividida em outras subcategorias como o turismo de raízes, turismo de legado ou genealógico, turismo de ancestralidade e o turismo de diáspora/diaspórico.

3.1. TURISMO DIASPÓRICO

O turismo diaspórico está entrelaçado entre outras terminologias, como citado anteriormente, sendo o turismo de raízes, turismo de ancestralidade e o turismo genealógico, que compõem o turismo étnico.

Sobre a definição de turismo de diáspora, temos a definição encontrada por Patricia de Santana Pinho (2018) em seu artigo “Turismos diaspóricos: mapeando conceitos e questões”, onde, a partir do antropólogo James Clifford (1997), define-se diásporas como comunidades expatriadas que se dispersaram de sua terra natal para, pelo menos, dois locais distintos. Essas comunidades mantêm sua conexão com o país de origem por meio de memórias, mitos e laços entre seus membros. Segundo o autor, esses indivíduos não se sentem completamente aceitos nos lugares onde residem, o que os leva a desenvolver uma forma de lealdade e solidariedade em relação à sua terra natal.

O texto de Pinho (2018) traz conceitos relevantes para o desenvolvimento deste trabalho ao abordar o conceito da prática do turismo diaspórico em estudos acadêmicos, traduzindo o que tem sido desenvolvido nos países do Norte. Retomando a definição de Clifford (1997 apud Pinho, 2018), destaca-se que as diásporas não se referem apenas à terra de origem como ponto de referência, mas também às conexões laterais entre as comunidades dispersas, que estabelecem vínculos e identidades além do território original.

A autora ressalta a importância de reconhecer que o termo “turismo de diásporas” foi definido pelos geógrafos Tim Coles e Dallen Timothy em seu livro *Tourism, Diasporas and Space (2004)*, uma coletânea de artigos sobre as práticas do turismo para e por comunidades diaspóricas. Eles definiram o conceito de turismo de diáspora como “um tipo de turismo prioritariamente produzido, consumido e vivenciado por comunidades diaspóricas” (Pinho, 2018, p.117 apud Coles e Timothy, 2004, p.1). É relevante a ênfase da autora ao determinar que os turistas diaspóricos não se limitam às visitas à terra de origem, mas incluem viagem para os locais onde se estabeleceram descendentes. Exemplos da diáspora africana incluem

países do continente americano. Pode-se denominar turismos diaspóricos “laterais” as visitas entre comunidades diaspóricas; a autora utiliza, por exemplo, o turismo de raízes dos afro-americanos no Brasil.

O turismo de raízes, pode ser entendido como um subtipo do turismo diaspórico, ainda que suas características possam corresponder com outros subtipos, como o turismo de legado, que, como abordado por Andre Kohler (2019) em “Turismo Cultural: Principais Tipos Segundo A Motivação Dos Turistas”, o turismo de legado são quando turistas viajam para coletar informações sobre sua área genealógica, e/ou para se sentir ligado a seus ancestrais. O conceito de turismo de raízes é utilizado pelo antropólogo Paul Basu (Pinho, 2018, p. 118 apud Basu, 2006) para descrever viagens que descendentes escoceses realizam à Escócia em busca de raízes genealógicas (turismo genealógico) e para reconstruir sua memória coletiva. A motivação é visitar destinos e atrações que os turistas classificam simbolicamente como seus ou de parte da sua identidade (McCain e Ray, 2003). De acordo com Higginbotham (2012), citado por Kohler (2019, p. 16), os turistas de legado viajam para a terra dos ancestrais em busca de um senso de pertencimento e de identidade, por mais que a ligação tenha sido perdida há muito tempo. Ou seja, o turismo diaspórico pode ser encaixado em outros subtipos, porém nem todos os outros subtipos se encaixam no turismo diaspórico.

Pinho (2018) reflete concordância com o conceito de turismo de raízes de Basu para entender o turismo dos afro-americanos, na Bahia, pois parte do argumento de

que estes turistas concebem as suas identidades como tendo sido interrompidas pela perda de suas raízes culturais e familiares. Sentem que precisam, portanto, viajar em busca dessas raízes para que possam, de fato, “enraizar” as suas identidades tanto nas culturas locais quanto nas relações de parentesco sanguíneo ou simbólico que essas viagens possibilitam. (Pinho, 2018, p.118)

Assim, segundo Pinho, a Bahia se torna, para os turistas afro-americanos, um espaço de raízes culturais, configurando como vários lugares podem ser simultaneamente importantes para as identidades dos turistas, ainda que com significados distintos, mas interligados. O Brasil se torna uma representação de uma “África mais próxima”, onde é possível encontrar raízes culturais africanas que, embora perdidas entre os afro-americanos, são “preservadas” pelos afro-brasileiros. Todavia, esse pensamento também pode ser observado de maneira inversa, como uma via de mão dupla. Enquanto o Brasil é visto como um “museu vivo” de culturas, os Estados Unidos são vistos pelos turistas afro-brasileiros como uma realidade onde as pessoas negras possuem maior relevância social.

Define-se, então, de acordo com Pinho (2018), que o turista diaspórico é movido pelo desejo de conhecer como vivem ou viveram seus “pares”, seja na terra de origem dos antepassados ou nos pontos laterais da diáspora. Essa prática é relevante pois, conforme uma agente de viagens afro-americana entrevistada pela autora, “[...] Isso fortalece a nossa autoimagem, o nosso orgulho, o entendimento da nossa própria história e a consciência de que não estamos sozinhos”. Este é o objetivo desta pesquisa: compreender o turismo diaspórico e suas características para promover autoestima, especialmente entre pessoas negras.

Outro ponto interessante apontado por Pinho (2018) é que existem frustrações e decepções em relação a esse tipo de viagem. Em suas entrevistas, ela encontrou grande insatisfação entre os turistas afro-americanos com o nível de pobreza e o limitado poder político dos afro-brasileiros. Ela explica que, apesar da enorme “riqueza cultural” dos afro-brasileiros, nós precisamos percorrer as etapas que os afro-americanos já superaram nos Estados Unidos, o que explicaria sua maior riqueza material e organização política. A autora conta que eles achavam que com nossa grande população negra teríamos conseguido usar o poder da nossa cultura para deter um maior poder político. Em suas pesquisas, a autora encontrou depoimentos de turistas que esperavam encontrar no Brasil uma “população negra grande e avançada”. O discurso enfatizado pela autora, de que os negros brasileiros são representados como sendo “menos desenvolvidos” que os negros estadunidenses se alinha, segundo o texto, com o discurso que representa o Brasil como um lugar ideal para se encontrar as raízes, uma vez que ambos posicionam o Brasil no passado.

É importante questionar a visão de que as raízes culturais do Brasil refletem um “menor desenvolvimento” da população negra. Deve-se considerar a significativa diferença entre as experiências de escravidão e de pós-abolição nos dois países. No Brasil, não houve uma separação física de “raças” como ocorreu nos Estados Unidos, onde prevalece uma abordagem dicotômica, com a existência de uma cultura definida como de *white people* e *black people* (por exemplo, música de branco e música de negro). Entretanto, no Brasil, a separação social foi igualmente violenta e persiste até hoje sob a forma do chamado “racismo estrutural”. Além disso, a glorificação dos Estados Unidos como potência e sua visão do Brasil como um país “atrasado” deve ser contestada. Compreender as razões dessa realidade é mais produtivo do que emitir julgamentos sem embasamento.

Visto a definição e a prática do turismo diaspórico, observa-se o artigo “*Travels to an ancestral past: on diasporic tourism, embodied memory, and identity*” (Tradução livre:

Viagens a um passado ancestral: sobre turismo diaspórico, memória corporal, e identidade) da autora Naomi Leite (2005), que revela características importantes desse tipo de turismo como uma prática de identidade, objetivo também do aquilombamento, amplamente discutido nos tópicos seguintes, e que resulta na identificação de pessoas negras ao realizar um resgate cultural afrocentrado, proporcionando uma sensação de pertencimento ao local e ao próprio corpo. Assim, o turismo diaspórico realizado por pessoas negras, como prática de identidade, configura-se como um ato de aquilombamento.

De acordo com o artigo, Leite (2005) interpreta o turismo diaspórico como a cura de um trauma: a separação da terra natal através do deslocamento, desapropriação ou exílio permanente. Contudo, o retorno desejado pelos turistas é impossível, pois essa pátria desejada existe no passado; então, essa viagem se torna não só para ver “como era” mas também para experiências e memórias no agora.

A ideia central deste trabalho é trazida pela autora ao referir-se a Poria et al. (2003) e Wearing (2002, p. 239-41) onde se aponta que esse tipo de turismo aqui não é motivado pelo desejo de fuga da realidade, mas sim por uma série subjacente de propósito e envolvimento emocional que o diferencia dos modos mais comuns de viagem de lazer. Precisamos compreender que o comportamento de cada turista está ligado ao seu contexto de visão de mundo, revelando o turismo de diáspora como busca existencial e identitária.

Os destinos de visitação não precisam ter sido habitados pelos antepassados diretos do turista, já que, é quase impossível de saber com precisão quando e de onde os seus antepassados deixaram África. De acordo com Kugelmass (1992) citado por Leite (apud 2005, p. 282) esses locais visitados funcionam como metonímias, fragmentos mnemônicos não apenas das experiências históricas ali ocorridas, mas também de toda a vida perdida da população pré-diáspora.

É pelo passado ser recordado coletivamente, pertencente à diáspora como um todo, que as viagens funcionam como uma prática de identidade. Leite (2005) argumenta,

“Lembrar” o que aconteceu aos membros de um grupo com o qual nos identificamos, no passado ou no presente, é um aspecto fundamental da experiência de pertencimento (Olick e Robbins 1998:122-126). Como Eviatar Zerubavel afirma de forma convincente, “ser social pressupõe a capacidade de vivenciar eventos que aconteceram em grupos e comunidades aos quais pertencemos muito antes de nos juntarmos a eles, como se fizessem parte do nosso próprio passado” (Zerubavel 1996:290 apud 2005, p. 283).

Concluindo seu artigo, trazendo a cerne deste trabalho, Leite (2005) enfatiza que o “retorno” do turismo diaspórico é uma viagem a uma paisagem de memória, ao mesmo tempo também é física, onde a presença corporal e o envolvimento sensorial são elementos importantes para a redescoberta. Essas viagens envolvem uma interação complexa e ocasionalmente mística de passado e presente, imaginação e corporificação, espiritualidade e fisicalidade. Os relatos dos viajantes apresentados sugerem que, para muitos, a viagem tem um impacto duradouro, tanto na compreensão das suas origens como na sua identidade no presente.

Especialmente para aqueles que se sentem desligados das suas “raízes” ancestrais, o turismo deste tipo pode proporcionar um novo sentimento de pertença, uma ligação experiencial a um lugar que se pode chamar de “lar” – mesmo que esse lar já não exista fisicamente. (2005, p. 297).

3.2. SAÚDE MENTAL DE PESSOAS NEGRAS

A saúde mental pode ser afetada por diferentes fatores que culminam no desenvolvimento de doenças psicológicas, como depressão, ansiedade, entre outras. Um dos principais fatores pode ser a violência, e o racismo é um tipo de violência — às vezes direto e às vezes velado. Trata-se de uma violência exercida sob uma perspectiva mais complexa, na qual a população afrodescendente brasileira se vê induzida à alienação e à negação da própria natureza humana, o que, conseqüentemente, gera sofrimento psíquico (Alves; Jesus; Scholz, 2015 apud Araujo e Soares, 2023).

Vamos definir o racismo. Segundo o dicionário de Oxford Languages, racismo é o preconceito, discriminação ou antagonismo por parte de um indivíduo, comunidade ou instituição contra uma pessoa ou grupo devido à sua pertença a um determinado grupo racial ou étnico, tipicamente marginalizado ou em situação de minoria. No Brasil, a manifestação do racismo sofreu transformações e, hoje, não ocorre por meio de ataques diretos, mas sim de forma velada, sendo representado pela exaltação da branquitude e pela desvalorização de pessoas negras devido à cor da pele e aos traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais (Oxford Languages, 2024).

Como abordado no artigo “Dores, Medos e Abandonos: As Implicações do Racismo na Saúde Mental de Pessoas Pretas”, das autoras Dandara Silva Araujo e Maria Zilda Silva Soares, o racismo não é um ato isolado da vontade individual, mas sim um sistema de opressão que nega direitos, e reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser opressivo, uma vez que ele está enraizado em nossa sociedade.

O Racismo Estrutural, portanto, é uma maneira ainda mais branda e por muito tempo imperceptível, essa forma de Racismo tende a ser ainda mais perigosa por ser de difícil percepção. Trata-se de um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas embutido em nossos costumes e que promove, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial (Porfirio, 2022 apud Araujo e Soares, 2023, p. 239).

Elas procuraram compreender, neste artigo, os impactos do racismo estrutural na saúde mental de pessoas negras, sob uma perspectiva tanto psicológica quanto social. Segundo elas, a psicologia seria a área mais adequada para analisar os fenômenos subjetivos ligados aos processos de identificação individual e coletiva do sujeito negro e aos processos de construção de sua autoestima.

As autoras destacam a necessidade de refletir sobre a representatividade negra na psicologia, ressaltando a importância da presença de pessoas negras no meio acadêmico para promover o debate e estimular o estudo sobre o tema. Essa perspectiva também pode ser aplicada aos estudos sobre turismo, considerando seu potencial para se transformar em uma ferramenta de valorização e cura, a depender de como é praticado.

O texto aponta que o deterioramento da saúde mental e da autoestima de pessoas pretas resulta de uma construção social muito antiga. Esse processo começa com a criação do termo “raça”, que foi baseado nas classificações das ciências biológicas, pelas quais os seres vivos eram categorizados, e que nas ciências humanas, grupos humanos passaram a ser separados por características genéticas e fenotípicas. No entanto, o termo “raça” não é fixo: “seu sentido está diretamente ligado às circunstâncias históricas em que é utilizado, ou seja, por trás da raça há sempre contingências, conflito, poder e decisão, sendo assim, se trata de um conceito relacional e histórico” (Araujo e Soares, 2023, p. 241)

Sendo assim, o conceito de raça emerge de circunstâncias históricas e políticas. Foram essas circunstâncias que, no século XVI, trouxeram a ideia de que as etnias consideradas de “maior desenvolvimento evolutivo” deveriam civilizar, tutelar ou absorver as etnias “inferiores”. A partir dessa ideologia, moldou-se a sociedade colonial brasileira, que posicionava a etnia branca ariana em uma autodeclarada posição de conquistadora e as demais etnias como conquistadas (Piza, 2014)

Essas teorias racialistas, que promoviam a ideia de uma superioridade racial de um grupo sobre os demais, serviram como justificativa para a escravidão e para as mais variadas formas de racismo. É nesse contexto que a miscigenação entra no cenário brasileiro, como uma política de homogeneização biológica voltada para a construção da identidade nacional.

Ela trouxe a ideologia do branqueamento, sustentando a crença no surgimento de uma “nova raça brasileira”, de fenótipo mais claro e predominantemente branco, mas geneticamente mestiça (Santos, 2019 apud Araujo e Soares, 2023, p. 241).

Araujo e Soares (2023) refletem que essas atitudes e comportamentos levaram pessoas negras à alienação e à negação da própria natureza, induzidas pelo ideal do branqueamento. Esse ideal afeta inconscientemente o processo de construção da identidade do ser negro individual e coletivo, resultando frequentemente em uma baixa autoestima entre a população negra e na supervalorização idealizada da população branca. Assim nasce a ideologia do branqueamento que se mostra como,

uma pressão cultural exercida pela hegemonia branca, sobretudo após a abolição da escravatura, para que o negro negasse a si mesmo, no seu corpo e na sua mente, como uma espécie de condição para se integrar na nova ordem social. A ideologia do branqueamento podia ser compreendida como um Darwinismo Social, que apostava na seleção natural em prol da purificação étnica, como um tipo de discurso que atribui aos pretos o desejo de branquear ou de alcançar os privilégios da branquitude por inveja, imitação e falta de identidade étnica positiva. (Araujo e Soares, 2023, p. 242)

Dessa forma, a hipótese seria que a ideologia do branqueamento trouxesse uma influência negativa, dificultando a construção política de uma identidade negra e diminuindo a capacidade de mobilização junto a outras comunidades negras. Isso faz com que até mesmo pessoas pretas com ensino superior e posições ocupacionais elevadas admitissem sofrer pressões para baixo, desenvolvendo medo da rejeição, desconfiança na eficácia do movimento negro, dificuldades na definição de sua identidade étnica, além de vergonha da própria aparência e no Brasil existir a preferência por relacionamentos afetivos com brancos, mostrado posteriormente no relato da Entrevistada 1, buscando assim a tão almejada aceitação.

Para Djamila Ribeiro (2019) em *Pequeno Manual Anti Racista*, essa divisão social e a falta de reflexão sobre o tema são a base da perpetuação do sistema de discriminação racial. Por ser naturalizado, essa forma de violência se torna comum, reduzindo as pessoas pretas a estereótipos ao invés de reconhecê-las como seres humanos e “parafraseando Simone de Beauvoir, não há crime maior do que destituir um ser humano de sua própria humanidade” (Araujo e Soares, p. 242)

De acordo com as autoras, o racismo então se mostra como um agente imobilizador, cuja função é manter o privilégio do branco como um projeto cada vez mais consistente, dominador, excludente. Isso levanta a questão sobre o quanto o racismo impede a mobilidade

social da população negra. Silvio Almeida (2019) mostra que o racismo também faz parte do complexo imaginário social, sendo constantemente reforçado a todo momento pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional, que consolidam essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes” (Almeida, 2019, p. 41-42).

Ao abordar as implicações do racismo na saúde mental de pessoas pretas sob a perspectiva da psicologia, as autoras explicam que esses fatores sociais, construídos e estabelecidos historicamente, se fundamentam a partir da teoria da exclusão moral, “cujo princípio vem da desvalorização do outro como pessoa, assim os excluídos moralmente são considerados indignos e, portanto, passíveis de exploração, trazendo como consequência o genocídio e a discriminação” (Sawaia et al., 2001 apud Araujo e Soares, p. 246)

A exclusão moral atua como um processo de desvalorização do outro como pessoa. Dessa forma, o sofrimento da pessoa preta passa a ser negligenciado quando a exclusão moral é estabelecida. A teoria científica deve ser embasada no fato de que a origem dessa angústia é diferente do considerado “padrão”, pois ela se manifesta em uma estrutura silenciosa e concreta de uma sociedade que recusa a existência do Racismo e da dor consequente (Martins, 2019 apud Araujo e Soares, p. 246).

Assim, muitos estudos demonstram a preocupação com os impactos da ideologia do branqueamento sobre as pessoas negras no Brasil. Na militância negra, evidencia-se a dificuldade da identificação racial, o que denuncia a baixa autoestima e a dificuldade de se opor à discriminação racial (Carone, 2014). Além disso, observa-se a negação da própria racialidade em detrimento de uma adequação à sociedade branca e embranquecedora, o que evidencia os prejuízos psicossociais sofridos na construção da identidade do grupo e individual da parcela preta da população sob o impacto do racismo. (Piza, 2014).

Araujo e Soares concluem, com base nos estudos realizados por Ramos-Oliveira, Magnavita, Oliveira (2017), que muitos são os precedentes que podem levar um grupo étnico e/ou minoritário a desenvolver um estado de ansiedade, depressão e/ou outros transtornos mentais em função de episódios estressantes vivenciados, como as adversidades do ambiente e da vida social (exemplo, uma experiência de Racismo). Portanto, as autoras chegam na determinação do racismo como agente gerador de sofrimento,

tratando-se de uma exposição a agentes agressores que afetam a mente provocando tal rigidez mental a partir de estigmas, preconceitos, estereótipos e discriminação racial cristalizada na sociedade brasileira e vivenciado cotidianamente pela pessoa preta. De acordo com Fanon (2008), isso decorre de uma crise existencial de saber que ao estar submerso em uma sociedade de brancos, haverá uma série de discriminação em torno de julgarem-no como não civilizado, feio, assustador e outros adjetivos pejorativos, conforme previamente isso já ocorreu – entendendo-se que estar destoante aos padrões da branquitude significaria um desvio de comportamento ou até mesmo de aparência física. (Araujo e Soares, 2023 p. 250)

Finalizo este tópico com um parágrafo da conclusão de Araujo e Soares (2023), que exemplifica como o sofrimento mental é real e constante para pessoas negras e que ainda é pouco discutido na psicologia, como apontado pelas autoras ao longo do texto, e na sociedade.

Como fica a mente da menina preta que sofreu bullying em sua infância por causa de sua cor, seus traços, sua natureza? Como fica a mente da mulher preta, mãe, que diariamente espera seu filho, também preto, em casa, sem saber se o ônibus atrasou ou se seu filho está jogado, sem vida, em alguma ruela? Como fica a mente do rapaz preto que voltando da faculdade é atirado no chão por policiais e não sabe se sairá vivo daquela situação? Como fica a mente daquela mulher preta, que trabalha como empregada doméstica e foi abusada pelo patrão? Como fica a mente do homem preto, pai, que tem que explicar ao filho de 9 anos como deve se portar, pois qualquer comportamento seu será julgado indevido e poderá lhe custar a vida? Como fica a mente da pessoa preta que vive uma vida de dores, medos e abandonos? (Araujo e Soares, 2023, p. 252)

3.3. AQUILOMBAMENTO

Começo este tópico com a fala do fotógrafo e ativista negro brasileiro Januário Garcia: “Existe uma história do negro sem o Brasil. O que não existe é uma história do Brasil sem o negro”. É fato que o Brasil nasceu de uma nação escravocrata, fundada pelas mãos de escravizados e que, ainda hoje, se sustenta por estruturas racistas.

Assim surgem os quilombos, espaço que abrigavam pessoas negras escravizadas em fuga, os quais não simbolizavam desistência, mas uma estratégia de sobrevivência, como mostrado por Kabengele Munanga (1996, p. 63), que destaca que esses territórios, reconstruídos pelos escravizados como uma forma para se opor à estrutura escravocrata. Eles imitavam os modelos africanos e transformavam-se em campos de iniciação à resistência, abertos a todos os oprimidos da sociedade, prefigurando um modelo de democracia plurirracial.

Mesmo após a abolição de 1888, a percepção e o tratamento da sociedade em relação à população negra não mudaram. No artigo de Thaís Rimoli, Ana Paula Bragança dos Santos,

Laurenice Pires e Ernani Costa Mendes intitulado “Aquilombamento como ferramenta de resistência e promoção da saúde da população negra”, o aquilombamento se entende como

[...] um movimento histórico, político e cultural que resgata e valoriza saberes ancestrais na resistência e sobrevivência diárias do povo negro, bem como na construção do futuro dessa população em consonância com o pensamento de Beatriz Nascimento, no qual a unificação e agregação do povo negro já é em si um quilombo, cujo nome significa união. (pg.2).

O Aquilombamento emerge como forma de resistência e (re)existência da população negra. As autoras afirmam que é uma experiência que permite o resgate coletivo e individual de ser, em um mundo em que o racismo negou a plena existência da pessoa negra enquanto sujeito. Aquilombar-se é, portanto, “o ato de ampliar as possibilidades de existir, viver, amar, criar, educar a partir de um corpo político, um corpo que inventa a sua posição no mundo.” (Souto, S., 2021, p. 92). Essa prática surge como forma de superar o trauma causado no passado e no presente que as pessoas negras enfrentam. É o que a autora Grada Kilomba, em seu livro “Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano” define como um “trauma colonial de separação” que é curado diariamente quando as pessoas negras se assumem irmãs e irmãos e se cumprimentam mesmo sem se conhecerem, apenas reconhecendo o passado em comum.

Kilomba (2019) argumenta que essa reconexão criada permite que pessoas negras criem novos cenários e memórias, substituindo a perda e o isolamento racial por sentimentos de pertencimento. Esse resgate cultural afrocentrado, promove a saúde, segundo as autoras, pois, na medida que o indivíduo se reconhece como parte integrante de uma coletividade, pode perceber e aceitar a si mesmo, promovendo mudanças individuais e coletivas. “É a partir do contato com outras pessoas que se faz possível conhecer as próprias necessidades e sentimentos e só então torna-se possível amar.” (Rimoli, Santos, Pires, Mendes, 2023, pg. 3).

No livro, Kilomba também aborda o conceito de “tornar-se sujeito”, onde a pessoa negra passa por todo um processo de entendimento sobre o trauma que a escravização, o colonialismo e o racismo estrutural causaram na sua existência como pessoa e sobre sua negritude. Como dito por ela, “o racismo não é um problema pessoal, mas um problema branco estrutural e institucional que pessoas negras experienciam” (p. 204), experiências que ela define como racismo cotidiano - “acúmulo de eventos violentos que revelam um padrão histórico de abuso racial.”(p. 215) - e que também é visto como racismo estrutural, que se relaciona e completa o pensamento da autora sobre o racismo cotidiano, que aprisiona a pessoa negra em uma ordem que o força a existir apenas através da presença do branco.

Para curar-se do racismo a pessoa negra precisa tornar-se sujeito. Para Kilomba (2019), a pessoa precisa passar pelo que ela define como cinco mecanismos de defesa do ego: a negação, que protege o sujeito da ansiedade e o força a falar como o opressor “não existe racismo”, “não existem diferenças em nossa sociedade”, “não existe racismo”; A frustração é a fase seguinte, onde a pessoa chega à conclusão de sua privação no mundo branco e sente-se insatisfeito porque percebe que não tem as mesmas oportunidades que os brancos, “embora digam que somos todos iguais, sou tratada/o de forma diferente”; A próxima fase é a ambivalência, onde a pessoa convive com sentimentos ambivalentes. Em relação aos brancos, sente raiva e culpa, nojo e esperança, confiança e desconfiança e em relação às pessoas negras sente orgulho e culpa, solidariedade e vergonha, confiança e dúvida, uma etapa importante para a fase de identificação; A identificação é o processo que o sujeito “assimila um aspecto do outro e é transformado, total ou parcialmente, segundo o modelo que o outro fornece” (Laplanche e Pontalis, 1988, p. 205 apud Kilomba, 2019, p. 237), ou seja, a pessoa negra inicia um processo de identificações com outras pessoas negras, seja por suas histórias, experiências, conhecimentos, etc., onde percebe-se que ao se identificar positivamente com sua negritude, cria-se um sentimento de segurança interior e ao autorreconhecimento, que se mostra como uma prática do aquilombamento, alcançando o estado de descolonização, onde como define a autora: somos o eu, somos sujeito, somos quem narra, somos autores e autoridades da nossa própria realidade.

Esse processo de identificação e descolonização (aquilombamento) pode ocorrer através do contato com a produção cultural negra que foi criada a partir das tribos diaspóricas africanas que chegaram ao Brasil. Stephanie Silva de Souza Souto em “Aquilombamento: Um referencial negro para uma gestão cultural insurgente”, aborda que existe um esforço pela criação de um "lugar de origem imaginado", um espaço seguro capaz de fundar uma noção de pertencimento na diáspora, que são pautados na ancestralidade, inovação e na noção de origem. Com citações de autores como Hall, Franz Fanon e Kilomba, Souto (2021) percebe que, ao tratar da construção e afirmação das identidades culturais negras no Brasil, ou em outros países em contexto similar de colonização, é impossível ignorar a diáspora enquanto marcador fundamental.

Para Souto (2021), no cerne da identidade cultural nascida da afrodiaspora existe a negrura, que de acordo com Leda Martins (1995, p. 26), a negrura é um conceito que está ligado a experiência e a memória viva dos corpos e subjetividades negras, ou seja, ela é

assimilada na relação de todas as coisas que constituem o sujeito negro: a cultura, a memória, a cor, o trauma, o corpo, o discurso. (apud Souto, S., 2021, p. 78)

Quando falamos de quilombamento, Souto (2021) cita Maria Beatriz Nascimento, uma intelectual negra que estudou sobre a historiografia construídas sobre os quilombos e que se compreende como uma um recuo, uma possibilidade nos dias de destruição. Que o quilombo é um continuum cultural, um conhecimento que permanece no sentido de agregação, fortalecimento e colaboração entre a comunidade. (Gerber, Nascimento, B., 1989 apud Souto, S., 2021, p. 87). E que além de tudo, formar quilombos foi e ainda é uma necessidade, pois

O quilombamento cumpre o seu papel na preservação dos modos culturais negros e mantém vivos os aspectos que expressam o significado dessa tecnologia ainda nos dias de hoje. Quilombamento, em qualquer tempo, diz respeito à criação de zonas de segurança, de acolhimento, de fortalecimento. Espaço onde é possível experimentar a paz de ser e estar em comunidade, compartilhar vivências, obter suporte, costurar alianças, alavancar projetos, reconhecer e curar feridas, tecer estratégias, planejar levantes, trocar informações, instruir-se uns aos outros. Local onde é possível o recuo e onde é desejado o avanço. O ato de se quilombar compreende a necessidade de traçar caminhos desviantes e desafia a organização social neoliberal, que ordena a separação dos corpos e a individualização das coletividades, formando e renovando continuamente uma inteligência coletiva potente. (Souto, S., 2021, p. 100).

A discussão sobre quilombamento revela não apenas a resistência da população negra, mas também a potência transformadora dessa prática na construção de identidades e no fortalecimento da saúde mental. Quando conectamos esse conceito ao turismo diaspórico, percebemos que as viagens a espaços de memória negra, como quilombos e locais marcados pela história da escravidão, oferecem oportunidades únicas de cura e reencontro com as raízes ancestrais. Esse tipo de turismo não apenas promove um resgate cultural, mas também contribui para a valorização da história e da cultura negra. Assim, quilombar-se é tanto um ato político quanto um caminho para o fortalecimento emocional e cultural, reafirmando o papel essencial do pertencimento na promoção da saúde integral.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o objetivo de entender como o turismo diaspórico pode se adequar a prática de aquilombamento para combater os efeitos do racismo estrutural e promover a afirmação da identidade negra foi realizado uma pesquisa qualitativa que se baseia na compreensão e interpretação dos fenômenos estudados, buscando explorar a complexidade dos contextos sociais, culturais e individuais. Ancorada em princípios que orientam a coleta e a análise de dados, este estudo foi realizado através da coleta por meio de entrevistas com homens e mulheres negros seguindo um roteiro de 15 perguntas abertas durante o mês de janeiro de 2025, procurando explorar as experiências, percepções e os significados dos participantes sobre o tema do estudo.

As entrevistas foram conduzidas com cinco participantes autodeclarados pretos, com idades entre 30 e 65 anos, sendo dois profissionais da área acadêmica e três da área comercial, abrangendo mercado de design, turismo e gastronomia. Na tabela abaixo temos uma melhor compreensão do perfil dos entrevistados.

TABELA 1 – Perfil dos entrevistados

Entrevistados		Idade	Cidade	Ocupação
Entrevistada 1	Mulher	31	São Paulo	Sócia de uma empresa de produção de cenografia
Entrevistada 2	Mulher	54	São José dos Campos	Consultora de projetos sociais e culturais
Entrevistada 3	Mulher	37	São Paulo	Gerente de uma confeitaria
Entrevistado 4	Homem	61	São Paulo	Professor titular de universidade
Entrevistado 5	Homem	40	Salvador e São Paulo	Empresário criador de uma operadora de turismo

Fonte: elaborada pela autora.

Para melhor compreender os resultados, vamos separar as perguntas e respostas por categorias que abrangem a questão estudada. Alguns entrevistados não responderam todas as 15 perguntas por conta do tempo de entrevista.

4.1. PERTENCIMENTO E AQUILOMBAMENTO

Neste tópico com as perguntas: “o que significa pertencer a um lugar ou a uma comunidade” e “como você entende o conceito de aquilombamento e como essa prática contribui para o fortalecimento da identidade e bem-estar”, procuramos entender as opiniões sobre os conceitos e quais os entendimentos dos entrevistados sobre a prática e o sentimento que é evocado.

Todos os entrevistados trazem que o pertencimento é algo que transcende o espaço físico, que está relacionado a laços comunitários, troca cultural, conexões e principalmente a segurança de ser quem é.

“Quando você se sente pertencente daquele lugar, você se sente em casa. Sente à vontade de ser quem você é e como você é. Eu acho que é muito isso.” (Entrevistado 1).

“[...] estar ligada a um grupo, a uma comunidade.” (Entrevistado 2).

“Então, o pertencimento pra mim é a mesma coisa que segurança. É bom você estar relaxado pra poder ser quem você é...” (Entrevistado 3).

“Quando você habita um determinado lugar, quando você habita um determinado espaço, e não há a necessidade de você fazer o esforço para estar naquele grupo.” (Entrevistado 4).

“pertencer a um lugar ou a uma comunidade é você contribuir significativamente com aquele lugar, é você ter uma relação de afeto, é se afetar também pelas coisas que acontecem ali, é viver também nesse espaço”(Entrevistado 5).

O aquilombamento, cria sentimentos de pertencimento a partir do encontro de pessoas e com a cultura negra, podendo se reconectar e existir enquanto pessoa negra. Para os entrevistados, ele é uma prática fundamental para o fortalecimento da identidade negra, criando espaços seguros, que como disseram na primeira pergunta é um dos aspectos para se sentir pertencente, um fortalecimento não só individual como coletivo. Onde você se fortalece e se “recarrega” para enfrentar o dia-a-dia racista, onde encontra vivências e relatos parecidos, e procura o conhecimento e valorização da história do preto, um reconhecimento que só é entendido por nós.

“Não sei se está certo, tá? mas eu acho que, pelo que eu entendi, aquilombamento é meio que em busca das origens e trazer essa coisa das suas origens para a sua vida. É isso? [...] Eu costumo falar que eu tenho uma vida muito branca. [...] Acho que me aceitar como pessoa negra. Quando eu comecei a ter muito mais esse contato com a cultura. Eu fico aí... Me conhecer até. E aí, quando eu terminei meu primeiro namoro, eu conheci uma galera. Uns amigos de um amigo meu. E tinha uma menina muito negra. E ela começou a me levar pra muitos rolês. E eu olhei e falei... Pô, eu gosto de sair pra caramba. Espera aí. Eu tava indo aos lugares errados. Eu tava indo num rolê que não tem nada a ver comigo. Então, eu acho que... Isso... Isso te molda.

Acho que não só te molda, mas você entende quem você é. Acho que você começa a entender por que você é assim.” (Entrevistada 1)

“ Aquilombamento, para mim, é a valorização da nossa ancestralidade, mas também conhecer a nossa história. E para que em grupo a gente possa também exercer a solidariedade, podemos ajudar uns aos outros e também fortalecer a nossa luta política. Esse fortalecimento não só individual, mas também pensando na nossa prática da cidadania e na nossa prática política.” (Entrevistada 2)

“A gente vive esse conceito como a forma de se reconectar, de se enxergar num lugar onde tem tantas pessoas diversas e a gente acaba se perdendo e não percebendo que estamos sozinhos em determinados lugares. E quando a gente se percebe sozinho, é muito angustiante, né? Então, o aquilombamento serve pra trazer a gente de volta, pra mostrar que a gente não está sozinho, pra mostrar que a gente tem lugares, que a gente tem pontos onde a gente pode se encontrar, se conectar, ter as nossas trocas de forma, mais uma vez, segura, né? E se celebrar também. Eu acho que hoje é principalmente isso.” (Entrevistada 3)

“Então, aquele aquilombamento que a gente tinha no período colonial, ele pode acontecer hoje, na contemporaneidade, numa outra perspectiva. Então, o que a gente tem em comum, o que a gente tem que discutir, quais são as questões, até para fortalecer a nossa comunidade, pertence a um local.” (Entrevistado 4)

“Eu acho que o conceito de aquilombamento tem muito a ver com essa relação com a comunidade, tem essa questão do fortalecimento entre pessoas negras, tem a questão da resistência, tem a questão da liberdade, tem a questão do viver em comunidade, da contribuição, e eu acho que hoje a gente tem essa herança muito forte e que tem sido repassada muito pela oralidade, muito por esse afeto também para as pessoas que vivem nesses lugares formados por pessoas negras que vivem em liberdade naquela época da escravidão. Eu acho que ela é fundamental. As pessoas negras vivem alguns processos de racismo dentro da sociedade como um todo, de racismo cultural, e a gente vai se adoecendo. Então eu acho que estar entre os nossos, se fortalecer, buscar essa identidade...” (Entrevistado 5)

O relato da entrevistada 1 traz à tona sobre como a prática é relevante:

“Eu costumo falar que eu tenho uma vida muito branca. Eu cresci com minha família, tanto por parte de pai e mãe, apesar de meu pai ser branco. [...] A origem da minha família é muito humilde. Só que meu bisavô começou a mudar muito essa realidade. Meu avô já mudou mais ainda. [...] Então, eu cresci num bairro muito branco, moro até hoje nessa região. É um bairro que é basicamente branco. [...] Então, sempre era eu, meus pais e meu irmão quase branco. E talvez uma ou outra criança negra nas escolas. E fiz faculdade particular, apesar de ter sido bolsista. Fiz uma faculdade de elite. Então, também não tinha pessoas negras. Tive uma vida muito branca. E acho que você me entende... né? Acho que me aceitar como pessoa negra. Foi quando eu comecei a ter muito mais esse contato com a cultura. Eu fui me conhecer até. Entender o que eu gostava ou não. Porque pra mim, por exemplo, eu odiava sair. Até meus 20 e poucos anos, eu odiava sair. Porque meus amigos eram brancos. E os rolês que eles gostavam eram rolês muito brancos. Então, eu não entendia. Tipo, pra mim eu era chata. E aí, quando eu terminei meu primeiro namoro, eu conheci uma galera. Uns amigos de um amigo meu. E tinha uma menina muito negra. E ela começou a me levar pra muitos rolês. E eu olhei e falei... Pô, eu gosto de sair pra caramba. Espera aí. Eu estava indo aos lugares errados. Eu tava indo num rolê que não tem nada a ver comigo. Então, eu acho que... Isso... Isso te molda. Acho que não só te molda, mas você entende quem você é. Acho que você começa a entender por que você é assim. E de onde vem essas coisas.” (Entrevistada 1)

Esse impacto que teve na entrevistada 1 mostra os impactos abordados por Araújo e Soares (2023), onde por conta da ideologia do branqueamento, há uma negação da própria racialidade em detrimento de se adequar à sociedade, promovendo prejuízos psicossociais na identidade individual, neste caso.

É interessante notar que o relato feito pela entrevistada 1, que é a mais nova, não se repete com os outros quatro, que não falaram explicitamente sobre ter tido uma transição de aceitação de ser negro, que sempre souberam quem eram, mas ainda assim concordam e acham de grande importância a prática do aquilombamento em suas vidas, para reforçar ainda mais sua identidade como negros. Uma questão que surge em detrimento dessa comparação é: quanto maior a idade da pessoa negra maior a aceitação de sua negritude? Ou está mais ligado a frequência de contato com pessoas e a cultura preta?

4.2. IDENTIDADE NEGRA

Para entendermos como o turismo diaspórico negro pode ser usado como uma prática de fortalecimento da identidade negra, foram feitas perguntas que buscam entender como e quando os entrevistados se identificam como pessoas negras, além do impacto significativo das viagens e da presença de outras pessoas negras na autoestima, identidade e percepção de história. As perguntas eram: 1- “Em que medida sua identidade seria reafirmada e fortalecida, através de viagens com valorização da cultura negra (afro-centradas)?”; 2- “Quando você se sente mais conectado(a) com sua identidade negra?”; 3- “Como você se sentiu/sentiria ao estar em um local onde a maioria das pessoas são negras?” e 4- “Como você descreve o impacto de viajar na sua autoestima e na sua identidade?”

A primeira pergunta referente a este tópico trouxe reflexões profundas. A entrevistada 1 destacou que sua viagem à África do Sul foi transformadora:

“Quando você vai nos lugares... Que eu comentei. Você vê pessoas negras em lugares que você não vê aqui. Em lugares elitizados, etc. Com poder aquisitivo diferente. [...] É olhar e falar, porra, tantas pessoas iguais a mim, sabe? Que tem uma vida parecida com a minha. [...] Eu acho que, assim... Você acaba gostando muito mais de ser preto quando você tá lá. Até... Porque você vê muito da cultura. E as pessoas são muito bonitas. Talvez pra eles isso não tenha o menor valor como tem pra gente. Mas mexe muito com você, assim”.

Esse relato se complementa com as opiniões dos outros entrevistados sobre a reafirmação e fortalecimento da identidade, como a entrevistada 2 destaca: “ Eu acho que o turismo afro diaspórico nos traz essa possibilidade de conhecer a nossa história. [...] Então eu acho que a atividade turística, esse movimento turístico, nos traz essa possibilidade, [...] esse

autoconhecimento individual, mas também esse conhecimento da nossa história, da população negra”. E é esse autoconhecimento e contato com a história que faz com que os turistas se reafirmem como negros, visto pelo relato da entrevistada 1 e complementado pelo relato da entrevistada 3: “Você volta de um lugar tão longe, tem uma conexão tão grande com você, ou algo que te toca, ainda que não tenha uma conexão direta com a sua vida, te toca tão profundamente, sabe? Porque são os seus iguais. Eu acho que é excepcional”.

As reflexões trazem o cerne do motivo das viagens diaspóricas, que Pinho (2018) traz como uma conexão com o país ancestral por meio de memórias, mitos e até laços, onde por não se sentirem aceitos onde residem, criam uma solidariedade com a terra natal ou com conexões laterais entre comunidades situadas fora da terra original. Essas viagens são em busca de um senso de pertencimento e de identidade, mesmo que a ligação tenha sido perdida a muito tempo, que Leite (2005) traz como uma forma de cura, também dito por Kilomba (2019) sobre o aquilombamento, ao visitar esse local não "como era", mas em como as experiências históricas ali ocorridas impactam na identificação seja com o passado ou o presente, gerando o sentimento de pertencimento que engloba não só o físico, como também a espiritualidade, o passado e a imaginação.

Na segunda questão é perceptível a relevância do papel de espaços culturais e sociais negros na construção da identidade. As entrevistadas 1 e 3 trazem o espaço do pagode e samba como o local onde ao estar presente com pessoas como elas e que compartilham a mesma história, traz o sentimento de pertencimento e de valorização de ser uma pessoa negra. “Eu acho que dá esse quentinho no coração. De ser... Chegar e ver muito mais gente igual a você do que diferente.” (entrevistada 1) e “Acho que o samba sempre foi o que conectou a minha família com a nossa origem.” (entrevistada 3).

Um ponto interessante encontrado são as respostas da entrevistada 2 e do entrevistado 5, que dizem se sentirem conectados o tempo como com sua identidade negra, trazendo a importância da consciência racial individual antes do coletivo. “Eu me sinto conectada o tempo todo, porque essa ideia dessa consciência racial, eu sempre tive, desde criança.” (entrevistada 2) e “Eu sei quem eu sou ali naquele espaço, eu sei qual é o meu lugar, eu sei o que eu posso visitar, eu sei o que eu tenho de diferente e de especial, eu sei o que de único eu tenho, e também sei o que eu posso contribuir.” (entrevistado 5). As respostas nos retomam a questão elencada no tópico anterior: a aceitação da negritude está no contato com pessoas e a cultura preta? Aparentemente sim, pois os entrevistados que disseram ter uma consciência

racial por entenderem quem são na sociedade e se conectarem com outros como eles, os fazem se aceitar e se sentirem conectados com a sua identidade a todo momento.

A terceira e a quarta questão se complementam, pois segundo as respostas viajar para lugares onde a maioria das pessoas eram pretas impactaram na autoestima e na identidade dos entrevistados. Retomamos neste ponto a descrição de pertencimento, onde o entrevistado 4 afirmou: “Quando você está rodeado por pessoas pretas, a história é outra, e a gente traz o nosso protagonismo, às nossas questões”. Além também da autoestima ligado a aparência física, como traz a entrevistada 1 que tem seus pontos negativos e positivos: “Acho que o impacto na autoestima ele é muito positivo e muito negativo ao mesmo tempo. Porque acho que a gente no Brasil está muito acostumada a nunca ser vista como uma opção. [...] E é bem fácil você ter autoestima boa lá, com todo mundo te elogiando. [...] acho que a gente volta achando muito mais legal ser preta”.

Em relação a viagens especificamente em países de África existem pontos muito importantes que precisam ser destacados. Um deles foi dito pelas entrevistadas 1 e 3, que disseram achar interessante que todas as pessoas são parte de todas as classes sociais, então era possível ver, segundo elas, pessoas pretas em todos os tipos de cargos, sejam de poder ou não e o sentimento que essa percepção causa é conflitante. Por um lado, é incrível ver que pessoas parecidas com você chegaram tão longe, a outra face é perceber que não ocorre o mesmo no Brasil, que com os relatos de racismos de todos os entrevistados é possível enxergar essa diferença de “o quão longe pode chegar o negro?”.

E esse sentimento conflitante, e até mesmo frustrante, é trazido pela entrevistada 2 em uma perspectiva muito pertinente para viagens afro diaspóricas em países de África. Ela traz em seu relato que quando pessoas pretas vão para países africanos, em exemplo a África do Sul, não são enxergadas como pessoas pretas (black people), mas sim como *coloured*, termo designado para pessoas com ascendência mista, onde a pessoa possui em seu histórico familiar a miscigenação entre pessoas brancas e pretas. O nosso país é marcado pela miscigenação e por isso existem muitos tons de pele para pessoas negras, onde em qualquer lugar uma pessoa com a pele mais clara das tonalidades de preto pode sofrer racismo aqui no Brasil, mas que fora da nossa realidade se torna frustrante essa identificação com outros povos pretos. Outro ponto importante abordado no relato é que mesmo que não haja racismo nos países de África por todos serem da mesma cor, não significa que não existam outros preconceitos, como em relação a classe social, religião e homofobia, ou até mesmo o assédio

em relação às mulheres. É entender que mesmo que todos tenhamos ancestralidades comuns, somos povos diferentes e que África não é um paraíso de amor e união entre todas as pessoas pretas.

4.3. VIAGENS DE TURISMO DIASPÓRICO/AFRO-CENTRADAS

Neste momento as perguntas serão focadas nas opiniões sobre a prática do turismo diaspórico, além de relato de experiências e motivações para as viagens. As perguntas são: 1- “O que você espera/esperava encontrar em viagens voltadas à cultura negra (afro-centradas)?”; 2- “Quais foram as experiências de viagem (turismo diaspórico) marcantes em sua vida?”; 3- “Por que você viajou para esse destino?”; 4- “E o que mais te marcou estando em viagem (África, etc)? Que pensamentos vieram?”; 5- “Qual sua opinião sobre pessoas pretas de outros países visitarem o Brasil em busca da história negra?”; 6- “Pensando em viagens voltadas à diáspora negra: a experiência tem mais a ver com o lugar visitado ou com o que a viagem desperta internamente?”; 7- “Qual o futuro desejável para as viagens de turismo diaspórico?” e 8- “Como seria uma experiência fantástica de turismo para você?”.

Em relação à primeira questão, os entrevistados tiveram respostas variadas, mas com destaque no desejo de um resgate histórico e uma maior conexão com a sua ancestralidade. Os principais pontos são o desejo de conhecer a cultura, seja através de fazer novos amigos, ou conhecer a gastronomia local e também se encontrar no lugar através das sensações que são evocadas. Porém, pontos importantes trazidos pela entrevistada 2 e o entrevistado 4 que se relaciona com a pergunta sete e oito deste tópico (expectativas futuras) que é a boa construção do turismo diaspórico negro. Para a entrevistada 2 a primeira coisa seria o bom atendimento e o estudo preciso para a prática ocorrer da forma correta,

“Então eu acho que isso é uma parte que eu sinto muito, às vezes, de chegar em algum lugar e não ser bem atendida. Então eu acho que isso é o principal, que as pessoas que vão receber, não só os guias, mas todo o grupo, o trade turístico, que ele seja capacitado, que ele seja preparado para receber todos os turistas, mas principalmente o turista da população preta. [...] Vamos ter que voltar às salas de aula, voltar aos bancos escolares, mesmo que isso seja de uma forma simbólica, mas isso vai precisar acontecer, isso precisa acontecer e o segmento do turismo vai ter que se atentar para isso, porque quem trabalha na área vai ter que ser capacitado. Então ele vai ter que sentar, vai ter que estudar, vai ter que se interessar por essa história, para ele não ficar repetindo a mesma informação, a informação que ele recebeu nos anos 80, nos anos 90, talvez ela não seja mais válida agora para o ano de

2025 e para os próximos anos. Então eu espero isso, que tenha uma boa recepção no lugar que a gente chega e que essa informação seja revisitada.”

Essa fala nos traz a reflexão de que não basta apenas existir a vertente, precisa estar bem preparada para receber e repassar as informações, de forma que gere orgulho e não vergonha no turista, procurando um turismo anti-racista. É um pensamento que o entrevistado 4 completa em sua resposta:

“Ah, aqui, olha, era um bairro negro e tal. Então, o que ele está me dizendo ali? Ele está respeitando essa oferta, ele está falando da oferta, mas o que ele está me trazendo como experiência? É uma experiência pobre, fraca e também, acredito, muito preconceituosa, no sentido de que, na organização daquele espaço turístico, pouco se pensou, de fato, quem eram aquelas pessoas que ali viviam e como aquelas foram dizimadas daquele espaço. Então, eles estão se pegando muito em alguns elementos que estão marcados no território, mas que, na verdade, não é uma prática tão interessante. Então, depende muito da experiência, de como esses territórios estão organizados e o que eles oferecem para mim enquanto um visitante, enquanto um turista.”

Sobre a segunda, terceira e quarta pergunta que abordam as experiências dos entrevistados, o motivo das viagens e os momentos marcantes, nós temos relatos sentimentais e tocantes, como o contato com uma tradição, a sensação de se sentir atraente, a surpresa de ver pessoas negras em espaços de elite, o fato de não ser considerado preto fora do Brasil, o contato profundo ao se inserir no dia-a-dia com os outros, o sentimento de como se tivesse retornado a um local em que já esteve e que te pertence e o notar das semelhanças e principalmente das diferenças entre os povos pretos. As motivações se complementam também, desde motivos financeiros, como motivos de curiosidade da história do local (país, cidade ou atrativo), motivos acadêmicos e um motivo que chamou a atenção vem da entrevistada 3 que diz escolher destinos afrocentrados para não sentir que está desperdiçando dinheiro: “Além de eu escolher destinos afrocentrados, é porque eu realmente não admito pagar para sofrer. Eu não admito pagar para passar perigo, eu não admito pagar para ser destruída, sabe? Reconheço que tem lugares no mundo que são muito lindos, mas infelizmente são lugares marcados pelo racismo e para mim não vale a pena”. Em relação a momentos marcantes fica o sentimento de como a história preta é importante e como a resistência de um povo é transpassado apenas por visitar presencialmente um local, além da memória e do registro oral que se realiza quando o viajante volta para casa.

A cerca da quinta pergunta, retomamos ao que Pinho (2018) e Leite (2005) trazem em seus artigos sobre o turismo diaspórico lateral, quando grupos diaspóricos visitam comunidades que não estão no local de origem, mas que formaram culturas e que carregam histórias de dor, luta, resistência e criação artística semelhantes. As opiniões dos entrevistados dizem que é uma prática válida e que o Brasil tem uma cultura negra que deve ser compartilhada com outras pessoas pretas de comunidades que também sofreram a diáspora, porém existe o alerta da necessidade de revisitar as narrativas que são contadas e proporcionar condições de contar a história verdadeira onde o afro brasileiro é o protagonista, como afirma o entrevistado 4:

“Então, acho fantástico, à medida que as pessoas têm o interesse, e acho que nós, como profissionais, temos a responsabilidade, inclusive, de cobrar isso das instituições, sobretudo do Ministério do Turismo, no sentido de pensar essas questões, de como a gente pode refletir junto com as comunidades e pensar processos que possam facilitar essa mobilidade de uma população, quer seja ela negra ou não negra, mas que tenha interesse em conhecer essa história.”

Uma opinião que traz uma disparidade com as outras é da entrevistada 2 que reflete criticamente sobre o turismo como uma prática que pode idealizar e limitar a compreensão mais profunda da realidade local, principalmente quando os visitantes seguem roteiros restritos concentrando em pontos que não exploram a complexidade cultural e social. Ela traz o pensamento já dito, de que é preciso repensar a forma como o turismo diaspórico é conduzido, evitando narrativas incompletas da história negra do Brasil e aponta também um fator falado por Pinho (2018), sobre embora os visitantes afro-americanos tenham semelhanças com os afro-brasileiros, existe uma barreira tanto econômica quanto do entendimento de igualdade, que é falado pela autora sobre o sentimento de insatisfação sobre a pobreza e o poder político limitado que esses visitantes têm ao perceber que, esperavam do Brasil uma consciência racial tão presente quanto a deles. Porém, esse sentimento de insatisfação e frustração pode ser evitado, tanto por visitantes ao Brasil quanto brasileiros em outras localidades ao entender como se deu a vida pós-abolição da escravidão e a luta racial enfrentada diariamente. E de que mesmo que o turismo possa enganar, ele pode ser usado como ferramenta para educar.

4.4. RACISMO

A última pergunta feita para os entrevistados foi sobre se já experienciaram um episódio de racismo. A resposta foi unânime: sim, todos já sofreram racismo. Houve então um momento aberto, onde eles puderam expressar o racismo que enfrentam diariamente,

mostrando a veracidade da existência do racismo estrutural e a dor que pode ser, ou foi, curada, mas que ainda dói.

Os entrevistados compartilharam situações em que sofreram racismo de forma direta e indireta, abrangendo diversos âmbitos de suas vidas, como a escola, que foi citado constantemente em quatro das cinco entrevistas. No ambiente de trabalho, independente da área de atuação, como é dito pela entrevistada 1 que é da área do design, a entrevistada 2 da área de projetos sociais e do entrevistado 4 da área acadêmica:

“ A gente sempre é muito colocado à prova do tipo, você já foi pra Europa? Mas que bagagem você tem? Que conhecimento você tem? E muitos sim, já foram pra Europa, frequentam os mesmos lugares, mas sempre colocado à prova, sabe, onde você frequenta? Você é capaz de fazer isso ou não? Acho o mercado de trabalho extremamente seletivo, extremamente branco e extremamente difícil. Desisti muito de entrar no mercado de trabalho convencional por esse motivo porque é difícil provar que você é capaz. E entendi depois de muitos anos que não é um sentimento meu só, é um sentimento geral. Muita gente não quer estudar arte, não quer estudar design porque sabe que vai ser excluído, não vai ser tão valorizado como um branco”. (Entrevistada 1)

“Na vida adulta, esse racismo, ele vem disfarçado, isso, ele vem disfarçado, esse mau atendimento, ele vem disfarçado de não receber convites, ele vem disfarçado de não receber uma promoção, de não ser convidada, por exemplo, para fazer uma palestra, para fazer uma apresentação. [...] e ali, eu sentia muito isso, então, por mais que eu fizesse, por mais que eu fizesse, estude, vai e tal, isso nunca era reconhecido, e várias vezes eu vi, ah, não, você não tem perfil, por exemplo, para fazer essa palestra, ah, você não tem perfil para representar o SENAC nesse evento, não, mas por que eu não tenho perfil? Não, é da minha área, eu sei, eu domino o assunto.”. (Entrevistada 2)

“ Quando eu resolvo me tornar professor titular na universidade.[...] E depois aí eu resolvi ser titular, aí o povo achou demais, né? E depois disso, eu não tive mais sossego na universidade, né? Aí foram retaliações a ponto de uma professora entrar na minha sala de aula e dizer que minha aula não tem qualidade, de criar um documento assinado por mais duas alunas e coloca para a chefia em nome da sala. [...] Então, para mim, isso é uma batida de racista, né? [...] ”. (Entrevistado 4)

E também nos momentos de atendimento, seja em viagens ou nos comércios do dia-a-dia e o pior sentimento de todos: não ser visto como racismo.

“ Todos os dias, toda hora, sim, já tive várias situações, no trabalho, no aeroporto, no aeroporto é o clássico, dentro do avião, no aeroporto, isso de ser mal atendida, de ser tratada de uma forma sempre ríspida.” (Entrevistada 2).

“Quando eu me mudei, a gente se mudou para a última casa, que é na frente de um São Marchê, o mercado, eu acho que é o mercado mais caro que tem em São Paulo, não é o mercado mais caro, mas um dos mais caros que tem em São Paulo e é do outro lado da rua literalmente, é o mercado que você vai para comprar pão, de chinelo, como eu estava em casa, você só vai descer atravessar a rua e comprar. Quando a gente se mudou todas as vezes que eu entrava no Marchê e assim, não sou uma pessoa que se veste largada, eu odeio e não importava como eu estivesse vestida toda vez que eu entrava no mercado, eu era perseguida em segredo. E aí uma vez eu entrei com o meu ex-namorado, que é branco. Quando eu entrei com ele, eu não fui seguida. Nunca fui seguida enquanto eu estava com ele.” (Entrevistada 1)

“Desde revista aleatória no aeroporto, que é sempre algo que dizem que todos os viajantes podem passar por isso, mas eu acho que bate diferente em nós pessoas negras, a gente já foi revistado no meio da rua, né, voltando pra casa, então acho que pela polícia, então acho que isso é algo que marca as nossas vivências, até ser revistado no meio da rua em Veneza, por exemplo, fui abordado pela polícia e eles me pediram pra conferir meu passaporte, saber onde eu estava, porque que eu estava ali, e eu não vi eles fazendo o mesmo comportamento com as pessoas brancas”. (Entrevistado 5)

E trazendo os estudos de Araújo e Soares (2023), vemos que o racismo se pauta na exclusão moral, onde vem a desvalorização do outro como pessoa, os fazendo passíveis de exploração e trazendo como consequência, nos casos citados pelos entrevistados, a discriminação. E a angústia e sofrimento da pessoa preta se manifesta de maneira silenciosa, afinal a sociedade se recusa a acreditar no racismo e na dor que ele causa.

Porém, como visto anteriormente e durante as entrevistas, essa dor existente é curada com o resgate coletivo e individual de ser preto, resistindo e re-existindo em sua identidade e fortalecendo sua saúde mental, uma das formas foi a busca pela ancestralidade, vindo através das viagens para onde é possível encontrar essa conexão, seja em terras nacionais ou internacionais. Que como apontado por Leite (2005) na revisão bibliográfica os destinos de visitação não precisam ter sido habitados por ancestrais diretos, já que é quase impossível saber com precisão quando e onde os antepassados deixaram a África, porém lembrar o que aconteceu com membros de um grupo que nos identificamos é o que causa a experiência do pertencimento e a cura do trauma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo diaspórico desempenha um papel crucial na reconexão cultural e ancestral de pessoas negras, permitindo vivências que transcendem a simples visitação a locais históricos. Essas experiências promovem uma ressignificação do passado, conectando os participantes às suas raízes e proporcionando um sentimento de pertencimento que resiste às forças do racismo estrutural. Essa prática também se configura como uma extensão contemporânea do aquilombamento, entendido como um movimento histórico, cultural e político de resistência. Ao fortalecer laços comunitários, reafirmar a coletividade e valorizar o orgulho étnico, o turismo diaspórico transforma-se em uma ferramenta poderosa de enfrentamento às opressões.

As entrevistas realizadas revelaram que a vivência turística em territórios historicamente ligados à diáspora africana promove um resgate identitário que impacta diretamente a autoestima, a consciência racial e o bem-estar emocional. A sensação de segurança ao estar cercado por pessoas negras, o reconhecimento da história ancestral e a possibilidade de reconstrução de narrativas emergiram como aspectos centrais das experiências compartilhadas pelos entrevistados. Dessa forma, o turismo diaspórico não apenas revisita o passado, mas também possibilita a criação de futuros nos quais a população negra se reconhece como protagonista.

No âmbito da saúde mental, os impactos do racismo estrutural, como isolamento e baixa autoestima, são amplamente reconhecidos. O turismo diaspórico oferece um espaço de cura, permitindo que os participantes ressignifiquem suas identidades e construam narrativas positivas sobre si mesmos e sua história. Além dos benefícios individuais, essa prática também tem implicações coletivas e educativas. Ao desafiar narrativas hegemônicas e valorizar as contribuições culturais e históricas da população negra, o turismo diaspórico promove um resgate de memórias coletivas que enriquecem tanto os participantes quanto as comunidades visitadas.

Entretanto, a pesquisa evidenciou desafios que precisam ser enfrentados para garantir que o turismo diaspórico seja plenamente inclusivo e significativo. Questões como a falta de políticas públicas voltadas para a valorização do turismo afrocentrado, o alto custo de algumas experiências e a reprodução de narrativas coloniais são entraves que precisam ser

superados. É essencial fomentar iniciativas que possibilitem o acesso ampliado ao turismo diaspórico, garantindo que mais pessoas negras possam vivenciar essas experiências transformadoras. O incentivo a projetos de turismo comunitário, a criação de roteiros que valorizem histórias locais e o fortalecimento da educação patrimonial são caminhos possíveis para consolidar essa prática como uma ferramenta de emancipação.

Outro aspecto relevante é a resistência às ideologias de branqueamento, que historicamente desvalorizam e invisibilizam as raízes africanas. O turismo diaspórico atua como uma contra-narrativa poderosa, promovendo a autoaceitação, o orgulho étnico e a valorização da cultura afrodescendente. Ao vivenciar e reconhecer a riqueza de suas origens, os participantes confrontam os processos históricos de desumanização e reafirmam suas identidades de maneira positiva e transformadora.

Porém, é preciso entender que, por si só, a prática do turismo diaspórico não cura todas as dores e nem sempre é composta por boas experiências. Cada viajante é único, assim como cada vivência, e, em alguns momentos, pode surgir o sentimento de frustração ao não encontrar, nessa prática, as respostas de que se precisava. É necessário compreender também que essa é uma experiência inacessível para grande parte da população afro-brasileira, devido à classe social à qual pertence e aos impedimentos econômicos que enfrenta. No entanto, o aquilombamento entre as pessoas da própria comunidade ainda pode funcionar como um mecanismo de defesa e resistência aos efeitos do racismo. Nessa perspectiva, o turismo atua como um recurso para auxiliar na melhoria da saúde mental, mas não como uma solução definitiva para a cura completa. Para questões mais profundas, é essencial o acompanhamento de profissionais da saúde, como psicólogos e psiquiatras.

Em síntese, o turismo diaspórico emerge como uma prática fundamental para a resistência e o fortalecimento da identidade afrodescendente. Ao proporcionar espaços de reconexão, cura e ressignificação, essa prática reafirma a cultura e a memória como pilares centrais na luta contra o racismo estrutural. Além dos impactos individuais na autoestima e no bem-estar emocional, o turismo diaspórico fortalece laços comunitários, desafia narrativas coloniais e promove a valorização das contribuições históricas e culturais da população negra. No entanto, para que essa experiência seja acessível a um número maior de pessoas, é essencial o desenvolvimento de políticas públicas que incentivem o turismo afrocentrado e o turismo comunitário, ampliando as possibilidades de vivência e pertencimento. Assim, o turismo diaspórico não apenas revisita o passado, mas também constrói futuros em que a

população negra se reconhece como protagonista de suas próprias histórias, reafirmando o quilombamento como um movimento contínuo de resistência, solidariedade e emancipação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019. Disponível em: <<https://sites.ufpe.br/enegrecer/wp-content/uploads/sites/146/2023/01/ALMEIDA-Silvio-Racismo-estrutural-Livro-2019.pdf>>.
- ARAÚJO, D. S.; SOARES, M. Z. S. Dores, Medos e Abandonos: As Implicações do Racismo na Saúde Mental de Pessoas Pretas. Revista FSA, v. 20, n. 5, p. 236–257, 1 maio 2023. Disponível em: <<http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/issue/view/159>>. Acesso em: 17 out. 2024.
- BRASIL, Ministério do Turismo. Marcos Conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo>>. Acesso em: 17 out. 2024.
- _____, Ministério do Turismo. Segmentação do Turismo e o Mercado. Brasília: Ministério do Turismo, 2010b.
- CARONE, I. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6a Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- Dados e Fatos - Página inicial. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/gloss%C3%A1rio-do-turismo/901-t.html>. Acesso em: 17 out. 2024.
- KILOMBA, G. Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó; 2019.
- KOHLER, A. F. Turismo cultural: principais tipos segundo a motivação dos turistas. Ateliê do Turismo, v. 3, n. 1, p. 8-30, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/adturismo/article/view/9008>. Acesso em: 21 jan. 2025.
- LEITE, Naomi. (2005), “Travels to an ancestral past: on diasporic tourism, embodied memory, and identity”. *Antropológicas*, 9: 273-302. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/857>. Acesso em: 04 nov. 2024
- MCCAIN, G., & RAY, N. M. (2003). Legacy tourism: the search for personal meaning in heritage travel. *Tourism Management*, 24(6), pp. 713-717. doi: [https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(03\)00048-7](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(03)00048-7). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517703000487#:~:text=Legacy%20tourists%20are%20those%20that,to%20ancestors%20and%20ancestral%20roots..> Acesso em: 21 jan. 2025
- MENEZES RIMOLI, T.; MENEZES BRAGANÇA DOS SANTOS, A. P.; DE JESUS ALVES PIRES, L.; COSTA MENDES, E. Aquilombamento como ferramenta de resistência e promoção de saúde da população negra: Quilombament as a tool of resistance and health promotion for the black population. Revista de Saúde Coletiva da UFEF, [S. l.], v. 13, n. 2, p. e9284, 2023. DOI: 10.13102/rscdaufev13i2.9284. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/9284>. Acesso em: 17 out. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 28, p. 56–63, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28364>.. Acesso em: 22 jan. 2025.

OLIVEIRA, A. R. Considerações sobre a tipologia do turismo brasileiro Considerations on the brazilian typology of tourism. *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia, [S. l.]*, v. 9, n. 1, 2018. DOI: 10.14393/OREG-v9-n1-2018-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Observatorium/article/view/45560>. Acesso em: 17 out. 2024.

Oxford Languages and Google. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 17 out. 2024.

PINHO, P. DE S. Turismos Diaspóricos: Mapeando Conceitos e Questões. *Tempo Social*, v. 30, n. 2, p. 113–131, 28 jul. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/VHdsDCgB5FY4ZQy7M56BWyq/#>. Acesso em: 04 nov. 2024.

PIZA, E. Porta de vidro: uma entrada para branquitude. In: Carone, I.; Bento, M. A. S.(Orgs.) *Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 6a Ed. Petrópolis: Vozes. 2014.

RIBEIRO, D. *Pequeno Manual Antirracista*. 1a Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILBERBERG, T. (1995). Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites. *Tourism Management*, 16(5), pp. 361-365. doi: [https://doi.org/10.1016/0261-5177\(95\)00039-Q](https://doi.org/10.1016/0261-5177(95)00039-Q). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/026151779500039Q>. Acesso em: 21 jan. 2025.

SOUTO, Stéfane Silva de Souza. *Aquilombamento: um referencial negro para uma gestão cultural insurgente*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36117>. Acesso em: 04 nov. 2024.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS

Perfil

Gênero:

Idade:

Cidade:

Ocupação principal:

Primeiras perguntas

1. O que significa para você "pertencer" a um lugar ou a uma comunidade?
2. Como você entende o conceito de aquilombamento? Essa prática contribui para o fortalecimento da identidade e do bem-estar?
3. Em que medida sua identidade seria reafirmada e fortalecida, através de viagens com valorização da cultura negra (afrocentradas)? (Turismo Diaspórico)
4. O que você espera/esperava encontrar em viagens voltadas à cultura negra (afrocentradas)?
5. Quando você se sente mais conectado(a) com sua identidade negra? Existe algum momento ou espaço específico que desperta isso em você?

Experiências Específicas

6. Quais foram as experiências de viagem (turismo diaspórico) marcantes em sua vida?
7. Por que você viajou para esse DESTINO (África-Américas)?
8. E o que mais te marcou estando em viagem (África, etc) ? Que pensamentos vieram?
9. Qual sua opinião sobre pessoas pretas de outros países visitarem o Brasil em busca da história negra?
10. Pensando em viagens voltadas à diáspora negra: a experiência tem mais a ver com o lugar visitado ou com o que a viagem desperta internamente?
11. Como você se sentiu/sentiria ao estar em um local onde a maioria das pessoas ao seu redor são negras?
12. Qual o futuro desejável para as viagens de turismo diaspórico?
13. Como seria uma experiência fantástica de turismo para você?

14. Como você descreve o impacto de viajar na sua autoestima e na sua identidade?
15. Por fim, você já sofreu racismo?

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 1

Entrevista 1 -

Mulher / 31 anos / São Paulo capital / Sócia em uma empresa de produção de eventos e cenografia

1. O que significa para você "pertencer" a um lugar ou a uma comunidade?

R: Ah, eu acho que depende muito, né? Mas quando a gente fala em pertencer, pode ser muito, pensando, né?

Eu acabei de voltar do intercâmbio, eu acho que pode ser muito esse sentimento de se sentir em casa. Sentir a vontade e parecer que você voltou para onde deveria estar. Acho que, no geral, é isso, né?

Quando você se sente pertencente daquele lugar, você se sente em casa. Sente a vontade de ser quem você é e como você é. Eu acho que é muito isso.

2. Como você entende o conceito de aquilombamento? Essa prática contribui para o fortalecimento da sua identidade e bem-estar?

R: mais ou menos. Já ouvi o termo, mas assim, assumo que eu não sou a pessoa que se aprofunda muito nos temas. Não sei se está certo, tá? mas eu acho que, pelo que eu entendi, aquilombamento é meio que em busca das origens e trazer essa coisa das suas origens para a sua vida. É isso?

[ajuda no seu bem-estar?] Cara, sim. Muito sim. E aí, acho que eu posso dar um exemplo muito particular meu. Eu costumo falar que eu tenho uma vida muito branca. Eu cresci com minha família, tanto por parte de pai e mãe, apesar de meu pai ser branco. A família dele era a mais pobre até a época da minha mãe. A origem da minha família é muito humilde. Só que meu bisavô começou a mudar muito essa realidade. Meu avô já mudou mais ainda. Minha mãe e meu pai, pra mim, primeiro para meu irmão, eles mudaram completamente nossa realidade. Então, eu cresci num bairro muito branco, moro até hoje nessa região

É um bairro que é basicamente branco. Minha mãe fala assim, ah, quando eu vou na padaria, todo mundo lembra de mim. Eu falei, acho que não é difícil de lembrar de você. Você é a única negra do bairro que vai na padaria. Então, eu cresci num bairro branco.

Então, sempre era eu, meus pais e meu irmão quase branco. E talvez uma ou outra criança negra nas escolas. E fiz faculdade particular, apesar de ter sido bolsista. Fiz uma faculdade de elite. Então, também não tinha pessoas negras.

Tive uma vida muito branca. E acho que me entender... Não entender não, né?

Acho que me aceitar como pessoa negra. Quando eu comecei a ter muito mais esse contato com a cultura. Eu fico aí... Me conhecer até. Entender o que eu gostava ou não. Porque pra mim, por exemplo, eu odiava sair. Até meus 20 e poucos anos, eu odiava sair. Porque meus amigos eram brancos. E os rolês que eles gostavam eram rolês muito brancos.

Então, eu não entendi. Tipo, pra mim eu era chata. E aí, quando eu terminei meu primeiro namoro, eu conheci uma galera. Uns amigos de um amigo meu. E tinha uma menina muito negra. E ela começou a me levar pra muitos rolês. E eu olhei e falei... Pô, eu gosto de sair pra caramba. Espera aí. Eu tava indo aos lugares errados. Eu tava indo num rolê que não tem nada a ver comigo. Então, eu acho que... Isso... Isso te molda. Acho que não só te molda, mas você entende quem você é. Acho que você começa a entender por que você é assim. E de onde vem essas coisas. E acho que principalmente por ter ido agora na África do Sul.

Você acaba olhando coisas que... Eu tive que explicar isso muitas vezes pras pessoas lá. Porque pra eles é uma realidade diferente. A gente não tem... Eu falo que a gente não tem ancestralidade direito aqui. Porque a gente não sabe de onde a gente é. Porque quando você fala... Ah, a gente é da África, tá? Porra. Da onde que a gente veio? Tipo, cada país é completamente diferente do outro. São culturas diferentes, etc.

Então, eu acho que quando você chega lá e você vê as pessoas com essa questão cultural muito enraizada. E se reconhecendo muito. E você vê outras pessoas negras em lugares que você não vê normalmente no Brasil. Porra, é bizarro, assim. Você fica... Você começa a entender mais ainda. Quem eu sou e talvez de onde eu tenha vindo. Eu acho que é importante pra você por conta disso. É não se sentir excluído.

Que eu me senti assim a vida inteira. Numa vida muito branca. Eu sempre falei que eu acabei virando... Eu me vi preta demais pra ser aceita pelos brancos. E branca demais, né? Minha vida é muito branca pra ser aceita pelos negros. Porque... Fala onde você mora. Fala o que você faz. Lugares que você frequenta. Faz muito sentido. Então, você vive meio que num limbo ali.

E é muito difícil de se encontrar e de se entender. Falei pra caramba, né?

3. Em que medida sua identidade seria reafirmada e fortalecida, através de viagens com valorização da cultura negra? (Turismo Diaspórico)

Sim, eu acho que tem um peso. E até compartilhar que não é uma sensação exclusivamente minha.

Fiz amizade com outras duas meninas. Fiz com mais meninas, mas duas que eu peguei muita intimidade. Outras duas meninas brasileiras, negras. Uma mais retinta e uma exatamente a minha cor. Uma das coisas que a gente mais sentiu... Cara, é muito louco se sentir desejado.

É assim... Você tá na rua e alguém vem falar tipo, “oi, tudo bom? Me passa o seu Instagram”. Imagina! Onde que isso acontece aqui? Sempre tem alguém interessado em você, né? Não importa quem, aonde você esteja, o que você está fazendo. Sempre tem alguém te olhando, te falando e querendo o seu contato. O que aqui é muito difícil de acontecer.

Então, acho que dá um negocinho no coração, né? De tipo... Pô, aqui eu tenho muito mais valor do que no Brasil. E acho que tem muito isso também. Quando você vai nos lugares... Que eu comentei. Você vê pessoas negras em lugares que você não vê aqui. Em lugares elitizados, etc. Com poder aquisitivo diferente. É... Eu acho que rola esse negócio, principalmente pra mim. Que vivi nesse limbo.

É olhar e falar, porra, tantas pessoas iguais a mim, sabe? Que tem uma vida parecida com a minha. Eu acho que a gente volta muito... Cara, eu não sei nem descrever, mas eu acho que você volta muito e tipo... Tá. Entendi... Entendi o outro lado da história. Eu não sou feia, eu sou perfeita. Eu não sou ruim, sabe? Eu tenho muito mais valor e sou vista de uma outra

forma. Eu acho que, assim... Você acaba gostando muito mais de ser preto quando você tá lá. Até... Porque você vê muito da cultura. E as pessoas são muito bonitas.

Talvez pra eles isso não tenha o menor valor como tem pra gente. Mas mexe muito com você, assim. Eu não sei se eu te respondi.

4. O que você espera/esperava encontrar em viagens voltadas à cultura negra?

Cara, eu vou ser muito sincera aqui, assim... Sempre tive vontade de ir pra África do Sul. Principalmente desde que meu irmão foi. Meu irmão foi há uns 10 anos atrás. E eu achei muito bonito tudo. Sei lá... É muito diferente, né? Quando você pensa em viajar. Principalmente no Brasil, mas nos Estados Unidos, Europa, não sei o que.

África pode ser muito diferente. África, no geral, é muito diferente. Só que eu tava um pouco desanimada antes disso. Porque eu não queria ir na época que eu tava indo. Porque eu queria estar indo agora. Queria estar lá agora. Por conta de trabalho, etc. Então eu tive muitas questões antes de ir. Eu fui muito desanimada.

Eu tô muito triste porque eu cheguei lá, mas... Eu não fui esperando muita coisa. Pra ser muito sincera. Eu tava muito, tipo... Tô indo pra ver qual é. Sabia que ia ter muito mais pessoas negras. Eu acho que... Isso, eu tava muito animada em, tipo... Ver muita gente negra na rua.

Mas, pra mim, essa é uma sensação que tenho em Salvador. Quando você chega em Salvador, você vê muito mais gente negra do que aqui em São Paulo. Eu achei que ia ser meio essa a sensação. Então... Mas eu não sabia como ia ser culturalmente.

Até porque eu fiquei muito tempo em Cape Town. Fiquei 30 dias em Cape Town. E Cape Town é um lugar muito turístico. Então você vê muito mais gente branca do que qualquer outra coisa. Eu até imaginei que não fosse ser tão negra quanto foi. Do jeito que as pessoas falavam. Eu achei que tinha muito mais negro. Você andar na rua e vê muito mais gente negra do que tinha me falado. Mas... Eu acho que eu fui muito sem... Sem grande expectativa, assim. Eu tava muito, tipo... Deixa eu ver qual é. Sei que eu vou me deparar com uma cultura diferente. Não sei qual é. Até porque Cape Town é um lugar muito turístico. Então... Ele tem uma cultura já meio invadida pelos estrangeiros. Tanto pela colonização quanto pelo turismo. Mas eu fui meio sem saber o que eu ia encontrar.

5. Quando você se sente mais conectado(a) com sua identidade negra? Existe algum momento ou espaço específico que desperta isso em você?

No pagode. No pagode!

Eu acho que... Quando você tá em lugares negros, assim, né? Principalmente você vai num samba, num pagode... Que tem muito mais gente branca. Eu acho... Ou festa.

Qualquer coisa do tipo. Eu acho que dá esse quentinho no coração. De ser... Chegar e ver muito mais gente igual a você do que diferente. E eu acho que talvez não seja uma sensação comum. Como eu falei.

Talvez para as pessoas que moram na Zona Norte de São Paulo. Não seja tão diferente. Porque eles estão muito mais acostumados a conviver e ver e tudo mais. Eu moro no Morumbi. Nunca tem negro aqui. E quando tem, é sempre numa posição de... De trabalhos... Esqueci a palavra, mas não quero falar de trabalhos inferiores, né? Enfim, não. Depois eu não sei falar a palavra porque não me veio agora. Tem problema. Eu acho que... Quando você vê

as pessoas reunidas e... Quer queira não, por exemplo. Uma roda de samba é uma coisa muito cultural negra, né? É diferente você estar numa roda de samba sempre mais branca do que negra. Você tem um outro vibe. As pessoas cantando de um outro jeito. Dançando de um outro jeito. Tendo ritmo de outro jeito. Eu acho que é muito nesses lugares.

Experiências Específicas

6. Quais foram as experiências de viagem (turismo diaspórico) marcantes em sua vida?

Cara, eu acho que eu estou ainda simulando a minha viagem. E tentando superar.

Ah, imagina. Eu não sei se eu consigo escolher um momento. Mas eu acho que eu tive momentos muito bobos. Mas que foram muito marcantes.

Por exemplo, a primeira vez que eu fui no Waterfront. Que é uma marina. Que tem um shopping, uma loja. Muita coisa acontecendo. Lá sempre tem um grupo cantando, dançando. Se apresentando musicalmente. No contexto mais africano. Eu acho que foi o primeiro momento que eu vi algo muito africano.

E eu falei, caraca, eu estou na África. Que loucura. Olha essas pessoas cantando muito bem. E acho que toda vez que eu ia no Waterfront. Que era perto de onde eu estava hospedada. Sempre tem alguém fazendo uma apresentação. É um pouco merda. Porque as pessoas estão pedindo dinheiro. Enquanto estão se apresentando. Mas ao mesmo tempo, eu acho que para a gente assistir isso. É muito um tipo, uau. Olha isso. Parece que todo mundo lá. E assim, isso não é nos bares de karaokê. Parece que todo mundo que é preto canta bem. Dança bem. É bizarro. É incrível.

E outro momento muito besta. Foi que eu fui em uma balada. Eu acho que tem momentos muito bestas. Eu fui em uma balada. E as baladas lá acabam muito cedo. E eu estava com um angolano nesse dia. E começou a tocar umas músicas. Em alguma língua X. Porque a África do Sul tem 11, 12 línguas. E aí... Todo mundo começou a cantar. E aí, eu chorei.

Chorei na balada. Foi ridículo. E aí, eu tentei explicar para ele. Eu falei. Cara, é que no Brasil, a gente não tem tanta essa cultura. E você vê uma balada basicamente só de pessoas negras. E todo mundo cantando junto. E a música, ela tinha um ritmo bonito. E aí, ele falou. Isso é uma música que eu gosto. É uma música de igreja. Na balada, ele falou.

Aqui nas baladas, quando está acabando. Eles tocam essa música. Tipo para a gente, quando toca um axé.

Aquela música que significa isso. Eles tocam essa música meio de igreja. E todo mundo sabe cantar. E é meio que anunciando que o rolê está acabando. E eu fiquei super emocionada. Eu voltei e falei para as meninas. Mano, eu chorei na balada. Que bizarro. É muito bonito ver isso.

E acho que em outros momentos. Era essa sensação de... Sentir muito bonita.

Tipo, eu pisei em Angola. Fiz uma escala de 3 horas em Angola. Acabei tendo a revista. Tipo aquele programa do aeroporto. Que você passa no scam. E abre malas. Só não teve cachorro. Mas tudo aconteceu. E aí, quando eles viram que eu de fato não tinha nada. A polícia federal começou a perguntar de onde eu era. Eu falei do Brasil. Perguntaram o que eu faço? "Ai, que

legal. Não, não, não. Eu posso te seguir no Instagram”. Tipo, a polícia federal achou que eu estava com droga. Ela viu que eu não tinha nada e deram em cima de mim. E aí... Em seguida, eu saí. Subi a escada rolante. Fui liberada. Veio um cara do aeroporto. Me informou. E falou. Oi, tudo bom?

Aí eu... Meu Deus. Eu só quero ir embora. Eu nem quero entrar no país, gente. Eu preciso sair daqui. Para ir para o outro país. Ah, o que aconteceu? Poxa brasileira. Que legal. Nossa, pra onde? Não, você não está para comer, não. Estou bem. Tá? Eu te ligo. Tá, beleza. E aí, veio puxando o assunto. Ah, isso aqui. Pode seguir no Instagram aí. Oh, meu Deus. Ah, pode? Dei três passos. Entrei na sala de embarque. Um outro cara veio. Não, não, não. Quando a gente chegou em que? Então... Poxa, posso pegar seu Instagram?

E aí eu falei, gente, assim, mais gente pediu meu Instagram em 3 horas do que me pediu o ano inteiro no Brasil, sabe? Eu acho que essa sensação é muito louca, de sempre ter alguém olhando pra você, não tô brincando, mas é isso. Sei que quando eu vou pra Europa, ou qualquer coisa do tipo, isso acontece porque a gente é exótica pra eles e é muito wow, é diferente.

É muito legal também, mas nunca passei pelo que eu passei na África do Sul, assim. E sei que isso também é um sentimento das outras meninas que a gente comentou, tal, mas a gente tá no rolê. E, meu, você olha pro lado e tem alguém olhando pra você, você olha pro outro lado e tem outra pessoa olhando pra você, que você pode escolher.

É bizarro isso, mas tiveram muito esses momentinhos de, sabe, de meio que se reconhecer e se entender e ver que você não tá sozinha e que não é só você. E essa questão também de ir pra lugares sofisticados e ver muito mais negros ao invés de ter uma ou nenhuma pessoa. Você vê, tipo, uma metadinha ali da galera negra pra metadinha branca e ok.

Isso eu acho que ver negro com carrão, casarão, você fica tipo, que isso? De onde? Que mundo é esse? Que carro é esse que você comprou? Como você comprou isso? Eu acho que carro, depois você entende que carro é barato em comparação ao Brasil, então muita gente tem carrão.

Mas mesmo assim, tipo, eu acho que se fosse a realidade no Brasil, você não veria tantos negros com carrão, tantos negros com casarão, com uma vida de um padrão alto. Então, acho que tem esses momentinhos meio besta, sabe, que você fica tipo, eita!

Está fora do padrão de que eles estão acostumados a ver. Na África, não. Você é mais do mesmo, mas mesmo assim, te querem. Então, não é por um olhar de exótico. Assim, vou dizer que talvez seja até um pouco, porque, no geral, quem é preto é preto, quem não é preto é branco, e a gente é coloured. Eu fiquei puta com isso.

Eu falei, sou preta. Eles falaram, não. Eu falei, ah, tá.

Se você está no Brasil falam que eu sou preta, vocês vão falar que eu não sou preta. E aí, eu vi, assim, as pessoas negras e as pessoas brancas falavam, não, você é colored. Eu falava, tá, porque parece.

Palhaçada, me chama de parda agora. Só que, assim, depois de um tempo, vendo as pessoas negras, eu entendo que a gente não é negra, porque, assim, o negro nosso não é o negro original. Eles são.

A gente é marronzinho. Então, faz muito sentido eles não enxergarem a gente como outra pessoa negra. Não gostei, nem falando que eu era negra, mesmo com os olhares de, não, você não é.

Eu falei, no Brasil, eu sou. No Brasil, eu me imponho, tô certa.

E o pardo, ele já é quase branco, não vem me chamar de parda, não. Então, eu acho que tem esse lugar de você é comum, você não é exótica, mas, ainda assim, você é desejado. Então, é diferente mesmo.

7. Por que você viajou para esse DESTINO (África-Américas)?

Cara, eu sou muito louca das viagens. Eu amo viajar, eu realmente amo muito viajar. Acho que não teho nem tempo de vida e dinheiro suficiente para ir para todos os lugares que eu iria no mundo. E sempre tive essa vontade e curiosidade de ir para a África do Sul, depois que meu irmão foi.

Achei que era um lugar culturalmente muito diferente para se conhecer. E eu acho que tem essa questão da gente entender e se conectar e ver um lugar que tem mais gente preta e etc. E, por outro lado, foi uma escolha de, eu queria fazer intercâmbio.

Estados Unidos, Canadá, Europa, é ridiculamente caro. E eu vi que algumas pessoas começaram a fazer intercâmbio para a África do Sul, porque é legal. Interessante isso aqui.

Juntei o útil ao agradável, a moeda é desvalorizada para a gente, então as coisas são bem mais baratas. Tanto o intercâmbio em si é brutalmente mais barato. Então acabei escolhendo muito pelo útil e agradável.

Sempre quis conhecer a África do Sul e é mais barato para estudar e para viver lá por um mês. Acho que foi o melhor lugar que podia ter feito intercâmbio.

8. E o que mais te marcou estando em viagem (Africa, etc) ? Que pensamentos vieram?
[repetem a mesma resposta normalmente]

9. Qual sua opinião sobre pessoas pretas de outros países visitarem o Brasil em busca da história negra?

Nossa, não sei se eu tenho opinião, nunca pensei nisso. As pessoas fazem?

Nossa, eu não tinha ideia de que as pessoas faziam isso. Nunca parei para pensar. Sério, de fazer o contrário. As pessoas fariam o contrário. Sei que as pessoas vêm para cá, mas sempre achei que fosse por qualquer outro motivo. Muito mais que o Brasil é samba, futebol, carnaval. Praia..

Sempre imaginei que fossem por esse motivo, mesmo sendo negros. Cara, eu acho interessante. Eu acho que qualquer lugar que a gente vai, onde você encontra outras pessoas negras, é muito interessante.

Mesmo elas... tipo, você vai para a Colômbia, por exemplo, né? Colômbia, para a Cartagena, a Cartagena tem muita gente negra. Eu nem sabia. Pra mim já foi um choque. “Eita, vocês estão aqui também?” Ai, que legal! É, eu fiquei meio... “E como é que é a vida de vocês?” “É uma merda igual a nossa vida” nossa.

Eu acho que é interessante a gente entender e tentar se reconectar. Eu falo que a galera da África são os pretos originais, porque eles não foram tirados de lá.

Ali no meu convívio, eu sinto que as pessoas tinham muito menos problema em entender o passado delas, o que elas são. Porque elas tinham um contato muito grande com a cultura original delas. Por mais que elas foram muito colonizadas, e teve o Apartheid, muito recente, apesar dos pesares, eles conseguiram manter muito das tradições e das línguas, porque tem uma caralhada de língua. Eu não entendo como esse povo consegue saber com que língua eu falo com quem.

Eles têm essa coisa enraizada neles, não é uma questão. A gente, eu sinto que, claro que a gente tem a cultura, principalmente aqui no Brasil, a gente tem a cultura negra, mas ela não é original. Ela é uma cultura negra muito cheia de interferência. Então, ela tem a interferência da religião, interferência, não sei o que, interferência. A gente não tem base.

Literalmente, a cultura negra é uma cultura brasileira. A cultura negra é brasileira, ela é muito específica e muito mais recente. Ela não é originária.

E muita coisa que a gente faz, eu, pelo menos, sinto isso, porque eu não tive uma base de famílias negras tradicionais. Minha família é muito miscigenada. Você não tem tradições de coisas muito fortes, assim.

Eu fui me entender, me reconectar, já muito mais velha, frequentando lugares e me reconhecendo nos lugares. Eu não tive isso. Se eu falar cultura negra dentro da minha família, tio, ninguém liga pra isso.

Não tem um cara que eu tentasse. E faz sentido pra mim. Não foram expostos a isso de diversas maneiras.

Eu acho que é muito interessante quando você se reconecta com negros de qualquer outro lugar. Acho que é válido. É pra entender, sabe? Pra gente aqui é assim, e pra vocês? Como que foi? O que sobrou? Porque, você vê, a cultura negra deles também mudou totalmente e não tem nada a ver com a nossa. Os Estados Unidos são mais diferentes ainda. Tudo se modificou, assim. Então, acho que é muito válido.

10. Pensando em viagens voltadas à diáspora negra: a experiência tem mais a ver com o lugar visitado ou com o que a viagem desperta internamente?
11. Como você se sentiu/sentiria ao estar em um local onde a maioria das pessoas ao seu redor são negras?

Bizarro. Eu acho que a palavra que define é bizarro. Pra mim, nesse mundo branco, na minha vida? Bizarro, bizarro.

Eu já achei Salvador fodido de legal olhar pro lado e ver pessoas pretas. Chegou lá e eu tava tipo, mano, que loucura. Você olha pro lado e todo mundo negro. Como assim? E é um sentimento que eu não falei pra ninguém.

Cara, o nosso racismo, ele é muito... Ele tá muito enraizado na nossa cultura. A gente acaba sendo racista com muitas coisas. Aqui, se você tá andando em algum lugar onde as pessoas são negras, você fica meio... Por mais que você seja negro também, você fica com o pé atrás. Isso é um bosta, é um bosta pensar nisso. Quando você tá fazendo isso, você fica tipo... Ah, que horror. Acho que eu sou branca, né? Mas isso acontece.

E lá você olha em volta e todo mundo é preto. Então assim, amor... Não tem como você desconfiar da população inteira. Todo mundo é igual a você. E eu acho que essa sensação... E pra mim, eu tenho um... Você sabe que eu sempre me dou uma bugada.

Porque assim... Ao mesmo tempo que é muito merda você não se reconhecer em nada. Você não ter referência, você não ter amigos. Hoje eu tenho muito mais amigos negros. Mas por muito tempo na minha vida eu não tive. Então você é sempre diferente. Você é sempre muito diferente.

Isso por um lado é legal. Não sou igual as pessoas. Sou diferente. E por estar no meio de todo mundo parecido com você você fica meio tipo... Eita merda, sou igual a todo mundo. Não sou tão diferente assim.

Tenho esse sentimento, pra mim, sabe? Eu não acho que seja um sentimento muito comum. Eu tenho esse sentimento meio de... Ah, que bosta. Todo mundo se parece comigo. Mas ao mesmo tempo você fica tranquila. Você não precisa se preocupar com o que as pessoas estão pensando de você. Se elas estão pensando se você tem um poder aquisitivo ou não pra estar naquele lugar.

Se você deveria estar ali ou não. Isso é meio que fácil. Todo mundo ali, ninguém tá ligando. Só mais uma pessoa. Então eu acho que... Pra mim tem esse sentimento de... Tranquilidade. Acho que pode ser muito esse aspecto. Muito reconhecimento.

Principalmente que no Brasil quando você tá entre pessoas negras poder falar do jeito que você quer falar sem precisar se preocupar. Principalmente quando você vai falar mal de branco. Não coloca isso no vídeo.

Todo preto fala mal de branco quando tá entre os pretos. É. É uma chacota. Sempre é uma piada. A gente evita fazer isso na frente de branco porque a gente tá muito acostumado a falar que a pessoa é racista. Daí vai que ela fala que estamos fazendo racismo inverso.

Meu ex-namorado é branco. E aí uma vez eu falei puta da vida, que ódio de branco! e ele tipo, só pra eu entender. Você sabe que eu sou branco, né? Eu falei, sei. E eu ainda tinha falado alguma coisa tipo branco, hétero, não sei o que lá.

E ele, você sabe que eu também sou homem porque eu sou hétero. Eu não sou nem bi. Aí eu falei, sim. Ele, ah tá, achei que você não lembrava. Falei, tem vida diferente. Eu acho que tem, tem.

A gente faz isso. E eu acho que isso também eu vejo muito como uma reafirmação. A gente poder ser quem a gente é e falar as coisas. Às vezes parece ter de uma forma meio vingativa, sabe? Tipo... A gente pode falar mal dos brancos.

A gente pode falar de oposição. A gente pode falar eu acho que é um espaço meio acolhedor e acaba tendo meio vingativo. Talvez se a gente não sofresse com as coisas, a gente não olhasse pra essas coisas também.

Eu acho que acaba tendo um espaço, meio que eu não consigo deixar outra palavra, meio vingativa.

12. Qual o futuro desejável para as viagens de turismo diaspórico?
13. Como seria uma experiência fantástica de turismo para você?

Cara, eu sou geminiana. Então, assim, eu acho que eu elencar alguma coisa é muito difícil.

Qual é o meu sonho? Então, é que eu tenho muitos sonhos. Eu sou muito experiente.

Então, eu acho que eu posso dizer que até hoje... é muito difícil lembrar porque eu vou falando e eu já me vi monte de memória. Mas eu acho que pra mim a viagem mais marcante foi essa da África do Sul. Com certeza foi uma das mais marcantes. Porque não era só um lugar muito bonito. Eu fui pra outros lugares que era tipo, ah, porque era muito bonito, porque eram muito legais. Coisa do tipo, ah, porque muita gente gosta de lugares legais, mas eu acho que a África do Sul ela me trouxe muitas coisas.

Além da beleza do lugar. Acho que esse conhecimento que as pessoas têm, o meu irmão, ele falou que quando ele foi há 10 anos atrás, quando ele andava na rua ele falou, assim, então a gente tá em casa.

Que a qualquer momento você vai ver um parente teu. Porque todo mundo parece com parente teu. Então, se reconhecer muito na rua, assim.

É... Nossa, qual que foi a sua pergunta? Ah, minha viagem dos sonhos.

Eu acho que assim, eu sinto muito prazer em descobrir coisas novas. Eu acho que é até porque eu tenho essa paixão por viagens. Viagens, não sei se sobre pessoas novas, lugares novos, culturas novas, comidas novas, tudo é novo.

E eu preciso muito, como uma boa geminiana, eu preciso muito desse movimento, de novidade na minha vida o tempo inteiro. Então, eu acho que todas as viagens que eu posso fazer que tem uma cultura muito diferente da nossa, são as que mais me enriquecem.

Eu acho que a África do Sul por hora tem um lugar de... Não pensei nisso, mas acho que ela tem um lugar muito querido no meu coração por essa experiência, além do lugar bonito e interessante, das pessoas legais. Eu acho que tem esse lugar de reconhecer, de olhar e de pensar: Talvez a gente seja daqui. Talvez não. Talvez a outra cultura ali que eu estou vendo ali, talvez. Acho que tem esse lugar que acabou virando uma viagem dos sonhos muito mais do que o esperado.

14. Como você descreve o impacto de viajar na sua autoestima e na sua identidade?

Olha, eu vou te dizer que eu ainda estou esperando minha terapeuta voltar de férias para poder falar sobre essas coisas todas. Porque eu acho que, eu já processei algumas coisas, mas muita coisa ainda não. Acho que tem muita coisa na cabeça ainda de tudo que aconteceu, de tudo que eu vivi.

Acho que o impacto na autoestima ele é muito positivo e muito negativo ao mesmo tempo. Porque acho que a gente no Brasil está muito acostumada a nunca ser vista como uma opção. Ou você não tem opção de escolha, quem gostar de você está disponível para tu ou tu vai ou tu não vai.

E lá você tem opção. E não é nem de ficar com essa pessoa que quer ou ficar sozinha. Você pode escolher outras pessoas e explorar. O que te agrada mais. E isso é muito bom. É incrível pra autoestima, você se sente linda, maravilhosa e eu acho que tem um impacto físico muito grande.

Porque conforme você vai se sentindo mais bonita, você vai ficando mais bonita. Você começa a ficar mais confiante, você começa a mudar sua postura. Acho que isso influencia muito. Pra mim, eu nunca estive tão bonita quando eu estava na África do Sul. O que aconteceu? E aí o meu amigo veio comentar e falou, amiga, você nunca esteve tão bonita. Eu falei, cara, eu não sei, não sei se era a água, não sei o que aconteceu, mas enfim. Eu também nunca me senti tão bonita. Cheguei no Brasil, eu acho que eu dei uma embarangada que eu não sei o que aconteceu, retrocedeu, não sei, a água lá era melhor.

Mas com certeza, acho que isso vai muito de dentro pra fora. E é bem fácil você ter autoestima boa lá, com todo mundo te elogiando. Isso que eu falei, eu pisei na África, literalmente, eu pisei na África e recebi o olhar de muitas pessoas e sei lá, 4 pessoas vieram pedir meu contato.

Eu falei, gente, a África não tá pra brincadeira, porque duas horas aqui e eu não sei o que vai acontecer nessa viagem. Aí tipo, as pessoas te quererem, sem você ter que fazer esforço nenhum, você está só existindo. Isso é muito incrível, acho que a gente brilha muito mais. Só que o impacto negativo é que isso, não é a nossa realidade. Quando você volta pro Brasil, o baque do momento. É muito ruim, cara, é muito ruim.

Eu estou muito nesse processo, sei que não sou só eu, de olhar e falar, porra, estava muito melhor lá. Estava muito mais fácil. É tipo assim, uma observação, eu pela primeira vez na vida, paguei o Bumble pra jogar o aplicativo pra outro lugar. Nunca tinha feito isso na minha vida. Eu queria ver como eram as pessoas. Eu nunca dei tanto match na minha vida, eu não sei responder as pessoas. Eu ignorei.

Quando isso acontece? Bizarro. Eu entrava no aplicativo e eu tinha dado match com praticamente todo mundo que eu dei like. Isso pra mim já foi muito louco, eu já fiquei, eita porra. Eu ignorei, eu falei, eu vou escolher aqui com quem falar, não sei responder todo mundo. Isso foi muito doido.

Chegando lá, eu acabei nem usando o aplicativo, não tinha tempo, já estava estudando, já estava trabalhando, já estava fazendo um monte de coisa, vivendo, eu paguei pro aplicativo, não usei. Usei, sei lá, olhava para ver as pessoas. Então, voltei para o Brasil e fui usar o aplicativo. Porra, dei cinco matches, ninguém me respondeu e é isso, não vou lutar mais por match com ninguém. Essa diferença, estou dando esse exemplo porque a diferença é muito brutal. E aí é muito foda você chegar aqui e aí você fica tipo, pô, eu queria sair com alguém legal.

Você com quem, amor? E aí você fica, eu acho que a gente acaba se diminuindo muito pra conseguir ter alguma coisa. Tem que escolher quem te escolher. Você não consegue escolher alguém. Você não escolhe, porque mais da metade da população não te quer.

Então, tem um baque muito positivo e tem um baque muito médio. Tá bom. E isso pesa muito, assim. Pesa muito. Eu imagino.

E era isso a autoestima, e? É a identidade. Cara, a identidade eu acho que você volta achando muito mais legal ser preto, sabe? Eu tenho muito esse sentimento quando eu tô num pagode, tá todo mundo preto ali cantando e tal, você fala caralho, olha isso aqui, mó legal ser preto. Muito mó legal ser preto. Que é um momento muito raro, pelo menos pra mim, você olhar e falar, é muito legal ser preto. Eu passei mais da metade da minha vida odiando ser negra e não tomando sol pra tentar ficar com a pele mais clara possível. Então, hoje é o contrário, eu fico tentando tomar sol o máximo possível pra não clarear durante o ano. Mas, eu acho que quando

you tá lá, you acha muito legal ser preto por N motivos, é isso. Tipo, pô, you se acha bonita. A cultura é muito legal.

Então, tem um fator que eu acho que eu senti um pouco de preconceito com as pessoas lá, que a gente acaba não sentindo. E eu acho que isso existe no Brasil também, mas, assim, acaba não se voltando especificamente pras pessoas negras. Muito branco lá, não gosta muito do sotaque, do jeito de falar das pessoas negras ou das pessoas colored. Porque é um jeito que eu traduzo pra gente como um jeito periférico. Então, existe. O jeito que as pessoas se comunicam na periferia é diferente do jeito que as pessoas se comunicam na elite.

Tendo branco ou preto. Eu acho que aqui, a gente tem essa diferença de tipo, jeito periférico, pode ser preto ou branco. Claro que na periferia a gente tem muito mais pessoa preta. Mas a gente se refere muito ao jeito periférico de falar, do sentido das pessoas negras de falar. E lá, eu senti que you tem uma vantagem quando you não é de lá, porque you não fala desse jeito. Apesar de you ser uma pessoa negra, ou colored, you não fala desse jeito. Então, as pessoas têm uma afeição melhor com you. Os brancos têm uma afeição melhor com you, porque seu sotaque não incomoda. Sabe?

You tem um sotaque estrangeiro, mas não é um sotaque que incomoda, porque não é esse jeitinho periférico de falar. Acho que a gente acaba tendo uma vantagem meio chata em cima disso. Mas, de todo jeito, acho que a gente volta achando muito mais legal ser preta. You se sente mais bonita, you acha a cultura muito legal, you olha e fala, pô, é da hora. Os pretos lá, onde chegaram? E assim, you vê muitas pessoas negras empreendendo pra cacete.

Acho que isso talvez não seja um fator de se orgulhar tanto, porque eu acho que é um meio de eles conseguirem. E eu acho que isso acontece com a gente também. You quer atender socialmente, porque é muito mais fácil se you for pro lado do empreendedorismo do que you saindo do CLT.

Até porque é muito difícil a gente bater nos cargos altos, né? Acredito que talvez isso também deva desanimar, ou eles ganham pouco num geral, então you empreender, you tem chance de ganhar mais. Mas, mesmo assim, you vê pessoas negras com cargos muito legais. Com uma vida muito legal, boa. Então, o meu sentimento é de querer voltar muito e tipo, é da hora. É da hora isso.

Acho que isso mexe muito com a gente interiormente. E eu digo muito pra mim, porque essa questão de ter demorado muito pra gostar de ser uma pessoa negra. Eu passei muitos anos da minha vida odiando ser uma pessoa negra. Ainda acho uma merda, às vezes. É difícil. Mesmo quando a gente fala de mercado de trabalho, de se sentir respeitado, etc. Ainda é muito difícil. Às vezes me irrita um pouco ser a negra, se eu fosse branca, não estaria passando por isso. Com certeza que não estaria.

Minha sócia é branca. E as pessoas batem muito menos de frente com minha sócia do que pra mim. Elas respeitam muito mais minha sócia do que eu. Então, às vezes eu preciso me retirar, me afastar e deixar ela ficar à frente porque eu sei que ela vai tomar muito menos do que eu. E isso é um saco. E ela odeia porque ela nem gosta de falar com as pessoas. “Minha função nem é essa. Não sou eu que falo com as pessoas. Quem fala é you.” E eu tô atrás. Só que as pessoas respeitam muito mais ela. Ela fica puta com isso no aspecto geral.

Mas isso acontece. Então, acho que é isso.

15. Por fim, you já sofreu racismo?

Cara, sim, obviamente sofri racismo. Acho que sofri racismo pela primeira vez quando eu estava na pré-escola ainda. Eu tinha 5, 6 anos. Eu estava no colégio alemão em São Paulo.

É, a história é uma doideira. Todo mundo fala, mas o que eu estava fazendo lá? Não sei. É que é um colégio muito bom, então. Enfim, era uma oportunidade muito boa. Mas era um colégio totalmente branco. Com pessoas que não estão acostumadas a conviver com pessoas negras. De igual para igual. E, claro que eu sofri racismo vindo de outras crianças, então foi um racismo muito tosco.

Tipo assim, pensar nisso me machuca muito. Só que aí quando eu penso, ah, mas o que eles falaram? Ah, eles me chamaram de árvore. É muito bobo, é muito bobo. Hoje, adulta, eu daria risada e falaria, mas você não é uma criança. Porém você criança se machuca muito. As comparações que as crianças fazem, tipo, parece bobo, você parece árvore, não sei o que lá. Pô, isso me machuca muito. E a escola teve que fazer uma campanha antirracista porque eu estudava lá. Funcionou? Não. Foi o jeito que a escola soube lidar com isso? Sim, infelizmente sim.

E vou ser muito sincera, não acho certo. Culpo muito a escola, mas pelo outro lado, não. Por quê? Porque eles também não tiveram educação antirracista. A escola não sabe lidar com isso? Não tem. Não tem professor negro, não tem ninguém negro lá. Como que eles vão lidar com isso? Não sabem lidar. Eles vão lidar da forma que eles imaginam que é a forma que vai resolver. Não resolveu.

E sei tanto que não resolveu que poucos negros conseguem estudar lá, como eles falaram, cara. Todos os negros que eu conheci e estudaram lá, foram poucos, sofreram racismo. E, recentemente, há dois anos atrás, sei lá, bem recente, essa escola tem três unidades em São Paulo.

Duas em São Paulo, e uma no interior. Na do interior, dois irmãos negros sofreram racismo, criaram um grupo nazista, e colocaram eles lá, começaram a falar um monte de absurdos, só que a mãe deles é branca, eles são adotados, por advogada. E, assim, a advogada fudidona, ela detonou a escola.

E, assim, a nível, ela incentivou, e aí uma coisa que vou até chorar, que acho que não deveria acontecer, não acho que deveria acontecer precisamente, mas ela incentivou os filhos irem com megafone, subir em cima de uma mesa e falar que o racismo não ia passar. É, tipo, nunca que eu teria essa força. Eles são adolescentes, sabe? Nunca que eu teria essa força de fazer, e ela é uma mãe branca. Eu acho que ela nem é casada, ela só adotou as crianças. São muito ricos.

E ela incentivou eles a fazerem isso e juntou uma galera na frente da escola, pra ficar um negócio, com megafone, falando racismo não passarão, processou a escola, processou a porra da puta do negócio inteiro até que os alunos fossem expulsos, porque a escola não expulsou, a escola só tinha dado suspensão. E ela não aceitou, foi até o final.

E eu mandei uma mensagem pra ela e falei, cara, eu me senti vingada. Porque eu sofri racismo nessa mesma escola e claro que em outra unidade mesmo. O conceito da escola em si é a mesma. Há 20 anos atrás. E 20 anos depois eu tô vendo outros alunos passarem pelo que eu passei de uma forma muito pior do que eu passei. E eles foram colocados em um grupo que se denominou nazistas. Então, as coisas que eles ouviram foram muito piores.

Mas eu fiquei muito feliz e eu mandei uma mensagem pra ela, falando cara, obrigada. Obrigada pelo que você fez. Obrigada pela força que você tá dando pros seus filhos de não

aceitar isso e de não colocar, não deixar eles serem diminuídos por causa disso. Ao contrário, eles se sentiram muito mais potentes e bater na frente e falar não, aqui não. Então, acho que tem muito disso. Claro que mercado de trabalho, se é design, eles são uma bosta.

É um mercado completamente branco. Inclusive, eu tenho um projeto que eu tava falando agora um pouco dele há algum tempo já, que é uma mostra de decoração de profissionais negros, porque eu tento mostrar a decoração desde os 12 anos de idade. Faz 2, 3 anos que eu vejo profissionais negros aparecerem nas minhas mostras. E assim, são sempre profissionais, tão profissionais. Nunca me entendo sobre o mercado. E há uns anos eu comecei, tá, a gente não estuda isso?

Negra gosta de arte, negra não gosta de design? Onde é que a gente tá? A gente tá, só que a maioria desiste porque não consegue entrar no mercado de trabalho porque não tem credibilidade. A gente sempre é muito colocado à prova do tipo, você já foi pra Europa? Mas que bagagem você tem? Que conhecimento você tem? E muitos sim, já foram pra Europa, frequentam os mesmos lugares, mas sempre colocado à prova, sabe, onde você frequenta? Você é capaz de fazer isso ou não? Acho o mercado de trabalho extremamente seletivo, extremamente branco e extremamente difícil.

Desisti muito de entrar no mercado de trabalho convencional por esse motivo porque é difícil provar que você é capaz. E entendi depois de muitos anos que não é um sentimento meu só, é um sentimento geral. Muita gente não quer estudar arte, não quer estudar design porque sabe que vai ser excluído, não vai ser tão valorizado como um branco e eu acho que no meu cargo, né?

Acho que racismo sempre foi presente de uma forma muito velada, claro, porque no Brasil o racismo é muito velado, mas por exemplo, eu me mudei há dois meses atrás, mas quando eu me mudei, a gente se mudou para a última casa, que é na frente de um São Marchê, o mercado, eu acho que é o mercado mais caro que tem em São Paulo, não é o mercado mais caro, mas um dos mais caros que tem em São Paulo e é do outro lado da rua literalmente, é o mercado que você vai para comprar pão, de chinelo, como eu estava em casa, você só vai descer atravessar a rua e comprar. Quando a gente se mudou todas as vezes que eu entrava no Marchê e assim, não sou uma pessoa que se veste largada, eu odeio e não importava como eu estivesse vestida toda vez que eu entrava no mercado, eu era perseguida em segredo. E aí uma vez eu entrei com o meu ex-namorado, que é branco. Quando eu entrei com ele, eu não fui seguida. Nunca fui seguida enquanto eu estava com ele.

Depois de um tempo, eu acho que eles entenderam que eu ia lá quase todos os dias comprar um pão e pararam de me encher o saco, mas assim... Obviamente, eles estavam insinuando que uma pessoa negra entrar no mercado caro e o pessoal também não. E assim, eu moro no Morumbi, então subindo a avenida eu vou estar na Paraisópolis. Acho que pra eles, e você vê, tem pessoas negras também. Mas, pra eles é meio tipo, ela desceu da favela, ela trabalha por aqui, ela está vindo comprar alguma coisa, será? Não que eu moro.

Então, acho que morar onde eu moro sempre tem muito esse olhar de a gente já se mudou e está meio com cara de Ah, você mora aqui? Eu já sofri racismo sendo adulta por uma criança. A gente morava em um outro prédio, mais elitizado ainda. Eu estava na academia, a academia tinha uma janela gigante, gigante. Fazia a parede inteira, que dava pra... Era a área de lazer, assim, o prédio. Era meio que uma passagem. E aí, estava tendo uma festa de aniversário no prédio e uma criança passou correndo na frente, voltou, olhou pra mim e falou Você trabalha aqui? Eu estava na esteira! Aí eu olhei pra criança e falei, eu moro aqui. Aí ele, você mora aqui? Ah, eu moro aqui. Aí ele ficou [chocado]. Acabou. E saiu correndo. Não fiquei puta, eu

fiquei, ah é uma criança. Isso aqui é isso. A criança não está acostumada com pessoas negras num ambiente desse. Então, obviamente, se eu estava lá, eu estava trabalhando. E isso acontece pra cacete, em qualquer lugar que eu esteja.

Loja. Porra. Assim, eu posso estar com qualquer roupa. Todo mundo está de preto escrito, a logo da loja aqui. Estou de vermelho, alguém vai virar pra mim e falar, oi você trabalha aqui? Sempre, sempre. Então, isso acontece muito. Tipo, uma vez eu estava no C&R com o meu pai. Cara, eu estava de bolsa. Bolsa. Estava de bolsa, não estava trabalhando. E o meu pai é branco. E aí meu pai estava escolhendo uma camisa pra dar de presente pro amigo dele.

E aí ele, ah, mas acho que é essa. Aí eu falei, não pai, acho que é essa aqui. A gente olhando. Sabe quando você está sentindo alguém te olhando? Aí eu olhei pro lado e tinha uma moça. Ela falou, Você sabe onde eu acho essa camisa? Aí a gente olhando pra cara dela. Aí eu falei, não, eu não trabalho aqui. Ah, tá. E saiu.

E uma outra, ela segurou. Eu não lembro que loja eu estava. Mas a mulher segurou no meu braço e me chamou de meu educado. Eu estava numa loja comprando. A mulher virou pra mim e falou, oi. Bom, isso aqui, não sei o que lá. Não lembro do diálogo. Tipo, se me falar isso, que eu vou. Você não faz nada. Você não tem reação. E não sai. Não sai uma palavra. E eu literalmente olhei pra cara dela e saí andando.

Ela me puxou pelo braço e falou, “sem educação, eu estava falando com você.” Aí eu olhei pra mão dela, olhei pra ela e falei, eu não trabalho aqui. Aí ela, ah, tá.

E, tipo, isso acontece inúmeras vezes. Eu posso estar em shopping chique, em shopping pobre. Na 25 de março, em qualquer lugar que eu esteja. Sempre uma pessoa branca vem me perguntar, oi, você pode ajudar? Oi, você trabalha aqui?

Ou, também já... Meu pai estava trabalhando em uma época que ele tinha uma loja num shopping. E estava em reforma a loja e tal. Então eu estava, tipo, ah, meu Deus. Aí meu pai falou, ah, dá uma volta no shopping. Vê se acha alguma coisa pra você comprar. Aí fui olhar, entrei numa loja chique. Meu pai não mora em São Paulo, ele mora no litoral. Mas deixei a vista da loja, entrei. Pisei na loja, a moça, oi, tudo bom? Boa noite, posso te ajudar? Aí eu falei, ah, vou te dar uma olhada. Obrigada. Ela ficou assim, ó, parada. Vou só dar uma olhada, em uma roupa. Ah, tá. Eu dava um passo, ela dava um passo. Eu falei, meu Deus. E aí, depois eu vi o preço, eram peças caras. E aí eu tentava andar na loja, ela ficava me seguindo. E daí entra, duas pessoas brancas. E a moça falou de longe, tudo bom? Se precisar, estou aqui. E elas andaram livremente na loja. E aí eu literalmente virei as costas e saí andando. Voltei pra onde meu pai estava.

Meu pai falou, ah, já voltou? Não achou nada? Eu falei, não, não quero. Aí contei pra ele o que tinha acontecido. Meu pai ficou puto. Falou, vamos comprar essa merda, essa loja inteira agora. Eu falei, não, não quero dar dinheiro pra ele. Não vou comprar nada. E aí ele ficou puto. E falou, tipo, claro que pensaram que não pode pagar. Porque você é só... E na época era adolescente, era bem mais nova. Só uma adolescente preta, né? Tá, assim, tá. Muito negativo pra ele.

Então eu acho que a gente sempre sofre micro-agressões racistas, assim. Que a gente ignora muito. Tenta não acreditar. Tipo, cara, não é possível que isso foi racismo. Não quero aceitar que foi isso. Mas a gente sabe que é. A gente sabe que foi por esse motivo.

Eu acho que nunca sofri, além da escola, nunca sofri nenhum racismo... Pesado, direto, assim. De alguém me xingar e etc.

Mas a gente... Ai, eu sofri racismo do meu ex-sogro também. Não o último, né? O primeiro. Meu primeiro namorado era branco-louro. E ele só tinha namorado meninas brancas. E aí você via os comentários. Tipo, foto antiga do Facebook. Ele com as outras namoradas. E aí eles ficam comentando. Ai, lindo. Maravilhoso. E sempre apoiou todos os relacionamentos dele. E ele nunca tinha me visto. Aí eu fui na casa dele pra conhecer ele. Quando eu saí do carro, ele olhou pra minha cara. Me mediu. Falou, tudo bom? Me viu nas costas. Cumprimentou o meu ex. E saiu andando.

Gente. Eu falei, sabe. Ele não me conhece. Ele não é uma pessoa muito afetuosa. Parece uma brasileira também. E aí o tempo inteiro que eu fiquei na casa dele, ele fingiu que eu não existia. Literalmente fingiu. Tipo, ele virava pro meu ex e falava assim, que água? Aí ele falava que queria. Ele, tá bom. Levantava, pegava água pra ele. Aí meu ex olhava pra mim e falava, você quer água? Eu falava, quero. Aí meu ex tinha que levantar, pegar água e trazer pra mim. Ele literalmente fingia que eu não existia. E eu cheguei a falar pra ele, tipo... Seu pai não gosta de mim porque eu sou negra. Ele, não. Não, não é isso. É que ele não te conhece. Eu falei, nossa, mas ele conhecia tão bem suas ex, que todos os comentários em foto de ex, no seu Facebook, né? Ele adora elas. Ele apoia super todos os relacionamentos. E ele não quis nem me conhecer. Ele nunca trocou uma palavra comigo. E quando ele trocava, era sempre muito rude. E aí eu me recusei na casa dele pra sempre.

Eu era obrigada a encontrar com ele em aniversário. E ele não falava comigo. Ele literalmente cumprimentava todo mundo, e eu não cumprimentava. Ele nunca falou comigo pra ter uma justificativa, sabe? Tipo, achou ela arrogante, achou ela chata, a voz dela. Ele nunca falou comigo. Ele não quis falar comigo. E é isso. Por que seria?

Ele nunca falou comigo. Não existe outro motivo que não seja alguma coisa física. Eu não sou deficiente física pra falar que ele não queria o filho dele com uma pessoa com deficiência. Não tem nada. Além do fato de eu ser negra. E a família dele ser muito branca. Acho que isso incomodava muito ele. Então... Isso pra mim me pegou muito. Eu até pensava. Eu tinha pavor de engravidar esse cara. Imagina ter um filho com ele. Um filho nascer preto. E aí ele vai... Se negar a reconhecer o neto. Eu tinha um pesadelo com isso. Engravidar sem querer. Essa caralha. Meu filho não vai ser bom pra parte do pai. Porque vai se recusar, obviamente. E eu pensava muito que... Eu achava isso muito triste.

Porque tenho e tive avós muito querida. Até...

Aliás, eu sofri também dentro da família. Meu pai é branco. A família do meu pai é branca. Tirando que meu tio casou com uma mulher muito negra. E aí eles tiveram um filho que é mais novo que eu. Mas até então passei muitos anos sendo a única neta negra. Minha mãe é a única pessoa negra de minha família. Meus avós mesmo nunca fizeram a menor diferença. Aliás, eu fui a mais mimada. Porque eu era a neta mais nova de todos. E... A minha família é do Rio. Então, meus avós viam a gente uma vez por ano.

Então, assim... Eles já estavam com o saco cheio dos outros netos. Quando a gente chegava, eles estavam tipo... Rala a boca todo mundo. Meus netos. A gente era sempre muito mimada. E eu, menina mais nova de todos, eles... Tinha um tratamento muito diferente. Meus primos ficavam putos nesse tempo.

Só que meus avós, eles eram separados desde que eu nasci. Muito antes de eu nascer. E minha avó casou de novo. Com um cara branco. Que eu nunca soube que ele era racista. Até os meus quinze anos. Chamava ele de vô. Porque ele era marido da minha avó. Eu cresci ali e tal. E...

Meus pais sempre protegeram a gente de ouvir as merdas que ele falava. Então, a gente nunca viu, nem ouviu.

Quando eu tinha 15 anos, minha avó estava muito doente. Minha avó estava literalmente morrendo. A gente preferiu ver minha avó. Em algum momento, minha avó foi deitar. Ela queria sentar na cama. Ela não estava aguentando. E a gente sentou com ela na cama. Eu, meu pai e meu irmão. E aí, o padrasto que meu pai... Ele odeia que eu fale que é o padrasto. Ele fala que ele não tem padrasto. Ele virou e falou assim... Ah, mas você sabe porque que eu gosto da Naya? Que é a esposa do meu tio. Eu gosto da Naya porque ela é uma preta com alma de branca. E aí, eu fiquei tipo... Oi? Aí, a minha avó falou... Que isso, Luiz. Besteira essa. Não existe isso. Está falando besteira.

E meu pai odeia. Aí, meu pai literalmente virou... Nossa, que pena, Luiz. Porque a gente é preto. E eu fiquei em choque. Porque ele é tipo... Ele era meu avô também. Depois disso, eu nunca mais vi ele. Porque minha avó morreu em seguida. E... O meu pai deu graças a Deus. Que eu nunca mais seria obrigada a ter que encarar esse cara. Porque ele só era obrigado porque a mãe dele estava junto com ele. E a gente nunca mais viu. E aí, eu comentei.

Quando eu voltei, eu comentei com a minha mãe. Falei... Cara, ele falou isso. E minha mãe falou... Então... É sempre assim. A gente sempre soube disso. Só que ele nunca tinha... Ele tratava vocês ok. Não era a pessoa mais carinhosa do mundo. Não era a pessoa que dava certo. Ele nunca falou nada para vocês. Assim, diretamente. Na fita. Falava para mim. Minha mãe é negra. Minha mãe é da mesma cor. Ela falou... Falava para mim. Falava, tipo, pelos tantos. Eu conseguia entender que era sobre mim. Mas a gente sempre protegeu vocês. Porque vocês eram criança. E porque a gente não queria que vocês entendessem que... Vocês chamavam eles de vô. Então, a gente protegeu até onde dava. Muito por isso.

E aí, eu falei... Cara, eu estou chocada. Minha vida inteira chamando uma pessoa... Que não gostava da gente. Porque a gente era negra. E fingia que tinha que tolerar a gente. Chamando de vô. E aí, para mim, dali em diante... Eu não abstraí de que ele foi meu vô um dia. Até porque meus avós... Todos são maravilhosos. E meu vô, por parte de pai, que é branco... Ele é a melhor pessoa do mundo. Ele é, tipo... Minha mãe, assim... Meus pais tiveram uma separação horrorosa. Minha mãe ama meu vô. Ela fala... Ah,, seu vô é realmente incrível. É uma gracinha. Ah, ele é muito bonitinho. Está com vontade de botar o vô numa caixinha? Sim. Meu vô é essa pessoa. Então, sim, ele não... Nunca precisei dele para colocar ninguém no lugar.

Meu vô, por parte de mãe, era negro. Aliás, era o único avô negro. Porque todo o resto era branco. As duas avós, vôs brancos. Também sempre fui a netinha favorita. Minha avó, por parte de mãe... Vô pra caralho. Minha avó, por parte de pai, também sempre fui a netinha favorita. Até quando eu fui com 15 anos lá, ela veio me cobrir, falando... Netinha da vovó. Isso, eu tinha 15 anos.

E meu vô, por parte de pai, também branco. Sempre fui muito neném. Quando eu morei lá, dois anos, para estudar, meu vô saía da puta que pariu. Tipo, cinco horas da manhã, porque ele queria me levar para a aula. Eu estava em Niterói. Eu tinha que fazer aula no Rio de Janeiro. Ele queria me levar. Ele queria que eu chegasse bem, que eu fosse netinha. Aí eu te espero. Eu vou, são cinco horas de aula. Não, eu vou ficar aqui. Eu espero. Porque você não sabe andar no Rio. Aí eu te levo para casa. E aí eu vou te ver. Ele ia me ver todos os dias. Mas foi incrível.

Fiquei muito chocada quando isso aconteceu, mas não me abalou, porque a minha estrutura real de sangue é muito incrível. Incrível e nunca fizeram diferença. Meus tios, meu primo, tudo branco. Eu e o Dani, que é o mais novo, que veio preto depois de mim. A gente foi os dois pontos pretos da família, mas literalmente ninguém nunca fez diferença. Eles só deram diferença para a gente porque a gente era paulista.

Porque todo mundo era carioca. A briga deles era essa, a gente é paulista. Mas por raça, nunca. Minha família nunca fez a menor diferença. Minha família real nunca fez diferença. O cara é escroto pra caramba.

APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 2

Entrevista 2

Mulher/ 54 anos/ São José dos Campos/ Consultora de projetos sociais e culturais

1. O que significa para você "pertencer" a um lugar ou a uma comunidade?

R: Para mim, significa... Significa vida, significa valorizar a minha história, valorizar a história da minha família. Significa dar sentido à vida, estar ligada a um grupo, a uma comunidade.

2. Como você entende o conceito de aquilombamento? Essa prática contribui para o fortalecimento da sua identidade e bem-estar?

R: Aquilombamento, para mim, é a valorização da nossa ancestralidade, mas também conhecer a nossa história. E para que em grupo a gente possa também exercer a solidariedade, podemos ajudar uns aos outros e também fortalecer a nossa luta política. Esse fortalecimento não só individual, mas também pensando na nossa prática da cidadania e na nossa prática política.

3. Em que medida sua identidade seria reafirmada e fortalecida, através de viagens com valorização da cultura negra? (Turismo Diaspórico)

R: Eu acho que o turismo afro diaspórico nos traz essa possibilidade de conhecer a nossa história. Como a minha graduação é história, eu sou historiadora, então desde criança eu já tinha aos poucos esse entendimento dessa importância de conhecer o passado, dessa compreensão desse passado histórico que tem muita influência no nosso presente. Então eu acho que a atividade turística, esse movimento turístico, nos traz essa possibilidade, não só por viagens longas, mas também pelos roteiros turísticos, pelos roteiros, pelas caminhadas negras, que também vêm crescendo aqui no Brasil nos últimos dez anos.

Mas eu acho que esse turismo afro diaspórico possibilita isso, esse autoconhecimento individual, mas também esse conhecimento da nossa história, da população negra.

4. O que você espera/esperava encontrar em viagens voltadas à cultura negra?

R: Bom, algumas coisas. Mas eu acho que a primeira coisa é ter um bom atendimento. Eu não sou da área do turismo, mas tem alguns termos, tem algumas questões que eu estou aprendendo, como essa questão, por exemplo, do turismo receptivo.

Então eu acho que isso é uma parte que eu sinto muito, às vezes, de chegar em algum lugar e não ser bem atendida. Então eu acho que isso é o principal, que as pessoas que vão receber, não só os guias, mas todo o grupo, o trade turístico, que ele seja capacitado, que ele seja preparado para receber todos os turistas, mas principalmente o turista da população preta. E aí depois, o segundo passo é que ele, que o guia conheça a nossa história, porque durante 400 anos foi contada só essa história por esse viés europeu, eurocêntrico.

Então agora nós estamos vivendo esse momento de revisitar a história, de revisitar monumentos históricos, essa questão do apagamento ou até mesmo da distorção de alguns

fatos históricos, distorção de algumas figuras públicas que foram importantes. Então talvez a gente tenha que voltar para as salas de aula, como a gente dizia anteriormente. Vamos ter que voltar às salas de aula, voltar aos bancos escolares, mesmo que isso seja de uma forma simbólica, mas isso vai precisar acontecer, isso precisa acontecer e o segmento do turismo vai ter que se atentar para isso, porque quem trabalha na área vai ter que ser capacitado.

Então ele vai ter que sentar, vai ter que estudar, vai ter que se interessar por essa história, para ele não ficar repetindo a mesma informação, a informação que ele recebeu nos anos 80, nos anos 90, talvez ela não seja mais válida agora para o ano de 2025 e para os próximos anos. Então eu espero isso, que tenha uma boa recepção no lugar que a gente chega e que essa informação seja revisitada.

5. Quando você se sente mais conectado(a) com sua identidade negra? Existe algum momento ou espaço específico que desperta isso em você?

R: Não, eu me sinto conectada o tempo todo. Não vejo essa, não tenho um espaço específico, não. Não, eu me sinto conectada o tempo todo, porque essa ideia dessa consciência racial, eu sempre tive, desde criança.

Então isso para mim não tem um espaço específico que eu me sinta mais ou menos conectada, mais ou menos, mesmo em África, como eu já estive, morei na África do Sul, morei em Angola, voltei de Angola agora no ano passado. Mas a minha percepção é essa, ela é mais do individual para o coletivo do que do coletivo para o individual.

Experiências Específicas

6. Quais foram as experiências de viagem (turismo diaspórico) marcantes em sua vida?

R: Eu fui para a África a primeira vez em 2016. Então em 2016 eu fui para Joanesburgo, na África do Sul, fiquei só ali em Joanesburgo, que é uma cidade importante, que é parte da sede do governo sul-africano, e aí tem o museu Nelson Mandela, contando a história do Apartheid, tem ali o bairro de Soweto, que é um bairro de luta. Então isso foi em 2016.

Quando foi em 2020 eu fui morar em Cape Town, fui morar na cidade do Cabo, um pouquinho antes da pandemia. A pandemia começa no final de março, eu chego em Cape Town no início de março. E aí fui morar com uma família sul-africana.

Então eu fico morando com essa família durante quatro meses da pandemia. Então foi uma experiência muito interessante, desafiadora, com muita resiliência, porque eu estava lá conhecendo aquela família e ficamos ali uns quatro meses dentro ali de casa com toda essa questão da Covid. E aí agora, em maio de 2024, no ano passado, eu fui fazer o intercâmbio, a mobilidade acadêmica em Angola.

Então fiquei em Angola até agosto e aí depois fui para a África do Sul. Passei pela Namíbia e fui novamente passar uns dias na cidade do Cabo, em Cape Town, que é uma cidade que eu gosto muito. É uma cidade do meu coração.

Eu tenho ótimas lembranças de Cape Town, eu gosto muito de lá. Então a minha experiência foi... A minha experiência é nesses dois países.

A África do Sul, que tem a colonização inglesa, que também para a gente é importante ter essa informação, eles falam inglês, e Angola, que tem essa colonização portuguesa, eles falam

português de Portugal, que é bem diferente do Brasil. A hora que a gente chega lá, que a gente nota realmente que algumas palavras, alguns entendimentos, eles são bem diferentes. Mas para mim foi uma experiência transformadora, fez e faz muito sentido ir à África.

E agora tem, por isso a minha pesquisa do mestrado é sobre viajantes negros para o continente africano. Então eu utilizo a história oral, e aí faço entrevista com pessoas pretas, pessoas negras que foram ao continente africano. Então já fiz, já estou na fase final da pesquisa, estou na fase de escrever, tenho mais dois meses para terminar o mestrado, mas tenho uma lista de pelo menos 300 pessoas pretas que já foram para diversos países do continente africano, e isso também é importante, porque existe um recorte de classe, porque não é uma viagem barata.

Então, até pouco tempo atrás, as pessoas sempre diziam que as pessoas pretas não viajam porque não têm dinheiro. Só que agora, isso aos poucos, é claro, que é pequeno, se a gente for comparar o número de 215 milhões de brasileiros, mas esse movimento está acontecendo. Então, eu falo desse grupo de 300, que é o que estou monitorando, principalmente pelo Instagram, e de pessoas também que eu conheço, que estão indo e que também me indicam.

Mas esse número é muito maior. Então eu acho que é um número, sim, expressivo de pessoas pretas que estão indo para o continente africano.

7. Por que você viajou para esse DESTINO (África-Américas)?

R: Por que eu escolhi? Por pura curiosidade, por curiosidade mesmo de, por exemplo, a África do Sul, porque nos anos 80, passava-se muito na TV, falava-se muito sobre o Apartheid, nos anos 80, nos anos 90, e isso foi me despertando, essa curiosidade, como é você viver em um país onde você tem essa legislação, as pessoas brancas são privilegiadas, só que você ter isso na legislação, por mais que se fale que o Brasil também vive um certo Apartheid, a Bahia e tal, mas acho que é diferente quando você tem uma lei, então aqui as pessoas brancas podem sentar, aqui sentam as pessoas negras, então eu tinha muito essa curiosidade de ver isso, assim como os Estados Unidos também passaram por isso, mas essa história recente da África do Sul, isso sempre me despertou essa curiosidade, então quando eu tive a oportunidade, na verdade eu estava indo para a Índia, eu fui indo para a Índia, que eu paro em Joanesburgo, mas a viagem era para a Índia, mas tinha essa passagem pela África do Sul, então eu falei assim, não, está perfeito, então foi quando eu tive isso, essa possibilidade, mas uma curiosidade mesmo dessa história do Nelson Mandela, do Desmond Tutu, mas para eu começar a entender essa dominação desse regime do Apartheid, como é que isso acontece, um grupo que são as minorias, que são os brancos, conseguem dominar, conseguem tomar conta de um país durante 40 anos, então isso é bem complicado, e agora é isso, eles estão ainda nessa fase de transição, o Apartheid não existe mais, mas quando a gente chega, principalmente na cidade do Cabo, que a gente vai percebendo como é a arquitetura, como a cidade se organizou durante esse período do Apartheid, então foi mesmo por essa curiosidade histórica de conhecer, e dentro da história a gente aprende que para a gente falar sobre determinado assunto, a gente precisa conhecer, então eu já tenho uma curiosidade mesmo que é minha, e aí dentro da história, esse método histórico, ele acaba nos levando também na medida do possível a ter essa experiência, para poder falar com mais propriedade sobre determinado assunto.

8. E o que mais te marcou estando em viagem (Africa, etc) ? Que pensamentos vieram?
[repetem a mesma resposta normalmente]

R: O que mais me marcou, além da comida... Essa parte boa. Essa parte boa.

Eu acho que é essa possibilidade da experiência mesmo, essa possibilidade, essa mobilidade, esse deslocamento de ir. E eu tenho pensado muito que a viagem só se completa, ela só faz sentido quando a gente volta e conta sobre a história. Eu quero até escrever um artigo sobre isso.

Eu quero até escrever um artigo sobre isso, porque a viagem é toda uma trajetória. Desde que você tira o passaporte, compra a passagem, prepara a mala. Então tem toda uma ansiedade, uma expectativa, aí chega lá, fica.

E aí a hora que volta, esse voltar, esse retorno, eu acho que ele diz muito também isso do que ficou, dessa experiência, e que vai além das fotos. Então tem esse registro fotográfico, mas tem me feito muito sentido quando eu volto e conto, compartilho como foi essa experiência. Então acho que para mim o que mais me marca é entender, entender a nossa história, porque daí não é só a minha história, não é só uma história pessoal, mas entender a história e a formação da sociedade brasileira, que sim temos essa parte importante que é ligada ao continente africano.

Mas também o que mais me marcou são as nossas diferenças e não as nossas semelhanças. Mas aí é uma provocação para o futuro. Nós temos semelhanças, sim, temos, alguns aspectos culturais e de costumes, mas o que mais me chamou a atenção são as nossas diferenças e não as nossas semelhanças.

O que eu achei legal, porque eles, principalmente agora nessa viagem para Angola, eles me dizendo muito sobre uma tradição africana que eles têm. Quer dizer, é uma tradição africana que existe antes da chegada dos colonizadores. E que tem lá a relação que eles têm com a família, essa questão de ter muitos filhos, você tem uma relação que eles têm, o papel da mulher, o papel do homem, isso ainda permanece, isso não tem nada a ver com o colonizador, isso tem a ver com uma tradição que eles me disseram, uma tradição africana, e que nós não temos aqui no Brasil, nem as pessoas brancas, nem as pessoas negras, não tem isso, então lá eles ainda têm isso muito bem definido. Mesmo quando se fala dessa questão dos mais velhos, de respeitar os mais velhos, não é só respeitar os mais velhos, é você obedecer aos mais velhos.

Porque também são coisas diferentes, eu respeito a minha mãe, respeito as pessoas mais velhas, mas posso não concordar com a ideia, posso não concordar com o conselho que ela me dê, são coisas diferentes. Por exemplo, em Angola, eles têm ainda uma tradição da escolha do casamento, então a pessoa precisa, tanto a família da mulher quanto a família do homem, eles precisam autorizar esse casamento, esse casamento precisa ser autorizado, então as famílias têm que se conhecer, então eles mantêm esse ritual, que aqui no Brasil nós não temos esse ritual, as pessoas se conhecem, se beijam, transam e não sei o quê, e vão morar juntos, e aí depois vão, mas lá não, lá eles dizem que eles não concordam, eles sabem, por exemplo, que no Brasil é assim, e que eles não concordam, então eu acho que essa estrutura familiar, essa organização familiar, que é diferente aqui do que nós vivemos no Brasil, eu acho que esse é um ponto, eu acho que esse é um aspecto importante que eu presto atenção, porque se for pensar na música, na comida, sim, mas isso não liga, os japoneses comem arroz também, nós comemos arroz, outros povos comem carne, não é isso que nos liga, não é só isso, ah,

porque eles são alegres, aí no Brasil também as pessoas são alegres, ah, porque tem, não, então eu tenho questionado, tenho refletido sobre essa questão dessa identidade, então essa organização que eles têm lá, dessa tradição africana, eu tenho achado interessante pensar esse papel da mulher, e outros pontos também, por exemplo, em Uganda e outros países, eles condenam, como eles falam, a homossexualidade, então está na lei, você não pode ser gay, o governo não autoriza isso, e mesmo em Angola, quer dizer, não que essas pessoas não tenham pessoas gays nos países, principalmente na África do Sul, eles já tem lá uma legislação, ele já tem um acolhimento, que é diferente, é até considerado um país amigo e tal, por essas questões LGBT, não que nos outros países, mas por exemplo, a maior parte dos países em África condena essa prática, então eu acho que a gente precisa também, esse caminho de estudar e também ver as diferenças entre os países, então o que tem na Nigéria, como é a Nigéria, às vezes a gente tem muita, fala-se muito na Nigéria por causa do IFA e por causa dessa influência no Candomblé, mas a África não é só a Nigéria, são 54 países, 2 mil línguas, então essa questão da língua também é algo isso, então se você vai para o Congo e não é fluente em francês, essa relação vai ficar dependendo de um tradutor, de um guia, então essa identificação fica comprometida, é diferente se você chega em um país e isso que fala português sim, porque você vai ter ali uma independência, uma autonomia para perguntar o que você quiser, essa interação fica diferente, então eu acho que um outro ponto também é essa questão da língua, como falar dessa barreira linguística, eu acho que isso também é um ponto que compromete essa questão dessa identificação e de conhecer a história, e de fato conhecer a história, mas acho que o que mais me chama a atenção é essa experiência dessa organização familiar e de ter muitos filhos, então eles falam que dentro da tradição africana é importante que as mulheres tenham filhos, por exemplo, eu não tenho filho e nunca quis ter filhos, então eu fico pensando como assim, então isso é uma questão, eles falam que é importante que todas as mulheres tenham filhos, e por isso essa tradição africana de ter muitos filhos, ainda hoje, então eles estão lá com a média de sete ou oito filhos. Isso, a taxa de natalidade é muito alta, mas eles justificam que isso é uma tradição africana, que você ter muitos filhos é uma dádiva de Deus, é uma herança, é um patrimônio você ter muitos filhos.

9. Qual sua opinião sobre pessoas pretas de outros países visitarem o Brasil em busca da história negra?

R: Isso está acontecendo. Já tem alguns artigos, já tem alguns artigos, já tem algumas pesquisas falando sobre, acho que a Patrícia Pinho tem um texto dela falando dos afro-americanos, essa vinda dos afro-americanos, porque eles se identificam, resumindo, eles se identificam mais com a Bahia do que quando eles vão para algum país de África. É interessante, mas o ponto que eu fico pensando é porque a Bahia, eu já fui algumas vezes ao Salvador, já fui algumas vezes ali, em Salvador, sim, eu acho que realmente, se existe algo de África no Brasil, está na Bahia, isso sem dúvida nenhuma, está ali, em Salvador, está na Bahia, no estado da Bahia em geral, mas principalmente na cidade de Salvador.

Mas eu acho que o turismo, ele não seria uma crítica minha ao turismo, mas acaba sendo assim. O turismo, ele pode te enganar. O turismo, ele pode, como tem um texto da Saidiya Hartman, que é um texto que eu gosto muito, que é esse livro aqui dela, que eu gosto muito, e que ela tem a experiência, ela é afro-americana e vai para Ghana e para o Benin.

O turismo, ele te engana, porque se você é bem recebido no lugar, você fala, que lugar incrível, fui bem tratada, fui bem recebida, e é o que acontece com esses turistas afro-americanos na Bahia. Eles são bem tratados, eles são bem recebidos, como fala, eles são

recebidos com tapete vermelho, então sim, eu acho que esse acolhimento, essa receptividade que eles têm em Salvador, tem feito, tem atraído, porque um vem e fala, aí volta o outro, e você, como fala de boca em boca, isso vai, então eles têm vindo já desde os anos 70, então esse movimento deles virem para o Brasil, isso já é desde os anos 70, só que agora isso está aumentando, porque antes eles iam só para a África, só que daí é isso, eles descobrem Salvador, então a música, a comida, a alegria, sim, mas isso é esse recorte do turismo, o turismo faz isso, que é o que eu falei, eu gosto de ir em um lugar e ser bem recebida, e ser bem tratada, e é o que acontece com eles, eles são bem recebidos, principalmente em Salvador, em Salvador e no Rio, e daí eles fazem isso, Salvador, Rio, e aí chega no Rio de Janeiro, vai para as escolas de samba e tal, caipirinha, porque é sempre isso que eles falam, eu acho que para o turismo, para a geração de renda, para esse vender o turismo, eu acho que é interessante, mas a longo prazo que a gente vai ver, porque eles são americanos, eles são negros, mas eles são americanos, eles são americanos, então eu acho que por mais que a gente tente falar em Angela Davis e tal, mas eles são americanos, eles têm um pensamento americano, eles são negros, mas eles têm um pensamento americano, eles não têm um pensamento brasileiro, mas a gente fica o tempo todo tentando ter essa identidade, a gente fica o tempo todo tentando falar, ora, sim, nós somos irmãos, sim, nós somos iguais, não somos, não somos, porque o sistema capitalista não deixa, isso, quem tem dinheiro, tem dinheiro, quem não tem dinheiro, não tem dinheiro, e a gente fica correndo atrás dessa luta, né? Mas, tanto que eu conheço, tem uma agência, a AfroTours, em Salvador, que é da Newset, eu vou até entrevistá-la depois, ela tem essa agência já há 30 anos, isso, ela já tem essa agência há 30 anos, ela começou ali sozinha e tal, e ela recebe um grande número de turistas afro-americanos, então vai lá no Instagram dela, ela tem recebido bastante desses turistas afro-americanos, mas aí seria interessante entrevistá-los, fazer essa entrevista mesmo com eles, mas acaba que é interessante, mas eu acho que o turismo, ele tem essa particularidade de vender algo que não é, então sempre fica isso, brasileiro é receptivo, brasileiro é legal, brasileiro, não sei se nós somos tão assim, tão receptivos, tão bacanas, tão legais, eu acho que dentro do turismo, sim, mas é por uma questão econômica, eu trato bem o turista porque ele traz dólar ou porque ele traz euro.

Isso aí, ele vai ser bem tratado, sim, e ainda se eles vêm e aí eles vão ficar em hotéis 4, 5, não sei quantas estrelas, então isso fica diferente, essa experiência do turismo, ela fica diferente, então por isso que agora eu sempre pergunto, a pessoa fala, ah, viajou, eu sempre pergunto, tá, mas você viajou e ficou quanto tempo, se a pessoa vai sozinha, se ela vai em grupo, essa experiência muda, se ela tá em grupo, se ela tá sozinha, se ela organizou essa viagem independente ou se ela vai por agência, porque se ela vai por agência, a agência vai colocar a plaquinha e ela vai ser recebida no aeroporto, aí ela vai para os pontos turísticos que a agência já tá tudo combinado, entende, assim, e se a pessoa não tiver uma curiosidade, uma autonomia, ela fala assim, não, eu quero ir em tal lugar, eu quero ir nesse, nesse, se ela ficar só nesse circuito que foi combinado pela agência de turismo, ela vai ter só essa experiência, porque às vezes fala assim, por exemplo, quando eu fui para a Índia e aí eu queria sair sozinha e não me deixaram sair sozinha, não, porque na Índia tem essa questão de uma mulher andando sozinha, vai ser assediada e tal, então, é, então isso limita a minha experiência de turística, fala assim, aí eu quero ir ali, não, ali não pode ir sozinha, não pode, tem que ter

alguém para acompanhar, então eu acho que isso acontece também aqui no Brasil, e aí fica, então a pessoa faz sempre o mesmo circuito, então você vê aquele grupo de turista, vai aqui, vai ali, vai ali, vai ali, pronto, deu dez dias, vai embora, é interessante, é importante, é o que dá para fazer, sim, mas eu acho que tem que, então, tem que olhar para isso, assim, porque senão, para não achar, então, o que vai ser contado vai ser uma parte da história, uma parte da história só que vai ser, que vai ser contada, porque, realmente, dez dias ele vai nos pontos turísticos principais, então, em Salvador é isso, então ele desce, vai na Barra, vai no, vai no Farol, vai no Pelourinho, tal, não sei o quê, vai ver os ensaios da Timbalada, vai no IVAE, e tudo bem, e ótimo, mas ele vai ficar só com essa, só com essa parte da história.

10. Pensando em viagens voltadas à diáspora negra: a experiência tem mais a ver com o lugar visitado ou com o que a viagem desperta internamente?

R: Eu acho que as duas coisas, o que ela desperta e também quem viaja, porque das entrevistas, agora eu fiz seis entrevistas, né, agora, mas, as que foram gravadas, mas o que eu noto é isso, a experiência de vida que a pessoa tem vai dizer muito sobre a escolha dela durante a viagem, então, é o que eu sempre falo assim, o turismo diz quem a pessoa é de verdade, se ela é uma pessoa alegre, se ela é uma pessoa divertida, se ela é uma pessoa preconceituosa, se ela é uma pessoa curiosa, o turismo diz isso, porque a pessoa, ela sai da casa dela, faz a viagem, só que a pessoa, ela tem essas características, ela tem essas características e ela leva essas características com ela durante a viagem, então, se é uma pessoa que gosta de se arriscar ou não, uma pessoa que gosta de experimentar algo diferente ou não, tem gente que não gosta, a pessoa sai daqui, a pessoa vai para outro país e, chegando lá, ela não quer experimentar uma bebida, ela não quer experimentar uma comida, porque ela tem medo de passar mal, ela tem medo de contaminação, ela tem medo de doenças, eu conheço milhares, não, conheço várias pessoas assim, entende?

Então, a experiência dela vai ficar limitada, por mais isso, ela foi, ela tem dinheiro, ela vai, sim, mas tudo que ela come no Brasil, ela come lá onde ela foi, então, ela não interage com a população local, porque tem medo, porque isso, porque, entende assim? Então, eu acho que são as duas coisas assim, então, é importante entender quem é a pessoa que está indo, quem é a pessoa que está indo viajar, essa história dela, e aí, porque isso vai influenciar no que ela vai ver, vai influenciar no que ela vai buscar, por exemplo, tem uma amiga minha, é uma professora de inglês, já foi duas ou três vezes para a França e ela fala que ela ia com o marido e o marido não gosta de ir a museu, por exemplo, então, ela fala, eu já fui várias vezes a França e nunca entrei, fui a Paris e nunca entrei no Louvre, porque o meu marido não gosta, ele só quer saber de comer nos grandes restaurantes, entende assim? Então, isso é interessante, essa informação, porque você vê, então, tá vendo, então, aí fica mesmo, aí vai, então, essa experiência vai da pessoa, e muita gente viaja, não gosta de ir a um museu, não gosta de ir a uma exposição, vai por obrigação, vai só para postar e falar, ah, eu fui, eu fui, mas a pessoa não sabe nada daquilo, do quadro, daquela obra de arte, não sei o que, não sabe, você vê que não sabe, mas tudo bem, tá valendo, tá tudo, tá tudo, tá valendo, mas quando a gente para para pesquisar, né, quando a gente para para ter um olhar para o turismo, para o turista, para essa experiência, essas outras questões, elas vão, elas vão despertando, então, mesmo essa experiência, então, essa experiência também depende do tempo, se a pessoa ficou 10 dias, se

ela ficou 20 dias, se ela ficou um mês, isso também, isso também vai influenciar, porque senão fica aquilo, porque eu já fiz essa, essa viagem rápida, assim, então, que você pega, aí você tá no hotel, aí passa a van, aí você tem que entrar na van às sete da manhã, eles vão passando por vários lugares, aí no dia seguinte, você acorda cedo, aí passa a van cheio de gente, e a guia falando, falando, falando, sim, é uma experiência, mas é uma experiência que ela tá ali, é limitada a esse tempo, e essa é a interação com a pessoa que está conduzindo, né, então, eu acho que, que isso, que depende, que depende muito do lugar que se está indo, e que pode me despertar coisas interessantes, ou pode não, pode não me despertar, assim, pode achar que não tem, que não tem nada a ver, porque a gente tem uma expectativa, né, aí, quando eu chegar lá, vai ser isso, vai acontecer, e às vezes, sim, e às vezes, e às vezes não.

11. Como você se sentiu/sentiria ao estar em um local onde a maioria da população é negra? Onde sua cultura e história estava presente ao redor?

R: Eu me senti, eu me senti, eu não vi diferença, essa pergunta, ela tem surgido, né, algumas pessoas, elas têm falado isso, aí, eu quero ir para a África, porque lá, eu vou estar num lugar de maioria negra, então, aí vai ser, então, vai ser tudo, não, não, não, não necessariamente, porque não é só a cor da pele, né, a cor da pele é uma coisa, e aí, quando a gente chega lá, por exemplo, na África do Sul, eles, na África do Sul, como eles usam ainda hoje, né, a terminologia black people e white people, por causa, principalmente, do apartheid, lá, eles não me, ele, eu não era vista como uma pessoa negra, black, eles falavam para mim, não, [nome da entrevistada], você não é black, porque o meu tom de pele é mais claro que o deles, então, eles sabiam que aqui tem uma miscigenação, porque a minha mãe é branca, então, eu não precisava, não precisei falar que a minha mãe é branca, porque eles, vendo o meu tom de pele, eles já sabiam que tinha uma miscigenação aqui, então, eu não era tratada como black people, mas, no Brasil, eu sou black people, ninguém, ninguém aqui no Brasil tem dúvida, olha para mim, não tem dúvida de que eu sou uma pessoa negra, sim, mas as pessoas não sabem que a minha mãe é branca, mas porque o meu pai era preto retinto, né, então, eu tenho as minhas, a minha irmã mais velha, ela tem a pele bem clara, né, então, é uma pessoa preta de pele bem clara, muito mais clara que a minha, então, eu não sinto, eu, né, daí é uma experiência minha, pessoal e tal, e também, talvez, por causa da minha idade, como eu sou de 54 anos, as minhas vivências, eu acho que, talvez, se eu tivesse ido aos 20 anos, mais nova, talvez a experiência fosse diferente, mas como eu já fui, quando eu fui, eu tinha 45 anos e fui agora já com 53, eu acho que isso também, né, e essa minha consciência racial, eu acho que isso, é, eu tenho visto as coisas de uma forma diferente, então, como é que é estar lá? É a mesma coisa estar no Brasil, ah, mas lá não vai ter racismo, não vai ter racismo, mas isso não quer dizer que, na África, eles não sejam preconceituosos, que não tenha assédio, entende? Então, tem que organizar, a pessoa tá falando que lá não tem racismo, porque todas as pessoas são pretas, ok, mas isso não quer dizer que eles não tenham preconceito, que não tenham preconceito de classe, que as pessoas não sejam assediadas, então, tem essas outras questões, então, por exemplo, no ano passado, teve um seminário na USP, que nós compartilhamos, cada um compartilhou a sua experiência do intercâmbio, e teve uma menina, uma menina, uma estudante negra, que foi para Moçambique, e a primeira coisa que ela fala na apresentação dela, é que em Moçambique, ela não gostou, porque ela foi muito assediada, entende? Então,

ela estava no país de maioria negra, mas ela não gostou, por que não gostou? Ela diz isso, porque eu era muito assediada na rua pelos homens, bom, então, entende?

Então, não adianta, não resolve muito ser todas as pessoas pretas e ter o assédio com relação às mulheres, ter algum outro tipo de preconceito, então, eu acho que isso também é uma coisa, e como agora, nesses últimos anos, principalmente pós-pandemia, que mais pessoas pretas têm ido à África, têm feito essa viagem, então, aos poucos, essas questões, elas vão se organizando, entendeu? Aos poucos, porque essa expectativa, ela vai mudar, isso na minha opinião, não agora, mas essa expectativa vai mudar, ela vai falar assim, é, lá todas as pessoas são pretas, mas tem outras questões, que não é um preconceito racial, mas você tem outras questões ali, e que não tem nada a ver, ah, mas seria legal, tanto que eu também, então, por que que, né, vai morar lá, pra você ver, né, e aí, quando você mora, você fala, nossa, o Brasil, o Brasil, nós temos cinco milhões de problemas nesse país, cinco milhões, mas, ainda assim, ainda assim, em alguns aspectos, é melhor estar aqui, em alguns aspectos, em outros, não, entendeu? Assim, porque lá tem outras questões, e a gente só percebe, é, estando lá, a gente só percebe, estando lá, então, a fala dessa, dessa estudante, com relação à Moçambique, sim, e até a fala de outras pessoas que eu entrevistei, então, entrevistei, uma das minhas entrevistadas foi pro Senegal, e aí, isso é uma mulher negra, e ela chega no Senegal, ela ficou muito incomodada, porque no Senegal, é, eles são muçulmanos, eles são do Islã, então, o Islã tem uma forma peculiar de tratar a mulher, então, ela fala, não, nós estávamos numa fila, pra comprar não sei o que, e os homens foram atendidos primeiro, e ela ficou incomodada com isso, não, tá fila, ei, aqui, vai aqui na fila, não, porque lá os homens têm essa prioridade no atendimento, mas, porque eles têm essa, essa, essa organização e a religião muçulmana, diz que ele, que os homens, têm esses privilégios, com relação às mulheres, né, então, tem o papel da mulher e o papel do homem, então, ela, ela e a irmã dela, ela foi, ela e a irmã, e ela fala, não, eu não quero mais, nunca mais ir pro Senegal, no Senegal, as mulheres são maltratadas, no Senegal, entende?

Então, não foi só uma questão, não é só uma questão de todas as pessoas serem negras, isso é o que, isso é a nossa expectativa, isso é um imaginário, isso é um imaginário, a hora que chega lá, que você vai percebendo outras questões, assim, que, que não são determinantes para que todo mundo seja irmãozinho, todo mundo vai se abraçar, vai se beijar, ai, que lindo, que legal, não necessariamente, não necessariamente, tanto que outra história também, teve um grupo, isso foi em 2023, 2022, um grupo de mulheres viajantes negras, acho que é da Afrotrip, elas saíram daqui, foram pra Angola, e elas não entraram em Angola, tiveram que voltar, então, elas contam também, mulheres pretas, então, também tem isso, então, você também tem essas, essas experiências, sabe, que, que não é a maioria, não, eu não tô dizendo que vai ser sempre assim, que é tudo assim, é, mas em termos de pesquisa, esse olhar mais cuidadoso para o que é essa expectativa e achar que na África é o paraíso, a África é o paraíso, o paraíso não existe, primeiro, o paraíso não existe, né, então, tirar isso, um país onde é tudo lindo, maravilhoso, as pessoas são iguais, existe justiça social, todo mundo é legal, não, não existe, esse país não existe, nem aqui, e nem África também não existe, porque lá é isso, nós somos brasileiras, eu sou uma mulher preta, sou, ele vê que eu não sou branca, ela não é branca, mas ela não é africana, eu não sou africana, então, esse termo afro-brasileiro existe no Brasil, não existe lá, ele vai falar, ai, você é brasileira, ponto, ah, mas olha a nossa história, milhões de africanos foram para o Brasil escravizados, tá, ok, e daí? Ok, já entendi, mas você não é africana, você é brasileira, por mais que tenha, agora tem o Brasil, o governo brasileiro, até a Margaret Menendez está lá agora, no Benin, fazendo essa, fazendo acordos, né, o governo brasileiro com o governo do Benin, para poder, né, ter esse intercâmbio cultural, ter a cidadania, agora acho que Sueli Carneiro recebeu, recebeu a cidadania, sim, em termos

políticos, isso é interessante, são ações políticas interessantes, mas que no dia-a-dia, no dia-a-dia não vai mudar nada, nem para a gente, nem para eles, nem para a gente, nem para eles, ah, eu quero a minha cidadania, sei lá, a minha mãe fez o teste de DNA e deu tolgo, ah, eu quero ser, vou reivindicar uma cidadania, mas para quê? Entende?

Porque para mim, é a minha opinião mesmo, é que para mim não faz sentido, porque a minha vida não vai mudar nada, porque eu sei que a minha história vem de lá, minha história vem de lá, pronto, seja de algum país, seja do Togo, seja de Angola, eu estou satisfeita com essa informação, eu estou satisfeita com essa informação, então eu não preciso fazer um teste de DNA e nem preciso de um documento dizendo que eu sou, entende, assim, eu entendo que em termos políticos, simbólicos, isso faz sentido, mas a minha questão, a minha preocupação é garantir a nossa qualidade de vida, garantir que a gente tenha acesso a uma boa vida, que a gente tenha acesso a uma educação, todo mundo, entende, eu acho que a luta, ela tem que ser por isso e não só por um documento, porque eu entendo que é importante, entendo que é importante, faz sentido, mas não pode parar aí, a luta não pode parar aí, o continente africano ainda tem muitas questões lá de isso, de pobreza, de miséria, isso está lá, isso está presente, governos muito militarizados, muito autoritários, então isso tudo está lá, acontecendo em 2024, agora em 2025, então acho que é isso.

12. Qual o futuro desejável para as viagens de turismo diaspórico? *[respondido junto com a pergunta 5]*
13. Como seria uma experiência fantástica de turismo para você? *[respondido anteriormente]*
14. Como você descreve o impacto de viajar na sua autoestima e na sua identidade?
15. Por fim, você já sofreu racismo?

R: Sim, o racismo todos os dias, todos os dias, toda hora, sim, já tive várias situações, no trabalho, no aeroporto, no aeroporto é o clássico, dentro do avião, no aeroporto, isso de ser mal atendida, de ser tratada de uma forma sempre ríspida, e isso não ser visto como racismo, então, mas sim, mas isso é uma forma de racismo, e aí, quando eu era criança, na escola, de ser chamada de pretinha fedida, de neguinha fedida, isso, na escola, sim, quando eu era, estava ali no ensino fundamental de ouvir esses xingamentos, agora, na vida adulta, esse racismo, ele vem disfarçado, isso, ele vem disfarçado, esse mau atendimento, ele vem disfarçado de não receber convites, ele vem disfarçado de não receber uma promoção, de não ser convidada, por exemplo, para fazer uma palestra, para fazer uma apresentação, então, eu trabalhei no SENAC durante dez anos, então, no SENAC, olha só, que é um lugar de maioria feminina, então, quando vem essas feministas aí, a minha opinião é, eu só quero trabalhar com mulheres, eu falo, eu não quero trabalhar só com mulheres, porque eu trabalhei durante dez anos só com mulheres, e foi uma experiência, e foi uma experiência bem desagradável, então, você estar num ambiente, também, só com maioria de mulheres, não é garantia de que não vai haver preconceito ou discriminação, isso eu provo que não é verdade, porque foram dez anos trabalhando num ambiente de 90% de mulheres, em todos os cargos, desde a coordenação até professores, equipe de empresa, todo mundo, e ali, eu sentia muito isso, então, por mais que eu fizesse, por mais que eu fizesse, estude, vai e tal, isso nunca era reconhecido, e várias vezes eu vi, ah, não, você não tem perfil, por exemplo, para fazer essa palestra, ah, você não

tem perfil para representar o SENAC nesse evento, não, mas por que eu não tenho perfil? Não, é da minha área, eu sei, eu domino o assunto, não, aí teve um evento que aconteceu, eu era coordenadora de desenvolvimento social e da metodologia de desenvolvimento local, que é desenvolver as comunidades, aí, nós fomos, o SENAC recebeu um convite para apresentar os resultados do projeto em Portugal, e aí, acabou que a minha solicitação não foi aprovada, sendo que os resultados eram meus, e aí, quem foi representar foi uma outra coordenadora, uma mulher branca, eu falei, não, mas por que, não, o SENAC tem dinheiro para pagar a minha passagem e tal, isso é um valor tão irrisório, mas não, eu não fui, eles não aprovaram a minha solicitação para ir representar em Portugal, e mandou a outra representante, que foi uma mulher branca, representar, então, estou dando esse exemplo desse racismo mais corporativo, e o racismo do dia a dia, nas lojas, no shopping, no aeroporto, sim, sim, isso é diário, então, essas situações de preconceito e de discriminação.

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 3

Entrevista 3

Mulher/ 37 anos/ São Paulo capital/ Gerente de uma confeitaria

1. O que significa para você "pertencer" a um lugar ou a uma comunidade?

R: Ah, eu acho que o pertencimento significa segurança, né? Eu acho que segurança é a base pra vida mesmo. Quando a gente se sente seguro, a gente consegue performar em vários aspectos, profissional, pessoal, emocional.

Então, o pertencimento pra mim é a mesma coisa que segurança. É bom você estar relaxado pra poder ser quem você é ou empregar o seu melhor profissionalmente, né? Ou sentir suas emoções com tranquilidade, porque você sabe que você pertence a alguma comunidade que te apoia.

2. Como você entende o conceito de aquilombamento? Essa prática contribui para o fortalecimento da sua identidade e bem-estar?

R: Olha, eu acho que o conceito de aquilombamento, não sei em outros lugares, acredito que sim, mas pelo menos aqui em São Paulo, a gente vive esse conceito como a forma de se reconectar, de se enxergar num lugar onde tem tantas pessoas diversas e a gente acaba se perdendo e não percebendo que estamos sozinhos em determinados lugares. E quando a gente se percebe sozinho, é muito angustiante, né? Então, o aquilombamento serve pra trazer a gente de volta, pra mostrar que a gente não está sozinho, pra mostrar que a gente tem lugares, que a gente tem pontos onde a gente pode se encontrar, se conectar, ter as nossas trocas de forma, mais uma vez, segura, né? E se celebrar também. Eu acho que hoje é principalmente isso. O aquilombamento serve pra gente se celebrar entre nós, a nossa cultura, a nossa ancestralidade, sem tanta contaminação, sem tanta referência externa, sabe? É como diz o Emicida mesmo, é nós por nós e de uma forma bem singela mesmo, sabe?

Sim, com certeza, com certeza. Porque recarrega, né? Recarrega no dia e a gente sai de um modo luta. Porque a gente vive num modo luta diariamente, né? A gente está sempre ali, ou se defendendo, ou atacando pra se defender, porque é isso. Nós, enquanto pessoas pretas, a gente está sempre se defendendo.

Ainda que a gente ataque, é modo de defesa, né? E serve pra gente realmente relaxar e se reconectar, sabe? Recarregar a energia, um momento de descanso.

Todo descanso da alma, da mente, do corpo, ele realmente é muito válido pra essa recarga que a gente precisa. E se você vai tentar buscar lazer, ou buscar celebração, ou buscar encaminhamento de grupos, se você não é aceito, você só volta pior. Você só volta menos pertencente, mais infeliz, com menos entendimento, às vezes com mais raiva, às vezes se diminuiu, mudou pra caber, né?

Então, pra mim, o aquilombamento, a gente realmente se recarrega de forma completa, sabe?

3. Em que medida sua identidade seria reafirmada e fortalecida, através de viagens com valorização da cultura negra? (Turismo Diaspórico)

R: Nossa, demais! Assim, eu... Há alguns anos já que todas as minhas viagens são afrocentradas, ainda que sejam dentro do Brasil. E é, pra mim, é um... É algo muito racional da minha parte, não é tipo, ai, era um desejo, etc. Não, é bem racional, assim, da minha parte, principalmente porque eu sempre busco não só monetizar os meus, mas também poder estar tranquila, sabe?

Uma coisa que eu não admito é pagar pra sofrer racismo. Pra mim não dá, assim, pra mim é de um desperdício de dinheiro surreal. Então, é por isso que eu... Acho que até me perdi aqui. Mas, assim, eu acho que viagens afrocentradas, elas te permitem explorar melhor o lugar onde você está, conhecer muito mais. A gente sabe que boa parte do mundo foi erguido mesmo com mãos pretas, né?

Então, conhecer essa história de verdade, se tem o romantismo, se tem o século XVIII ali embelezando da forma deles, tirando a nossa beleza e colocando a beleza que eles achavam correta, eu acho que impulsiona e dá mais vontade de viajar. Porque agrega. Você não volta com o souvenir, você volta com o conhecimento.

Você volta de um lugar tão longe, tem uma conexão tão grande com você, ou algo que te toca, ainda que não tenha uma conexão direta com a sua vida, te toca tão profundamente, sabe? Porque são os seus iguais. Eu acho que é excepcional.

Nos últimos anos, as minhas viagens já realmente são afrocentradas de forma racional mesmo, para que eu possa aproveitar o máximo possível, em todos os sentidos, e sentir que meu dinheiro foi bem gasto.

4. O que você espera/esperava encontrar em viagens voltadas à cultura negra?

R: Olha, primeiro, o que mais me encanta é fazer amigos. Porque a gente realmente faz amigos de viagem, e eu acho isso tão legal, eu acho tão maravilhoso, sabe? Eu voltei este ano da África do Sul, e já tenho um amigo que eu fiz lá, que já veio para o Brasil, estou aqui em casa, eu fico, tipo, deslumbrada mesmo, sabe?

Tipo, ah, que legal! Eu acho isso muito massa, gente. Porque a gente faz conexões com pessoas que vivem do outro lado, que são distantes de você, às vezes nem tão distante, mas é longe, porque é uma viagem que a gente está fazendo, então não é na Corrida Ondeava, né?

E você realmente se conecta com pessoas, você enxerga num lugar tão longe, uma pessoa que tem gostos parecidos, tem pensamentos parecidos, ou que às vezes tem algumas coisas diferentes que fazem você abrir a mente e falar, cara, como que eu nunca pensei nisso antes, que massa, eu vou aderir, gostei demais. E o mágico, né?

Gastronomia, gente. A nossa gastronomia ancestral, meu Deus, é muito boa, é muito boa, é muito boa. Eu voltei da África do Sul à louca do tempero, porque a gente não tem tanta região, a gente usa dois, três temperos, né? E lá, se não tiver dez, não funcionou, não deu certo. E aí eu voltei bem à louca do tempero, porque eu vou cozinhar, coloco molho e tempero, sabe? Nossa, é muito boa a comida, é muito boa.

E é isso, né? Ai, em casa todo mundo gosta? Talvez não, mas eu tô nessa fase agora, ainda não digeri, tô nessa fase ainda. Sim, você fica ali comemorando e quase que vivendo de novo, né? Mas pra mim, realmente, essa viagem do Afrocentrado é isso. Amigos, gastronomia, a história é muito importante, mas eu sempre penso que a história, em qualquer lugar do mundo, a gente consegue acertar, principalmente hoje em dia, sabe?

Óbvio que ver a história é um outro sentimento, né? Mas acertar a gente consegue, em qualquer lugar do mundo, assim. Mas fazer amigos e provar essa gastronomia de um lugar e ver as pessoas fazendo aquilo, sabe? E eu sou, tipo, muito... Esse negócio de ir no restaurante, chiquezinho, não. Eu saio a pé, eu vou andando, eu me sinto nos lugares, eu vou perguntando e eu como comida de rua. O meu estômago é maravilhoso, não me dá nenhum problema. E eu vou provando mesmo, sabe? Eu acho, realmente, que é uma das grandes maravilhas da viagem, é você poder...

A gastronomia fala muito sobre a história daquela população, daquela comunidade, né? Às vezes a gente pensa muito em comer carne de galinha, é bem comum, né? As pessoas comem carne de galinha. Não é algo que eu, particularmente, adoro, mas também não tenho problema. Ou fazer carne de galinha, não sei. Mas comer, principalmente o refrigerado, com muito tempero, que é realmente bem gostoso. Não é bonito, né? Porque a gente realmente não é acostumado, né?

Mas fala muito sobre como aquela comunidade foi construída, o quanto aquela sociedade sofreu para poder se manter, para poder resistir. Então, eu acho que a gastronomia culinária também traz muita força ali, traz muita resistência e muita história.

5. Quando você se sente mais conectado(a) com sua identidade negra? Existe algum momento ou espaço específico que desperta isso em você?

R: No samba. Eu, no samba, adoro. É meu lugar. Eu estou aqui, olho o branco no samba e falo nossa, o que está fazendo aqui? Sou muito, muito. Eu adoro samba.

Acho que o samba sempre foi o que conectou a minha família com a nossa origem. Eu cresci em uma família racializada, com meu pai muito consciente de quem a gente é, de quem a gente deve ser. Obviamente que dentro das limitações dele, né?

Meu pai é um homem de quase 70 anos, mas sempre muito consciente da nossa cor e do nosso lugar no mundo. E o samba foi sempre esse lugar de conselho dentro de casa. Fazer samba com meu pai, meu pai cantando, meu irmão cantando e tocando. Isso sempre foi uma realidade dentro da nossa casa. E até hoje, para mim, o samba é o meu lugar. Independente de onde seja o samba, desde que não seja um samba em branco. É realmente o meu lugar. Eu me sinto... Olho para qualquer pessoa estranha ali como invasor, como estrangeiro.

Experiências Específicas

6. Quais foram as experiências de viagem (turismo diaspórico) marcantes em sua vida?

R: Nossa, foram muitas. A primeira coisa que me marcou, e aí falando de continente africano, porque quando a gente fala de Brasil, a gente está muito em casa. Então as coisas são muito mais bonitas, porque a gente está muito mais à vontade. Viagens internacionais sempre dá aquele gelo no coração. É que não é tão certo, né? E uma das coisas que me marcou, que foi a primeira coisa, na verdade, que me chamou muita atenção na África do Sul, foi o quanto o tom da pele realmente tem diferença.

Porque a gente fala de colorismo aqui no Brasil, mas para pessoas de pele... A gente até tem a pele mais clara, mas a gente não passa por branco e vermelho. A gente é preto e pronto, né? Mas lá, eu não sou uma mulher preta. E isso é muito chocante. Porque, de fato, em nenhum lugar do mundo, as pessoas vão achar que eu não sou uma mulher preta.

E lá, para eles, eu realmente não sou uma mulher preta. Quando eu falo para eles que no Brasil eu sou, eles não imaginam nunca. Por conta do tom da pele, também um pouco por conta do cabelo. Tem esse rolê das pessoas quererem tocar no cabelo, das pessoas pedirem para tocar no cabelo. E as pessoas imediatamente sabem que a pessoa mais clara não é de lá. Então, tem um movimento para vir perguntar qual é o lugar que você está passando.

As pessoas olham e lembram que você não é de lá. Não é um lugar que eu não tinha nada contra o Brasil. Aqui, a gente passou um chinês sem falar para a gente saber que não é daqui. Isso a gente sabe. São pessoas muito específicas. Um indiano muito indiano, a gente vai saber que não é daqui. Mas ainda tem a dúvida né, fica com o pé de trás. Talvez seja brasileira. Ela tem que abrir a boca para a gente ter certeza.

E lá não. O pessoal olha para você e imediatamente ela já percebe que não é. O que você está fazendo aqui? As pessoas sempre acham que você é americana. Sou? Sim, mas da América do Sul. Eu acho que isso foi o que mais me impactou. Não que seja de uma forma negativa. Óbvio que isso é um reflexo do racismo. O racismo que vem ali do apartheid, que vem da colonização, que machucou muito essas pessoas. Mas eu não fiz disso uma coisa...

Eu não comecei a dar um pouco de raiva. Eu comecei a sentir um pouco de culpa. Que merda. Para não deixar passar um lugar. Mas depois você se acostuma. E eu enxergo mais como uma... Enfim. É a cultura hoje. É a cultura atual. É o que tem.

E o que mais me marcou também é a diferença. O quanto é igual, mas diferente a forma de festejar. O povo africano em si... Eu fui para três países. E nos três países, as pessoas são muito festejas. Isso é muito parecido com a gente. Elas são muito festejas. Mas elas se divertem de uma forma diferente. Para elas, realmente, tem que ter uma festa. Tem que estar muito arrumado. Você tem que estar no capricho mesmo. Maquiagem, unha e cabelo. Os caras de roupa. Um lugar lindo, bonito. Não tem nem esse negócio de ir no boteco da esquina. Jamais. É tudo muito... Tem que ser tudo muito chique. E eles gastam muito dinheiro mesmo sem ter com isso. A gente festeja bastante também. A gente tem essa alegria como eles têm. Só que a gente não tem a necessidade de ser tão... De ser tão formal. De ser tão grandioso. Para a gente, uma roda de cama no meio da rua, já é massa. E lá não tem. É o jantar de sexta. É o rolezinho de sexta. É num lugar que é bonito, que normalmente não é barato e que a galera está toda empolgada.

7. Por que você viajou para esse DESTINO (África-Américas)?

É o que a gente tinha falado antes. Além de eu escolher destinos afro-centrados, é porque eu realmente não admito pagar para sofrer. Eu não admito pagar para passar perigo, eu não

admito pagar para ser destruída, sabe? Reconheço que tem lugares no mundo que são muito lindos, mas infelizmente são lugares marcados pelo racismo e para mim não vale a pena.

Lugares com histórias muito interessantes, mas que para mim não faz sentido investir o dinheiro para passar por humilhação, para passar por desprezo, para provar que eu posso estar ali. Sabe, se acontecer e eu conseguir visitar todos os lugares afrocentrados do universo e se assombrar os outros, o universo não é mais tão simples. O mundo é preto, né?

O mundo é muito mais preto, tem muito lugar para a gente ir. Do que sofrer na mão de um europeu.

8. E o que mais te marcou estando em viagem (África, etc) ? Que pensamentos vieram?
[repetem a mesma resposta normalmente]
9. Qual sua opinião sobre pessoas pretas de outros países visitarem o Brasil em busca da história negra?

R: Eu acho maravilhoso. Gente, as pessoas tinham muito que vir para o Brasil. Eu não viajei tanto assim na minha vida, mas das poucas viagens que eu fiz, não tem gente como a gente. A gente torna o Brasil um lugar muito diferenciado. Nada, nenhum lugar é como a gente. A gente, enquanto povo afrocentrado, e a gente tem um país querido, que é riquíssimo, mas a gente consegue tornar ele muito melhor.

As pessoas têm que vir. Eu acho maravilhoso. Pessoas de todos os lugares virem para cá. Todos os tipos de pessoas. Mas eu acho que, apesar de, às vezes, quando as pessoas pretas vêm, elas sofrerem racismo, que é uma forma que eles não estão acostumados, que eles nem entendem tão bem. A estrutura do nosso racismo.

Eu acho que, quanto mais pessoas pretas virem, mais a gente vai normalizar que pessoas pretas têm seu dinheiro, que pessoas pretas consomem, viajam e que o turismo brasileiro mesmo vai entender que o afroturismo existe. E que o afroturismo é potente e ele também é capitalista, porque a gente vive nesse sistema. As pessoas pretas estão gastando dinheiro.

E poder vir para o Brasil, seja lá de onde a pessoa esteja, conhecer essa nossa cultura, esse nosso valor humano, essa nossa história, que é muito diferente a nossa colonização da maioria dos países. A gente construiu uma identidade. E tem muito lugar que não construiu.

Foi colonizado e se transformou. A gente, óbvio, se houve a transformação, nós não seríamos todos indígenas, mas a gente construiu a nossa identidade. E, meu Deus, espero que o mundo inteiro comece, principalmente o mundo inteiro.

Acho que é isso. Eu acho maravilhoso as pessoas virem para cá. E também acho que torna a gente... Tem muito brasileiro que não sabe o que é preto, que tem vergonha de ser preto. E quanto mais pessoas pretas vindo para cá, principalmente para nascer, como turista mesmo, ou como querem me conhecer, enfim, o Brasil, mais a gente vai mudar essa ideia de que preços vêm para o Brasil em busca de assistência governamental, ou refúgio, esse tipo de coisa. Eu fui com um amigo meu para ele pedir o RME definitivo dele. E a gente entrou lá na receita e de cara a mulher falou que é refugiada do outro lado. Não sei o que é isso. Eu não sou refugiada. Eu estudo aqui. Eu só vivo e vivo plenamente. E assim funciona. Mas acho que quanto mais gente, mais normaliza.

10. Pensando em viagens voltadas à diáspora negra: a experiência tem mais a ver com o lugar visitado ou com o que a viagem desperta internamente?

R: Nossa, que difícil essa pergunta. É mais o que a pessoa sente. Porque às vezes você está em um lugar incrível e você não está bem, ou aconteceu alguma coisa que te deixou inseguro e você desperta na viagem.

Aconteceu comigo em Botsuana. É um país ali da África Austral também. Eu fui para Botsuana e eu passei um perrengue na imigração. Sofri um pouco de assédio ali na imigração. Foi um pouco difícil a chegada. E aí, para completar, ainda cheguei lá e o meu Airbnb era tipo um golpe, tipo um hotel e tal.

E aí, isso transformou minha viagem. Preciso fazer muito esforço para aproveitar um pouquinho. E ainda assim, não consegui aproveitar, não vou, não vou me sentir confortável, não era boa, vou voltar. Era para ficar 15 dias, eu fiquei sete e voltei. Voltei para ficar assim. Então, assim, eu acho que é muito do que a gente sente.

Às vezes acontecem coisas que realmente destroem nossa viagem e a gente não consegue, eu poderia ter saído de lá com a percepção de que era um país horrível, mas eu sei que não é. Mas eu realmente não consegui aproveitar aquele país por conta de alguns perrenguinhos que eu passei que, tipo, me desanimaram, assim, sabe? Me desmotivaram de querer aquela energia de andar, de bater perna, de sair, de procurar e querer saber.

11. Como você se sentiu/sentiria ao estar em um local onde a maioria da população é negra? Onde sua cultura e história estava presente ao redor?

R: É diferente. É diferente. Eu tento não ficar pensando que, tipo, meu Deus, que legal. Porque o mundo é muito miscigenado, né? Mas é muito interessante, assim, você ver que todas as pessoas de todos os tipos, de todas as classes sociais, elas são parecidas. É muito louco.

A minha cabeça fica, tipo... Porque mesmo quando você viaja dentro do Brasil sei lá, você vai pra Salvador. Uma cidade muito preta. Você vê que a galera com grana é branca. Ou que não é dali. E... Apesar de você ver um pouco disso na África do Sul, quando você vai pra Botsuana, por exemplo, é todo mundo preto.

Quando você vai pra Lesoto, é todo mundo preto. O médico, o motorista, o gari, o advogado, a galera que tá luxando lá no restaurante chique, é todo mundo preto. Fala... Que massa! É bem interessante, mas infelizmente com a nossa construção de vida sendo brasileiro, a gente ainda se choca. Eu ainda me choco. Não acho isso bom. Mas ainda vem essa surpresa. Esse sentimento de surpresa.

Isso obviamente que é péssimo, mas enfim, eu acho que é a forma como a gente foi trazida até aqui. A ideia das viagens é pra que realmente essa percepção, pelo menos minha, mude. E eu consiga naturalizar e também me enxergar em espaços de poder, em espaços de consumo. Enfim.

12. Qual o futuro desejável para as viagens de turismo diaspórico?

R: Então, eu acho que quando as pessoas estão fora do eixo Rio-São Paulo, é muito mais difícil esse acesso. Então, eu acho que é só o começo. É um comecinho bem tímido.

Mas aqui em São Paulo a gente encontra agências de turismo afrocentrado, agência de intercâmbio de viagens afrocentradas. Mas eu acho que vai levar muito tempo e principalmente vai depender muito dos profissionais negros que estão se formando nessa área, seja de guia de turismo, oficial de experiência, dono de agência de viagem. Dessas pessoas se profissionalizarem. Eu acho muito importante que as pessoas enxerguem que não dá pra fazer meia boca. Tem que ser muito bom. Não dá pra contar com o lugar da diversidade, o lugar da minoria. Não. Tem que ser muito bom. Você tem que fazer entendendo que você está num sistema capitalista e que você tem que se destacar.

Você tem o seu nicho, obviamente, mas o sistema capitalista você tem que se destacar, porque senão vira modinha e cai. Uma hora cai. As pessoas aceitam a modinha até certo ponto, mas se não for bom, não permanece.

Então depende muito disso também, do quanto os profissionais da área vão conseguir se profissionalizar. Eu já fiz viagem com algumas agências e nem todas eram afro-centradas. E essa minha experiência pra África do Sul foi com uma agência afro-centrada e eles não entregaram o que eles precisavam entregar. Isso é falta de profissionalismo. Eu vou lá, vou reclamar? Não. Eu passei meu feedback pra eles e falei, gente, precisa ser assim, assim, assado, porque senão fica ruim. Sabe? Não falaria fora daquele contexto, porque a gente aponta as várias, mas pra todo o resto a gente, pros outros olhos, a gente passa pano. Sim.

Mas eu acho que é isso. Tem que se profissionalizar, tem que acolher o feedback dos clientes e, por outro lado, os clientes, principalmente clientes pretos, tem que fortalecer. Ah, deu errado? Não é sair falando mal, porque vai dar errado em qualquer lugar. Vai não. Pode dar errado em qualquer lugar.

É trazer essa experiência, dar esse feedback pra que a pessoa consiga melhorar e consiga entregar serviços ainda melhores. Mas eu realmente acho que demora um tempo pro afroturismo, pras viagens afro-centradas ganharem mais espaço.

13. Como seria uma experiência fantástica de turismo para você?

R: É que agora eu tô focada no Caribe, então só tô pensando no Caribe, entendeu? Mar azul, mar azul com céu azul, sabe? Que coisa assim. Eu não consigo pensar em outra coisa. A gente tá muito voltada pra isso agora, nesse momento. É.

Mas eu acho que é a experiência completa é assim, tudo ser tranquilo. Você embarcar com tranquilidade, passar pelo aeroporto sem sofrer constrangimentos, passar pela imigração sem sofrer constrangimentos, chegar no lugar, ter todo o suporte que você precisa, conhecer o lugar da forma como você acha melhor. Pra mim, realmente é conhecendo locais e visitando lugares onde as pessoas estão vivendo, onde as pessoas estão comendo, onde as pessoas estão frequentando.

Mas tem outras pessoas que é mais um sentar na beira da praia e com as pernas pra cima, tá tudo bem também. Mas eu acho que a viagem perfeita é isso. Sem constrangimento, sem perrengue, e podendo aproveitar o lugar da forma como eu acho que vale a pena, levando tudo de bom que tem daquele lugar pra dentro de mim mesmo.

14. Como você descreve o impacto de viajar na sua autoestima e na sua identidade?

R: Meu Deus, influencia demais, influencia demais. Na identidade, eu confesso que eu não vou saber te dizer tão bem assim. Mas na autoestima, viajar, cara, faz eu me sentir muito grandona assim, sabe? Nossa, faz eu me sentir muito experiente assim, faz eu me sentir muito cheia de conteúdo, sabe? Cheia de coisa pra falar. Nossa, muito grandona assim.

Acho que na autoestima impacta demais, assim. Eu me sinto até mais inteligente o que não tem nada a ver. Adquirir conhecimento, adquirir história, não tá ligado à inteligência, mas eu me sinto mais inteligente.

15. Por fim, você já sofreu racismo?

R: Nossa, mas já sofri demais. Algum episódio marcante, assim? Acho que nenhum, porque eu sou bem doida, sabe? Tipo, eu nunca falo assim da vida. Eu sou bem reativa, assim. Então, eu acho que essa minha defesa de reagir imediatamente faz com que as coisas não entrem tanto, assim, na minha mente e no meu coração, sabe? Ah, mas sei lá, tô tão presente, assim, no dia a dia.

Eu acho que um, assim, que me deixou meio chocada, não que mudou nada pra mim, mas que me deixou meio chocada, quando eu era adolescente, eu estudava o dia inteiro e eu trabalhava à noite no caixa de um... Na minha época, a gente chamava boate, uma balada. E teve uma eleição presidencial e eu nem era mais tão adolescente, na verdade, mas eu tava terminando a faculdade. E teve uma eleição presidencial, que era meio extremista, assim, esquerda e direita e eu lembro que nessa balada, a direita ganhou e o... e o... teve uma galera que foi comemorar nessa balada, que era uma balada mais... Enfim, mais elitizada, digamos assim. Ainda que não fosse nenhuma elite que frequentasse. E aí, uma pessoa, uma bagunça, uma maluca, briga, enfim, insegurança atirando gente, as pessoas bêbadas, aquela loucura. E teve um cara que foi pagar a conta e ele olhou pra mim, não sei se tá escrito na minha cara que eu sou de esquerda, eu sou merda. Eu nasci de esquerda. Porque eu fui feita com sete anos de idade. Mas, enfim, ele olhou pra mim, me identificou como um alvo e... E ele tentou me xingar, olhou bem na minha cara e falou quilombola. Como você sabe? Mas aí já veio segurança ali, e aí ele... Enfim, uma pessoa alterada, tentou cuspir em mim, mas tinha uma proteção, porque balada tem esse rolê das pessoas estarem bêbadas e ficarem loucas. Mas foi uma coisa que eu achei muito curiosa, assim. E todos os colegas ali de trabalho, nem todo mundo era preto, né? Mas todo mundo, tipo, meio que chocado, assim, tipo... Que isso? Ele sabe o que ele tá falando? Que loucura é essa?

Mas, enfim. Acho que foi uma coisa que me deu uma chocada, assim, no sentido de tipo, mano, você nem sabe o que ele tá falando. Que loucura é essa da sua cabeça, sabe? Tipo, vai se mudar, vai se mudar. Eu acho que esse é o maior problema do racista, né? A ignorância, né? É, não é nem a ignorância do tipo, ai, somos todos iguais. Não somos todos iguais. Não somos todos iguais. Somos muito diferentes. Não é isso. Não é esse o ponto. É entender que todos merecemos respeito. E que a sua história não te faz melhor que a minha. A sua origem, a sua ancestralidade não te faz melhor. E é isso. Falta de estudo.

O racismo, ele vem muito da ignorância, né? Mas eu acho que por mais que... Não sei, talvez tenha algo que tenha me impactado de alguma forma e eu possa ter bloqueado na minha mente. Mas realmente, não me lembro. Crescendo uma família racializada sempre deixou muito claro, assim, o meu lugar. Eu sou o tipo de pessoa que entra em qualquer lugar com a cabeça levantada mesmo. E isso vem muito de dentro da minha casa, sabe? Não tenho medo.

Prefiro não estar em lugares em que eu corro risco. Sempre prefiro estar em lugares em que eu não corro risco. Mas se eu tenho que estar, eu chego grandona, assim. Tem que ser muita coisa pra poder me encarar. Eu não abro espaço, sabe? Chego olhando pra cima, assim, nariz empinado e, tipo, quero ver quem vai mexer comigo. Sempre tem um ou outro doido, né?

APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 4

Entrevista 4

Homem/ 61 anos/ São Paulo capital/ Professor titular da ECA-USP

1. O que significa para você "pertencer" a um lugar ou a uma comunidade?

R: Pertencer a algum lugar ou a alguma comunidade é você entender que todos os códigos que chegam a você são códigos absolutamente naturais. Então, isso é pertencer para mim. Quando você habita um determinado lugar, quando você habita um determinado espaço, e não há a necessidade de você fazer o esforço para estar naquele grupo.

Ou, pelo menos, de você não ter que necessariamente criar uma outra linguagem ou aprender uma outra linguagem para se inserir. Então, pertencer para mim é isso. Desculpa, eu sou meio assim, eu esqueço a pergunta. Eu falei do pertencer, mas a pergunta era mais completa.

Ou a alguma comunidade, exato. E aí, na comunidade, a gente... Quando a gente fala em comunidade, a gente já está falando em alguma coisa que existem códigos que são comuns, que são construídos a partir do grupo. Então, pertencer a uma comunidade, teoricamente, deveria também estar relacionada a pertencer a um lugar. Então, quando você fala a palavra comunidade, para mim, a comunidade já diz, ela já me diz alguma coisa relacionada aos laços que as pessoas têm entre si. E o que deveria também ser o lugar. Porque o lugar, ele se constrói a partir das relações psicológicas que você estabelece no lugar. Mas, nem sempre, como um homem preto, eu nem sempre me sinto pertencente a um lugar.

2. Como você entende o conceito de aquilombamento? Essa prática contribui para o fortalecimento da identidade e do bem-estar?

R: Então, aquilombamento é justamente essa vertente daquilo que a gente busca em comum. Quais são os símbolos, os elementos que constituem uma determinada comunidade a partir de uma relação histórica? Então, quando a gente tem esse entendimento, a gente pode partir com aquilombamento.

E o aquilombamento, no sentido histórico da palavra, daquela questão daquele grupo que se submetia à fuga e delimitava um território externo, eu acho que esse aquilombamento pode acontecer na contemporaneidade. Então, eu vejo que hoje, no século XXI, 2025, que nós estamos, nos últimos anos, a gente tem, talvez, pelo grande movimento ou fluxo da comunicação, a gente tem se permitido mais se aquilombar e tem recebido sinais. Sinais que eu digo que são a partir dessa comunicação mesmo, de uma fala, de um artigo, de um texto.

Então, talvez isso tenha trazido uma certa... Essa fluidez da comunicação, tenha trazido uma certa proximidade do aquilombamento. Então, aquele aquilombamento que a gente tinha no período colonial, ele pode acontecer hoje, na contemporaneidade, numa outra perspectiva.

Então, o que a gente tem em comum, o que a gente tem que discutir, quais são as questões, até para fortalecer a nossa comunidade, pertence a um local.

Sem dúvida, sem dúvida. Eu acho que quando você constitui a sua identidade e que ela não é forjada a partir do outro, a partir de outros parâmetros, que não aquele que você vivencia, que você cresceu, que você aprendeu com a sua ancestralidade e que você aprendeu com os seus

mais novos, eu acho que fortalece, sim. Eu acho que um dos elementos mais importantes que a gente tem é saber quem somos.

Quando sabemos quem somos, fica mais difícil as pessoas nos derrubarem. Embora a gente viva uma relação de desigualdade que é imensa, mas acho que é a partir do momento que esse aquilombamento traz esse fortalecimento, traz essa identidade, traz aprendizados, e aí traz essa força. Então, aquilombar e formação de identidade, eu acho que são caminhos comuns.

3. Em que medida sua identidade seria reafirmada e fortalecida, através de viagens com valorização da cultura negra (afrocentradas)? (Turismo Diaspórico)

R: Está aí uma questão que é bastante complexa, Elisa. Porque quando a gente fala do modelo de viagem, quando a gente fala de viagem, quando a gente fala de turismo, quando a gente fala de viagem, esse desenho da viagem está em uma perspectiva que é uma perspectiva muito do mercado e do consumo. E isso se fortalece cada vez mais nessa esfera neoliberal que nós estamos inseridos, que o mercado é importante e ele tem que funcionar a qualquer custo.

Dentro de qualquer tema, desde que ele seja lucrativo. Então, quando a gente fala na viagem e nessa inserção, eu estou entendendo que a sua pergunta está se referindo a mim, como é que eu vejo isso nesses espaços de afroturismo, não é isso? Você pode responder.

Tá. Então, desculpa eu ter me perdido aí. Sim, eu acho que pode ser fortalecida, sim, dependendo da viagem. Então, como eu fiz o preâmbulo inicial que eu me perdi, e eu sou assim mesmo, eu viajo, viajo, viajo, viajo, e depois eu me perco. É... Eu tenho dó de meus alunos.

Porque eles ficam... Eu falei, vocês voltam, vocês me pescam lá na frente, depois vocês fazem com que eu retorne, façam com que eu retorne. Então, sim, esse preâmbulo que eu fiz, é que a gente tem destinações, que elas são meio que colocadas no selo.

O que é esse destino? Ah, esse destino é um destino afroturístico. Então, a partir do quê?

A partir da oferta, ou a partir daquilo que se oferece. Então, a gente vai chamar de afroturismo. Então, quando a minha identidade se fortalece, é quando eu encontro determinados destinos, mas que, de fato, eles existem a partir da realidade daquela comunidade. E isso tem sido mais difícil encontrar a partir da lógica de organização de turismo que a gente tem, não só no Brasil, mas como no mundo. Porque, às vezes, posso ir para um destino e ouvir algumas histórias que me remetem a uma certa tristeza, uma certa até melancolia, e depende de quem está relatando. Na verdade, o que eu posso sentir ali?

Posso sentir revolta, posso sentir um monte de coisas. Não que eu não vá deixar de sentir, mas não é isso. Estou pensando em quando uma experiência pode fortalecer a minha identidade. Depende do que eu encontro no local enquanto local turístico, enquanto local de lazer ou local de turismo. Não sei se respondi.

4. O que você espera/esperava encontrar em viagens voltadas à cultura negra?

R: Olha, eu tenho algumas experiências de viagens. Não sei se de viagens, de visitas. De viagens. Uma vez que eu me desloco, eu passo mais de 24 horas fora do destino, é uma viagem. Exato. Então, eu tenho algumas experiências.

A experiência de visitar um quilombo, por exemplo, no Vale do Ribeira. E que eles se negam a chamar aquilo de turismo. Então, assim, do ponto de vista conceitual, segundo a OMT, segundo a Embratur, é turismo, porque eu me desloquei, eu fiquei fora da minha residência.

Aí eu visitei, eu entrei em contato com aquela comunidade, mas quando eu chego naquela comunidade, eles falam, não, isso aqui não é turismo. Para a gente, isso não é turismo. Por que eles dizem isso? Porque eles não entendem essa experiência como uma experiência turística. Eles falam, olha, a gente recebe aqui pesquisadores, alunos, escolas, e a gente se soma, essa família que a gente recebe se soma às famílias que já existem aqui. Então, veja que experiência interessante.

E aí eles falam um pouco da organização, e eles não querem saber do que eu penso sobre aquele lugar, porque quem pensa sobre aquele lugar são eles, porque eles vivem naquele lugar enquanto comunidade. Você entendeu? Então, veja bem, essa experiência é uma experiência fantástica. Então, essa é uma experiência muito interessante, muito bacana, muito boa que eu vivi. Outras experiências. Estar com um guia no bairro da Liberdade, com um guia que não está conectado a uma vivência afrodiaspórica.

Ah, olha, aqui era igreja onde os negros e tal. Ah, aqui, olha, era um bairro negro e tal. Então, o que ele está me dizendo ali?

Ele está respeitando essa oferta, ele está falando da oferta, mas o que ele está me trazendo como experiência? É uma experiência pobre, fraca e também, acredito, muito preconceituosa, no sentido de que, na organização daquele espaço turístico, pouco se pensou, de fato, quem eram aquelas pessoas que ali viviam e como aquelas foram dizimadas daquele espaço. Então, eles estão se pegando muito em alguns elementos que estão marcados no território, mas que, na verdade, não é uma prática tão interessante.

Então, depende muito da experiência, de como esses territórios estão organizados e o que eles oferecem para mim enquanto um visitante, enquanto um turista. Acho que passa por aí.

5. Quando você se sente mais conectado(a) com sua identidade negra? Existe algum momento ou espaço específico que desperta isso em você?

R: Quando estou com os meus. Que não é uma coisa simples também, viu, Elisa? Não é uma coisa simples isso, porque a gente acaba... Esse universo que a gente vai galgando, e você faz parte de uma geração muito distante da minha geração, esse espaço que fui galgando é um espaço que só eu, de preto, fui conquistando, enquanto homem preto. Então, para mim, foi muito difícil se conectar. Acho que a geração de vocês tem aí uma condição hoje até melhor nesse sentido, porque vocês se veem, vocês olham para o lado.

Não se veem muito, mas quando você está dentro de uma universidade, você olha para a sua classe. Tenho absoluta certeza que a sua classe não tem mais 50% de pessoas pardas ou pretas. Você tem duas colegas, uma colega... Eu não tinha nenhuma. Então, o que eu digo?

Que esse crescimento na carreira é necessário, que a gente tem que fazer esse letramento, que a gente tem que aprender esse letramento para depois decodificar e aprender o outro, aprender o nosso. Então, a gente tem trabalho dobrado. Então, aí a gente se sente conectado.

É difícil a gente se conectar nesse universo. Então, voltando à sua questão, é isso. Quando eu me sinto conectado?

Quando estou com os meus. Mas é um exercício diário, é um exercício diário que tenho que fazer, no sentido de me aproximar e também de que as pessoas se aproximem. E aí eu, como professor, assumi uma responsabilidade nesse campo.

Eu sou um professor de graduação, dou aula na pós-graduação, dava aula numa pós-graduação de turismo, abri mão, porque via que o movimento que se fazia dentro do programa de pós-graduação era um movimento estritamente branco, estritamente descompromissado com a temática, que é tão importante no país, um país eminentemente preto. E como você vai lidar com essa questão diante de um grupo? Não é fácil, não é nada simples.

E aí o grupo acredita que está fazendo uma política de inclusão. Ele fala que ontem entrou uma preta, entrou um preto, entraram dois pretos, duas pretas, cinco pretas. E quem vai ficar com a preta? Quem vai ficar com o preto? Isso não é inclusão. Aí fui para um programa de pós-graduação que, na USP, é meio que único.

Não é perfeito, não. Está longe, bem longe de perfeito. Mas é o único programa da USP, e acho que do Brasil, que hoje, quando fiz parte da comissão de seleção, nós tínhamos 80% de vagas destinadas a pessoas pretas, pessoas declaradas transexuais, pessoas indígenas e PCDs, que são pessoas com deficiência. E o próprio programa, não, gente. 80% é muito. 50%, vamos ser igualitários.

O meu discurso era, mas sempre foi 100%. Por que agora não pode ser 80%? Mas aí eu e mais um grupo de professores pretos perdemos o debate e ficou 50% e 50% de acesso a pessoas pretas, com deficiência, indígenas e transexuais, declaradas transexuais.

E aí, o que eu faço hoje como professor? Eu me sinto livre, porque tenho liberdade de cátedra e, assim como todos os outros professores, eu acabo reservando 100% das minhas vagas para as pessoas pretas, trans, indígenas. Com isso, eu não tenho nenhum problema com as pessoas brancas. Absolutamente nenhum mesmo. Absolutamente nenhum. Mas eu acabo...

O que eu estou fazendo? Estou usando o meu corpo, este corpo que tem um significado naquele espaço, naquele ambiente, como ponte para que essas pessoas possam acessar. Então, assim...

Se eu encontrar um colega branco que está aí na luta, nessa luta... Vou fazer isso, eu faço isso... Quando ele assumiu uma situação dessas, eu digo, esse cara é nosso, esse cara é um branco preto. Por quê? Porque a luta é contínua. E por que eu faço desse 100%?

Eu não estou dizendo com isso que eu tenho que excluir. Não é isso, de forma alguma. Mas é que eu acabo usando o meu corpo, assim como um outro professor faz, professor negro, professora negra, falou, não, vamos acessar. Quem é você? Você é uma mulher branca, um homem branco, mas com questões de gênero onde a sociedade não te vê como alguém não muito bem aceito? Pode vir. Vem comigo. Vem comigo que a gente arruma isso. A gente ajusta, pelo menos, no campo do conhecimento.

Então, aí tem essa questão, voltando à sua pergunta, essa questão de que a gente se identifica, mas a gente precisa caminhar juntos. Agora, por outro lado, é a gente não esquecer as nossas origens e a gente buscar os nossos irmãos e as nossas irmãs, de modo que, à medida que eles tiverem seus desejos, a gente possa também mostrar alguns caminhos. Vai por aqui, vai por ali, vai por ali.

Então, hoje, profissionalmente, eu tento usar isso. E hoje, por exemplo, eu tenho uma comunidade de pós-graduandos, eu tenho dez pós-graduandos, nove pretos e um indígena. E que se tornam meus amigos, inclusive, alguns que já finalizaram os programas, mas que...

Outro dia, a gente estava em um show do Rico Galactica, eu estava com uma orientanda, a Tainá, linda, maravilhosa, a rainha, que eu digo que ela é a rainha, e o Carlos Otávio, lindo também, e que a gente se abraça. E é nisso que a gente vai se fortalecendo. Não sei se eu respondi a sua pergunta.

Experiências Específicas

6. Quais foram as experiências de viagem (turismo diaspórico) marcantes em sua vida?

R: A que mais me marca é a do Quilombo, do Vale do Ribeira. Todas as vezes que eu vou lá, eu vou como se fosse a primeira vez, encantado com a forma como eles se organizam, né? Enquanto comunidade, enquanto lugar, né? Aí eu gosto muito de ir lá, porque eu gosto de levar os alunos, né?

E aí, eu geralmente nem falo com os alunos, não falo muito dessa experiência lá, eu gosto que eles vivenciem, não dou nenhum spoiler para eles, né? E não teve nenhuma vez que os alunos não saíram assim, com os olhos arregalados, né? Professor, olha que experiência incrível, que coisa interessante.

Alguns se emocionam, né? E aí eles entendem um monte de coisas, né? Que nós, como planejadores turísticos, no caso do nosso curso lá, é um curso voltado a essa especialidade que é planejamento, né?

Eles entendem e falam, nossa, nossa posição no gabinete não é definir a vida do outro, né? A vida do outro já está definida por ele mesmo, ele mesmo sabe o que ele quer. Talvez o nosso aprendizado, seja conectar algumas questões, né?

E discutir, debater algumas questões de como pode ser mais ou menos importante, mas essa experiência é uma experiência que eu gosto muito, que é uma experiência que me toca sempre, porque eles conseguem dar uma resposta acerca de uma série de coisas, né? Porque aí, a partir daquela realidade, eu uso isso como espelhamento para a gente pensar em comunidades indígenas, comunidades caiçaras, comunidades caboclas, comunidades coletoras, né? Então eu acabo usando esse exemplo nesse sentido.

Então, essa viagem ao Vale do Ribeira, no quilombo do Ditão, o Ditão é uma liderança mais velha, e ele é sempre muito ouvido, né? É uma experiência que sempre me tocou muito, né? Eu acredito que, nesse ano, eu quero ir para lá, e eu sempre vou como se fosse a primeira vez, porque eu sempre aprendo muita coisa.

Sobretudo porque eles não estão lá, assim, ensaiando para receber a gente, né? Como geralmente o turismo faz, né? Faz um showzinho para o turista. Não, ele chega lá, vamos almoçar, vamos conversar, vamos isso, vamos... Não tem encenação, não é um teatro.

7. Por que você viajou para esse DESTINO (África-Américas)?

8. E o que mais te marcou estando em viagem (Africa, etc)? Que pensamentos vieram? [repetem a mesma resposta da pergunta 7 normalmente]

9. Qual sua opinião sobre pessoas pretas de outros países visitarem o Brasil em busca da história negra?

R: Sim, eu acho bem interessante, né? Eu acho que essa é algo que mostra que a gente hoje, no turismo, a gente tem que buscar outras perspectivas, né? Então, à medida que as pessoas estão tentando se conectar, né?

E se conectar com a sua história, com aquilo que não foi nos reservado de direito, que é a nossa história. Muito do que a gente tinha da nossa história ficou meio perdido, porque sempre foi subjugada, né? Então, acho fantástico, à medida que as pessoas têm o interesse, e acho que nós, como profissionais, temos a responsabilidade, inclusive, de cobrar isso das instituições, sobretudo do Ministério do Turismo, no sentido de pensar essas questões, de como a gente pode refletir junto com as comunidades e pensar processos que possam facilitar essa mobilidade de uma população, quer seja ela negra ou não negra, mas que tenha interesse em conhecer essa história. Eu acho que isso é muito importante, e esse é um movimento que eu praticamente não assisti nas últimas décadas. Agora, eu vejo que talvez você, pesquisando, já tenha visto isso, que o Ministério do Turismo tem feito, inclusive, um trabalho nessa perspectiva de um programa que foi criado por um decreto, acho que é 12.277, em novembro de 2024, que tem a finalidade de impulsionar o afroturismo, e eles estão propondo rotas, né? Rotas negras, né? Eu acho muito importante isso, e acho mais importante do que isso é que isso venha a acontecer de fato, porque é claro que no governo e no ministério a responsabilidade é desenhar essa política pública, né? E é claro que isso tem que se reverberar na esfera do Estado e na esfera do município.

Então, eu espero que isso aconteça de fato, e nós já temos pessoas muito capacitadas para debaterem essas questões, e eu acredito que vocês, pessoas negras que estão aí na graduação, nós que estamos aqui já como professores, todas essas pessoas devem ser ouvidas para a gente pensar qual é o caminho, para a gente não ficar naquela coisa da oferta e demanda. Quem é o americano de 29 anos, de 54 anos, que ganha tanto e que vem ver o quê? Vem ver o quê?

Em qual perspectiva? Então, porque a gente sofreu apagamentos, exclusão, agora, eu não quero que o Brasil receba turistas que venham... Ah, então, o que é o turismo?

A gente vai ver a miséria? Não. A gente vai proporcionar condições de trazer aquela história e trazer aquelas vivências a partir daquela comunidade que possa ser protagonista da ação, e não criar um cenário e chamar isso de afroturismo, que eu acho que realmente não tem condições. Então, eu acho que tem que passar por política pública, esse governo tem até feito esse desenho, que eu acho que é importante, e aí é partir para a execução mesmo. Verdade.

Virar realidade, exatamente. Ah, é o sonho. Exatamente, porque todas as ações que a gente vê de afroturismo são ações muito a partir da organização de nós mesmos, e não que não seja importante, claro que é importante, mas é com dinheiro do nosso próprio bolso, é uma política de incentivo, então a gente precisa dessa ação que traga apoio, inclusive financeiro, considerando que o povo preto é o povo mais excluído economicamente.

Então, a gente tem ações que são bem legais, da Diaspora Black, da Bitonga, de várias, algumas operadoras que foram elaboradas por pessoas pretas mesmo, mas é aquele trabalho árduo, tirando leite e pedra para mostrar a nossa existência. Então, acho que quando o Estado assume isso também é muito importante para que a gente possa contar com apoios, inclusive com pesquisas, porque tem coisas que a gente precisa pesquisar, até para pensar numa prática turística que seja mais coerente.

10. Pensando em viagens voltadas à diáspora negra: a experiência tem mais a ver com o lugar visitado ou com o que a viagem desperta internamente?

R: Então, a experiência tem a ver com tudo. O lugar, dependendo do que for ofertado no lugar, é o que ela vai sentir internamente, acho. E aí volto na questão da importância desse protagonismo negro e da necessidade de a gente se integrar e ser um sujeito mesmo da construção desses espaços, porque senão a gente corre o risco de criar só um espaço de dor.

E aí, nesse espaço de dor, esse contato vai reverberar em dor, e não em algo positivo. Então, acho que isso passa por essa questão do planejamento e de profissionais envolvidos, de quais são os profissionais que estão envolvidos nesses debates, para que a gente possa trazer, a partir de uma experiência de visita ou de turismo, que possa ser o lazer ou o turismo, que possa ser uma experiência de prazer e não de dor.

11. Como você se sentiu/sentiria ao estar em um local onde a maioria da população é negra? Onde sua cultura e história estava presente ao redor?

R: Ah, eu gosto muito, eu adoro quando vivencio essas situações. Hoje eu tenho vivenciado até mais do que nos últimos 20 anos, que a gente viveu sempre muito isolado, aí você vai para a academia, você só vê cara branca, não vê cara preta. E aí, quando você lança qualquer ideia, o pessoal... É, isso é importante, vamos ver no futuro. Quando você está rodeado por pessoas pretas, a história é outra, e a gente traz o nosso protagonismo, as nossas questões. Então eu tenho vivido essa experiência.

Mais recentemente atuei em um grupo do Ministério das Relações Institucionais do Padilha, no Conselhão, então tive a oportunidade de estar em Brasília com um grupo de pessoas pretas e trabalhar e trabalhar diretamente só com pessoas pretas. E até para discutir as nossas questões, da questão da pessoa preta e a tecnologia, como é que está tudo isso. Então foi fantástico, no sentido de que a gente fala a mesma língua, que é outro idioma, inclusive.

Então isso é fantástico, eu adoro. E eu acho que isso tem que acontecer mais, eu não estou aqui propondo um apartheid longe de mim, até porque nesse meio, inclusive, tem pessoas brancas, que estão lá debruçadas também. Não estou propondo isso, mas é assim, não dá para falar de nós sem nós.

Exatamente. Não dá para falar de nós sem nós, não são eles que vão decidir o que é que a gente vai fazer. Quem tem que decidir o que a gente vai fazer? Somos nós. E nós temos o direito de participar da política pública, assim como eles têm, nós também temos. E aí a gente precisa de representatividade.

Eu acho que essa representatividade tinha que ser 56%, que é o proporcional da população brasileira, assim como a universidade. Eu quero entrar numa universidade no Brasil, a USP, até hoje, a USP, você entra e você fala, nossa, eu estou numa universidade europeia, só tem gente branca, só tem professor branco, só tem aluno branco. Agora, com as cotas, é que a gente vê...

Todo esse tempo que eu dei aula na USP, por muitos anos, eu tive um aluno preto, em algumas turmas, nenhum, e o máximo que eu tive foram dois alunos pretos, antes das cotas. O máximo, dois. Mas muito raro, muito raro.

Cada turma era um que, coitado ou coitado, ficava lá isolado, porque o povo não quer conectar. E agora, não. Agora, com as cotas, eu entro na sala, tem seis, tem cinco. Eu acho fantástico isso. Então, a questão é essa. Acho que a gente tem que aumentar a representatividade.

12. Qual o futuro desejável para as viagens de turismo diaspórico?

R: O futuro desejável é que a gente possa viajar e nem nomear que é turismo afrocentrado ou que é afroturismo. É o Brasil. É o Brasil.

O Brasil é esse aqui, o Brasil. Então, o que a gente tem que desconstruir? Acho que a gente tem que desconstruir aí uma questão epistêmica, epistêmica. E que aí eu acho que é responsabilidade dos professores. Eu coloco isso para os meus colegas muito abertamente, de que, olha, a gente tem que ter um compromisso epistêmico. Eu, [nome do entrevistado], tenho hoje, enquanto professor na área de turismo, o meu compromisso epistêmico está relacionado a uma epistemologia negro-brasileira e uma epistemologia indígena mesmo.

Agora, por que eu faço isso? Por que eu me dediquei, tenho me dedicado exclusivamente a isso? Porque ninguém se dedica. Porque a academia reproduz a epistemologia europeia. Então, quer ver uma coisa que me incomoda muito? Sempre me incomodou, como professor na universidade, são as modas. As modas que são lançadas lá em Seattle, lá em Harvard. E aí você tem... E geralmente elas passam muito pela administração, porque a administração coordena muito essa ação produtiva.

Então, o pessoal vem com design think, com... Ah, essas coisas me incomodam de um tanto, de um tanto que me fere. Porque eu vejo isso como fruto do sistema neoliberal, desse capitalismo perverso que mata pessoas, que mata etnias, que mata grupos.

E as pessoas... Ah, não, porque o Marx agora tem um design think, a gente tem isso... Olha, bicho!

Eu tenho outras coisas para debater. Então, por isso que eu me dedico muito a essa epistemologia negro-brasileira, ultimamente, e uma cosmologia indígena. E eu acho, Elisa, que falta isso, que falta a gente buscar um cenário ideal, mas esse cenário ideal só vai existir quando a gente contemplar todo mundo.

E com isso eu não tenho que deixar de falar da imigração italiana, nem da imigração alemã, nem da imigração japonesa, de maneira alguma, mas eu tenho que contemplar todo mundo. E aí passa por uma crise epistêmica mesmo, onde a academia ainda não acordou. A academia não acordou em absoluto, porque quantos professores que você tem que talvez tenha esse debate?

Ou que se abrem para esse debate, ou se abrem para essa perspectiva? Então, eu vejo muito a academia, muito ainda naquela relação de ter o dó da gente. Eu não quero o dó de ninguém.

Ai, gente, vamos fazer um movimento negro, vamos agregar pessoas pretas, vamos não sei o quê. Olha... Para você!

Ai, porque tem uma foto de três pessoas, quatro... Não, eu não quero isso. Eu quero uma mudança epistêmica, onde a minha pessoa possa ser discutida, o meu corpo possa estar presente nessa discussão.

Então, eu vejo que... E aí, isso às vezes acaba me entristecendo um pouco, e às vezes eu tento até seguir um discurso mais otimista, porque eu trabalho com jovens e eu tenho que ser otimista. Mas, às vezes, isso me perturba dentro da universidade, e não é com os alunos, é com o corpo docente.

E sobretudo em turismo, porque turismo é... A gente tem essa questão de hospitalidade, de receber, de mostrar, de conexões culturais. E aí você tem uma aula de patrimônio, onde a gente tem toda uma discussão, mas é uma discussão do patrimônio a partir de uma perspectiva colonial.

E a gente tem que começar uma discussão decolonial, inclusive quebrar essas resistências epistêmicas, dando espaço para outros debates, para a gente desenhar um cenário futuro mais ajustado. Eu acho que é isso.

13. Como seria uma experiência fantástica de turismo para você?

R: Fantástica? Eu acho que quando a gente tivesse, para passar por uma experiência fantástica, a gente teria que ter alguns ajustes, num sistema mesmo, onde as pessoas tivessem mais acesso, onde às vezes você vê, por exemplo, no próprio turismo, você vê uma competição dentro do próprio destino, que as pessoas querem que você compre tudo ou que você consuma tudo, não sei o quê. Por quê?

Porque aquilo é reflexo da condição que ela vive, sobretudo nos países mais pobres. E hoje é uma coisa muito... O Peru, por exemplo, é um país, assim como o Brasil, é um país que, tanto o Brasil como o Peru, são países conhecidos internacionalmente.

Então, uma experiência no Peru. Uma experiência no Peru era uma experiência bem rudimentar, e hoje ela deixou de ser rudimentar, como era há 20 anos atrás, mas porque você tem um sistema de operação turística que é um sistema internacional. Mas o peruano, coitado, não é nada com aquilo.

Então, ele está na mais plena miséria. O Brasil é a mesma coisa. A Amazônia é muito visitada pelo turista internacional. Eu gosto muito da região Amazônia. Ela é muito visitada pelo turista internacional. Então, tem todo um esquema de agenciamento, de operação que faz com que o turista chegue lá.

Mas quando ele chega, também, aí tem um menino com a cobra no pescoço, tem a menina vendendo artesanato, então fica toda aquela... Aí você tem uma quebra nessa relação, que eu acho que ela é até desumana. Então, aí eu acho que é difícil a gente chegar num destino perfeito, ideal, fantástico, quando você tem a marca da desigualdade social ainda muito presente.

Mas, enfim, esse é o cenário que a gente tem no mundo. Então, como é que a gente melhora isso? Eu vejo que as experiências de turismo comunitário, de turismo de base local já têm conseguido melhorar essa situação.

Quando eles melhoram essa situação? Quando essas comunidades, quando esse turismo de base local, as pessoas têm consciência de quem são elas. Então, assim, elas continuam pobres, o visitante, às vezes, é um cara financeiramente que está numa posição muito superior, mas

talvez não há uma agressão tão grande à medida que esse receptor sabe quem, ele se reconhece como sujeito, ele sabe que aquele trabalho dele é importante.

Então, talvez busquemos esse cenário fantástico, esse cenário ideal, a partir de propostas de turismo que possam amenizar essa desigualdade social, esse degrau entre quem chega e quem recebe. Acho que talvez pudéssemos chegar a alguns destinos de modo que ele fosse bacana, que ele fosse fantástico. Acho que 100% não vai ter, mas temos que buscar alcançar uma melhor qualidade.

Porque a gente vê destinos onde o turismo leva empobrecimento, não leva geração de renda. E você vê outros destinos, como o Bonito, por exemplo, que é um destino que cresceu muito e tinha tudo para se degradar, mas a comunidade falou, olha, quem somos nós? Eles começaram a conversar entre eles, e aí você tem uma organização daquele local onde existe um equilíbrio entre quem chega e quem recebe.

Então é isso, acho que o destino ideal para mim, fantástico, seria aquele onde essas diferenças econômicas e sociais não estivessem tão marcadas. Mesmo você visitando uma área, um local onde os recursos econômicos são poucos, são pequenos.

14. Como você descreve o impacto de viajar na sua autoestima e na sua identidade?

15. Por fim, você já sofreu racismo?

R: Eu imagino, porque eu falei, nossa, qual a pessoa preta que vai responder essas questões que não sofreu racismo? Eu acho que ela não existe. Já, inúmeras vezes, inúmeras vezes, e algumas marcaram mais, outras menos.

Eu posso falar da minha vida profissional. Eu entro num espaço eminentemente branco. Quando eu decidi fazer mestrado, eu fui professor de escola pública há muito tempo, e por escolha minha.

Não foi porque eu quis ser professor e a minha escolha era dar aula na escola pública. Eu não quis ir para a escola particular, porque foi lá na escola pública onde eu me formei. Só que a realidade da escola pública é difícil, é bem difícil, inclusive financeiramente.

Você não ganha para pagar as suas contas. E aí eu tive que dividir a escola pública entre a escola privada, que foi uma loucura, que eu passei a ganhar um pouco mais, mas que também é um trabalho muito exaustivo, e eu optei por ir para fazer uma carreira acadêmica. Mas, quando eu terminei a academia, o meu projeto era entrar no mestrado, e já tinha conversado com uma professora e tal.

E ela falou assim, faz como aluno especial, e aí depois você entra no mestrado, já faz o mestrado. Eu falei, ah, que bom! E aí eu fiz, me dediquei. Morava numa periferia lá, morava lá no Sapopemba e tal. E fiz. E quando chegou a hora de prestar, porque na geografia a gente tinha só uma... vocês tinham que fazer só a inscrição e uma prova de idiomas. E aí eu fiz, passei na prova de idiomas, e aí dependia da escolha do orientador. Aí eu fui, todo feliz.

Fiz a lição de casa, dois anos fazendo as disciplinas. Falei, agora eu vou fazer. E o meu trabalho era sobre quilombos, em Bertioga. O meu tema era sobre Bertioga e o tratado de quilombos. Aí eu cheguei, professora, não era surpresa para ela que eu chegaria para concorrer à vaga de mestrado. Aí ela olha para o projeto, bom, você se candidatou, né?

Falei, me candidatei, como a gente havia combinado. Porque ela era a única pessoa que orientava turismo, não tinha outro. Porque o turismo era muito mal visto dentro da FFLH, dentro da geografia. E nenhum professor queria. Ela era a única especialista. Aí ela olhou e falou, você quer estudar quilombo? Aí ela falou, olha... Ah, eu tinha duas vagas. E o professor Milton Santos, você conhece o professor Milton Santos, ele era professor do departamento, era a maior estrela da USP, e ela era amiga dele. Queria ser, pelo menos. Todo mundo queria ser amigo dele. Exatamente. O Milton tem duas vagas e ele gostaria de orientar três pessoas, e está faltando uma vaga para ele. E aí, olha, [nome do entrevistado], eu vou dar essa vaga para ele, e por outro lado, eu também não estou disposto a alfabetizar ninguém.

Então, acabou comigo, me colocou lá no chão. Isso também não é objeto de pesquisa, e eu não estou afim de alfabetizar ninguém. Você imagina como é que eu saí de lá, cego, de ódio, de raiva, dois anos, e saí xingando.

Não xinguei, claro, não ela, depois que saí da sala, xinguei a mãe dela, a geração. E aí falei desse lixo, dessa universidade, não sei o quê. Era como eu via, naquele momento, aquele cara que fez a lição de casa, porque a gente sempre tem que fazer a nossa lição de casa bem bonitinha. E aí ela... Aí eu fui embora, xingando, falei que eu não pisaria mais lá. A minha prima também fez engenharia na USP, na Poli, e ela disse que depois de formada ela nunca mais voltou lá.

E aí eu disse que eu não voltaria mais lá. E aí os colegas da escola... Não, [nome do entrevistado], você é um cara que tem potencial, você tem que ir. Aí eu voltei sete anos depois. Voltei sete anos depois, e prestei na ECA, não fui para a FFLCH Leste, prestei e entrei. Inclusive fui para um curso de turismo, porque eu não conhecia a literatura de turismo, eu conhecia a geografia.

E passei na prova. Lá tinha prova. Passei em primeiro lugar na prova. E aí a minha orientadora, uma mulher branca, que me aceitou, depois me aceitou no doutorado, e foi uma pessoa maravilhosa na minha vida. Eu devo muito a ela. E entrei pelas mãos de uma pessoa branca.

Então, por quê? Porque tem um outro olhar sobre essa questão. Então, assim, quando a professora da FFLCH Leste colocou que ela não estava afim de alfabetizar ninguém, ela estava me dizendo também uma coisa a respeito da qualidade do meu projeto, que eu não sabia fazer mesmo.

E depois um outro acesso, quando eu resolvo me tornar professor titular na universidade. Quando eu resolvi me tornar professor titular, foi muito engraçado isso, porque eu era professor doutor, e a livre docência, depois que você se torna professor doutor, o próximo degrau é a livre docência. Mas é um exame difícil também.

Eu considerei bastante difícil. Eu tirei férias num ano, falei, vou escrever, não consegui escrever, por uma série de coisas, e depois, num outro momento, eu escrevi. E é muito engraçado, porque eu tinha, acho que, três livros docentes, que já tinham feito livros docentes há muito tempo. Quando eu fiz, acho que oito fizeram depois de mim, né?

E depois aí eu resolvi ser titular, aí o povo achou demais, né? E depois disso, eu não tive mais sossego na universidade, né? Aí foram retaliações a ponto de uma professora entrar na minha sala de aula e dizer que minha aula não tem qualidade, de criar um documento assinado por

mais duas alunas, duas alunas que eu havia chamado a atenção na sala por conta de terem desrespeitado um professor palestrante, né?

Essa professora cria um documento, ela escreve junto com essas duas alunas e coloca para a chefia em nome da sala, né? E eu fui questionar, falei, questionar a sala. A sala falou, não, professor, isso não aconteceu.

A professora chegou aqui perguntando da qualidade do seu trabalho, mas ninguém escreveu nada, quem escreveu foram essas duas alunas. Essa pessoa entrega esse documento para a chefia. A chefia me cobra, fala, o que é isso?

Falei, olha, isso para mim é fake news. Ela disse, é fake news quem? Você ou seu conteúdo?

Então, para mim, isso é uma batida de racista, né? Eu entrei com o processo junto à diretoria, com o PAD, um processo administrativo. Eles montaram uma banca, inclusive colocaram um professor preto, mas é um professor preto que eu entendi que é um professor também já rendido a esse movimento branco da universidade, de poder, branco e de poder, né?

Porque é uma pessoa que se costura dentro de uma carreira, né? E o resultado que eles me deram era, olha, realmente foi complicada a coisa, mas a gente tem que resolver isso criando algumas estratégias de comunicação dentro do departamento. O que eu fiz?

Como eles falaram, tá tudo certo, vai ficar tudo por isso mesmo, eu abri um processo no judiciário e tô na luta no processo judiciário. E pretendo me aposentar esse ano. Agora, assim, por que eu pretendo me aposentar esse ano?

Porque o meu corpo não aguenta mais essas violências. O meu corpo não aguenta. Eu adoro dar aula, eu considero que eu faço um trabalho diferenciado e bacana com os alunos, né? Gosto muito do que faço, mas o meu corpo não aguenta mais. Então, assim, eu já resisti muito, né? Então eu não aguento mais. Então essa é uma outra... Então são essas duas situações que eu acho que foram muito marcantes na minha carreira, né? Mas sempre tem um monte de coisas, né?

E não tenho grandes esperanças no judiciário porque o judiciário é composto por pessoas brancas, né? Agora, assim, qual é o meu objetivo ao abrir esse processo no judiciário? Deixar isso registrado dentro da universidade pra que você, pra que a sua geração possa chegar, né?

E aquilo tá registrado. Pra acontecer de novo, ó. Já aconteceu, o judiciário falou isso, né? Então isso entra no histórico da universidade, né? Uma atitude de violência, de assédio e de racismo, né? Eu considero isso racismo, né? Denominação jurídica, né? Então é isso. Agora, não é fácil, né? Lidar com isso, né, Elisa? Não é uma situação fácil. É uma situação que abala muito a saúde da gente e tal.

Então, assim... E olha que eu sou um professor titular. Professor titular, ele só está abaixo do reitor da universidade. Do ponto de vista da estrutura de poder. Ele só está abaixo do reitor. Quando o reitor não está, é o professor titular que responde pela universidade.

E o grupo dizia que eu não era o professor que deveria prestar. Eu falei, não, eu sou sim. Porque eu preencho todos os requisitos e eu vou. E eu vou. Se quiserem me reprovar na banca, me reprovem. Eu vou. Então, assim, às vezes a gente tem que ter essa petulância também. Agora, isso tem um preço. E tem um preço de... Porque você, geralmente, dentro da

universidade, você não tem apoio. Sobretudo porque eles estão fechados com a estrutura de poder deles. Agora, a gente tem que aumentar em número.

Então, a Elisa tem que vir a ser professora da universidade também. Ser reitora. E aí a gente vai se sentir mais forte. Porque aí vai aumentando o quilombo. É aquilo que a gente falou anteriormente. Vai aumentando o quilombo. A gente vai ganhando território. E a gente vai se fortalecendo. Agora, lutar sozinho não é simples, não. É verdade. É complicado. Mas é isso, né? Não sei se eu respondi as suas questões.

APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 5

Entrevista 5

Homem/ 40 anos/ São Paulo capital e Salvador/ Empresário criador de uma operadora de turismo

1. O que significa para você "pertencer" a um lugar ou a uma comunidade?

R: Eu acho que pertencer a um lugar ou a uma comunidade é você contribuir significativamente com aquele lugar, é você ter uma relação de afeto, é se afetar também pelas coisas que acontecem ali, é viver também nesse espaço, mas eu acho que viver em várias formas, eu acho que você pode fazer parte daquela comunidade. Por exemplo, uma pessoa que muda do interior para São Paulo, ela continua, querendo ou não, tendo uma relação com aquela comunidade que ela vivia. Então, eu acho que essa relação com a comunidade é bastante ampla e ela passa muito por esse lugar de cuidado para mim.

2. Como você entende o conceito de aquilombamento? Essa prática contribui para o fortalecimento da identidade e do bem-estar?

R: Eu acho que o conceito de aquilombamento tem muito a ver com essa relação com a comunidade, tem essa questão do fortalecimento entre pessoas negras, tem a questão da resistência, tem a questão da liberdade, tem a questão do viver em comunidade, da contribuição, e eu acho que hoje a gente tem essa herança muito forte e que tem sido repassada muito pela oralidade, muito por esse afeto também para as pessoas que vivem nesses lugares formados por pessoas negras que vivem em liberdade naquela época da escravidão.

Eu acho que ela é fundamental. As pessoas negras vivem alguns processos de racismo dentro da sociedade como um todo, de racismo cultural, e a gente vai se adoecendo. Então eu acho que estar entre os nossos, se fortalecer, buscar essa identidade...

A gente fez uma viagem, por exemplo, para o Maranhão, que eram só as pessoas negras, e as pessoas se reconheciam no outro. Desde ter uma base da mesma cor, até um produto de cabelo, até falar sobre assuntos que você não precisa explicar, ou só um olhar, ou só alguma coisa, a gente já entende o que estava acontecendo ali. Então eu acho que é fundamental para a gente não adoecer, para a gente se entender como seres humanos, se entender como sujeitos de direitos, e avançar, parar de, por exemplo, só resistir, e chegar na fase que a gente pode descansar, que a gente pode falar de novo.

Então a gente tem algo que é muito importante para a nossa comunidade.

3. Em que medida sua identidade seria reafirmada e fortalecida, através de viagens com valorização da cultura negra (afrocentradas)? (Turismo Diaspórico)

R: Eu acho que elas são fundamentais para esse reconhecimento. Eu lembro muito de quando uma amiga minha foi para Palmares e ela falou que era como se as células dela estivessem se desconstruindo. Então é uma provocação única.

Ou quando eu vim para Salvador a primeira vez, que eu tive a sensação de que eu estava voltando para um lugar que eu já tinha estado, mesmo sem nunca ter pisado aqui. Então eu acho que é algo que nos faz perceber também, é muito legal quando a gente viaja e as pessoas nos tratam como irmãos, como membros daquela comunidade, mesmo sem a gente nunca ter estado lá, por conta desse reconhecimento de ser uma pessoa preta. Então eu acho que as viagens, elas nos ajudam a entender essa nova cultura, nos ajudam a entender sobre o lugar que a gente veio também, porque a gente pensa sobre o que tem de único, como que é esse lugar, porque quando a gente viaja a gente não para muito, mas a gente tem essa peculiaridade das viagens.

4. O que você espera/esperava encontrar em viagens voltadas à cultura negra?

R: Eu acho que eu espero encontrar uma cultura viva, comidas deliciosas, pessoas afetuosas, e espero me encontrar. Eu acho que mais do que eu quero encontrar no lugar, eu acho que é sobre que sensações eu quero que sejam provocadas em mim. Então é muito legal você chegar nessas comunidades, que as pessoas vejam que você também é negro e elas já te tratarem como irmão.

Eu acho que isso é algo muito único.

5. Quando você se sente mais conectado(a) com sua identidade negra? Existe algum momento ou espaço específico que desperta isso em você?

R: Eu acho que o tempo todo, eu não tenho uma... Eu acho que hoje eu vivo com o dia negro, então eu me sinto conectado desde onde eu consumo as minhas frutas até os lugares que eu posso visitar, aos amigos, às músicas que eu ouço, às escolhas que eu faço de onde almoçar. Então eu acho que essa identidade está presente o tempo todo, mesmo que eu esteja em um lugar muito branco, só luxo, e que não tenha nada...

Eu sei quem eu sou ali naquele espaço, eu sei qual é o meu lugar, eu sei o que eu posso visitar, eu sei o que eu tenho de diferente e de especial, eu sei o que de único eu tenho, e também sei o que eu posso contribuir. Então eu acho que é algo que hoje é uma consciência muito plena, é uma consciência negra, que me faz estar em algum espaço muito empoderado de toda essa centralidade, de tudo que eu quero ajudar a nossa comunidade a construir também.

Experiências Específicas

6. Quais foram as experiências de viagem (turismo diaspórico) marcantes em sua vida?

R: Eu acho que a primeira vez que eu estive em Salvador, em 2005, foi algo que me impactou muito. Eu estava arrepiado, eu tinha a sensação de que eu estava voltando para algum lugar, que eu já tinha estado. Eu estava muito encantado com a comida, com o jeito que as pessoas falavam, com o jeito que as pessoas andavam, com a música, com a arquitetura, com a beleza natural.

Então eu acho que foi algo que eu nunca esqueci, e que eu busco até hoje, e que naquele momento eu decidi, eu quero morar nesse lugar em algum momento. Então eu acho que foi

algo bem único. Depois de ir para Palmares, o quilombo que foi fundado pelo Zumbi, foi algo também muito especial, também foi mais um lugar em que eu ficava arrepiado o tempo todo.

Eu fiz essa viagem com um grupo, então eu era o anfitrião do grupo, então eu estava ali meio que trabalhando. Mas eu tive vontade de chorar, eu senti tudo que eu estava vendo lá, e virou uma missão de vida, levar mais pessoas para conhecer esse lugar, que é o Palmares. Então acho que é algo que me fez realmente avaliar e querer continuar.

7. Por que você viajou para esse DESTINO (África-Américas)?

R: Eu acho que Salvador era um destino que eu sempre tinha sonhado em conhecer. A gente tinha essa vontade, muito por conta de tudo que a gente vê na TV, das músicas, que acho que é um destino que foi inspirar muitas pessoas. No Palmares eu tinha essa curiosidade histórica e cultural, então a gente começou a organizar essa viagem, e acho que são coisas que eu não me arrependo.

8. E o que mais te marcou estando em viagem (África, etc)? Que pensamentos vieram?
[repetem a mesma resposta da pergunta 7 normalmente]

R: Eu acho que me deu vontade de conhecer mais lugares como esse, e me deu essa conexão com essas cidades, de quanto a nossa história é potente, de quanto a nossa história é de luta, de resistência, e de quanto o nosso povo sempre foi protagonista da sua história. Então acho que foram viagens especiais, e que até hoje me marcam, eu lembro de cada detalhe, eu lembro, se eu fechar os olhos, eu consigo lembrar do cheiro, de como eu estava me sentindo. Então acho que foi algo muito único nessas viagens.

9. Qual sua opinião sobre pessoas pretas de outros países visitarem o Brasil em busca da história negra?

R: Eu acho muito especial, porque os afro-americanos estão nessa busca de que a gente seja mais forte, porque eles têm essa consciência política, eles querem visitar lugares pretos, eles querem que a gente esteja junto com eles, então é muito legal ver os olhinhos deles brilhando, acho que a gente cobre também a parte do olhar do outro, e não só os afro-americanos, a gente tem franceses, a gente tem pessoas dos países africanos, colombianos, caribenhos, então acho que faz parte dessa troca da diáspora, porque a gente já não é mais África, e a gente tem coisas muito parecidas nos outros países, e é muito legal se enxergassem também.

10. Pensando em viagens voltadas à diáspora negra: a experiência tem mais a ver com o lugar visitado ou com o que a viagem desperta internamente?

R: Eu acho que tem um pouco dos dois, eu acho que cada um tem uma sensação, eu posso visitar a Salvador e você também, e bater muito pra mim, não bater nada pra você, outra pessoa não gostar, então acho que o lugar, ele é especial, ele dá uma experiência de como a gente está naquele lugar, e às vezes tem aquela coisa de, ah, vai pra um lugar e é muito especial, e depois volta e não é tanto, então eu acho que como a gente está, como a gente está se relacionando, quem está com a gente, qual o contexto daquela viagem, ajuda a gente a ver isso.

- 11.** Como você se sentiu/sentiria ao estar em um local onde a maioria da população é negra? Onde sua cultura e história estava presente ao redor?

R: Eu sempre me sinto em casa, eu acho que é algo que tem sido bastante frequente nos lugares onde eu vou, a gente tem tido muita coisa de festas, de restaurantes e tal, então acho que eu gosto de visitar esses ambientes, e é uma busca minha mesmo, então acho que tem sido bem especial pra mim, assim, acho que é, essa função de comunidade, de aquilombamento, e de que você vai fazer trocas que estão muito profundas.

É claro que é importante também ter os aliados, as pessoas brancas, mas eu acho que é algo que eu tenho buscado nos últimos anos.

- 12.** Qual o futuro desejável para as viagens de turismo diaspórico?

R: É um futuro em que a gente vai se conectar mais com esses lugares de cultura negra, e eu espero que a gente tenha um racismo diminuindo, e que os corpos negros passem a ser mais normais no turismo, então acho que é algo que tem sido como especial, então acho que, eu falo que a cultura das viagens é o afroturismo, é essa conexão com as pessoas negras e com a história negra. A gente teve nos últimos anos uma transformação da estética, por exemplo, em que as pessoas negras passaram a descobrir seus cabelos e começaram a usar seus cabelos naturais, crespos, cacheados, enfim, e os homens também deixaram seus cabelos crescer, e eu acho que a gente vai viver isso no turismo, as pessoas vão conhecer cada vez mais essas viagens afrocentradas, e isso vai ser a normalidade, e todo mundo, como está acontecendo no mundo da estética, vai ganhar dinheiro com isso, desde as grandes marcas até os pequenos empresários, então essa transformação vai vir a partir da demanda, não vai ser o mercado que vai mudar para gerar uma nova demanda, vai ser a demanda que vai gerar um novo mercado.

- 13.** Como seria uma experiência fantástica de turismo para você?

R: Eu acho que uma experiência fantástica de turismo para mim inclui um lugar bonito de se conhecer, uma história marcante, uma narrativa muito forte, uma gastronomia deliciosa, pessoas que sabem receber, que sabem tratar os visitantes, e que também tem a diversidade, tem a história, tem a moda, tem a gastronomia, tem a beleza natural, tem essa narrativa da sensibilidade do passado, tem o sonho de futuro, a gente quer construir aqui uma série, a gente está arrecadando dinheiro, a gente está fazendo alguma coisa, e se sentir contribuindo de alguma forma, sua visita vai ajudar na construção desse espaço, a gente também está sempre querendo que a gente possa estar nos lugares de uma forma mais consciente, e que afete positivamente.

- 14.** Como você descreve o impacto de viajar na sua autoestima e na sua identidade?

R: Eu acho que viajar traz esse conhecimento de você mesmo, então aqui, por exemplo, meu lugar de casa, viajar é quando eu me sinto mais eu, quando eu cubro novas coisas, quando eu me sinto curioso, quando eu vou passeando essa curiosidade, quando eu vou trazendo esse espaço de conhecimento e de possibilidades, então acho que viajar pra mim tem sido esse autodescobrimento que usa há algum tempo, então acho que quando eu estou meio perdido,

quando eu não sei o que fazer e tal, é na viagem que eu me descubro, é ali que eu me ajudo, sabe?

15. Por fim, você já sofreu racismo?

R: Eu acho que algumas vezes, desde revista aleatória no aeroporto, que é sempre algo que dizem que todos os viajantes podem passar por isso, mas eu acho que bate diferente em nós pessoas negras, a gente já foi revistado no meio da rua, né, voltando pra casa, então acho que pela polícia, então acho que isso é algo que marca as nossas vivências, até ser revistado no meio da rua em Veneza, por exemplo, fui abordado pela polícia e eles me pediram pra conferir meu passaporte, saber onde eu estava, porque que eu estava ali, e eu não vi eles fazendo o mesmo comportamento com as pessoas brancas, mas eu acho que também o racismo tá muito nessa subjetividade e daquele olhar, assim, de como você entrar no restaurante, você vai ficar naquele momento em que as pessoas só olham de “nossa, por que que ele tá aqui? Será que ele é um vendedor? Por que que ele tá aqui consumindo também?”

Então acho que é algo que, às vezes você vê, essa cara de desespero, essa cara de desdém, mas não necessariamente a pessoa verbaliza aquilo, mas aquilo já te provoca algo ruim, aquele racismo muito do olhar e do velado, então acho que são muitas situações, mas eu acho que a partir do momento que você se empodera, que você sabe que você é uma pessoa que tem uma história, que tem milhares, então você pode sentir a vontade, isso vai abrandando, e tem milhares, por exemplo, eu já fui pra Rússia e eu sabia que a Rússia era muito racista e me avisaram sobre isso, então eu fui consciente, eu sabia os perigos que poderiam acontecer ali e tive casos de racismo lá, mas ao saber isso já me deixou um pouco mais armado, mais armado mesmo, tinha uma armadura ali pra me defender daquele processo.